



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE RONDONÓPOLIS  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**



**CAROLINI RODRIGUES GROTO SOUZA**

**EU, PROFESSORA? MEMÓRIAS DE UMA INICIANTE**

Rondonópolis - MT

2023

**CAROLINI RODRIGUES GROTO SOUZA**

**EU, PROFESSORA? MEMÓRIAS DE UMA INICIANTE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEdu) do Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Linha de Pesquisa Formação de Professores e Políticas Públicas Educacionais da Universidade Federal de Mato Grosso, Campus Universitário de Rondonópolis, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Simone  
Albuquerque da Rocha

Rondonópolis - MT

2023

### **Dados Internacionais de Catalogação na Fonte**

Ficha catalográfica elaborada de forma automática com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).  
Permitida a reprodução parcial ou total, desde que citada a fonte.

Souza, Carolini Rodrigues Groto.

Eu, professora? [recurso eletrônico] : Memórias de uma iniciante / Carolini Rodrigues Groto Souza. – Dados eletrônicos (1 arquivo : 115 f., il. color., pdf). – 2023.

Orientador(a): Simone Albuquerque da Rocha.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Rondonópolis, Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Programa de Pós-Graduação em Educação, Rondonópolis, 2023.

Inclui bibliografia.

1. Professora iniciante. 2. Memórias de formação docente. 3. Narrativas de si. 4. Memorial de formação. 5. Grupo de pesquisa InvestigaçãO. I. Rocha, Simone Albuquerque da, *orientador*. II. Título.



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO**  
**UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDONÓPOLIS**  
**PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**FOLHA DE APROVAÇÃO**

**TÍTULO: "EU, PROFESSORA? MEMÓRIAS DE UMA INICIANTE"**  
**AUTORA: MESTRANDA CAROLINI RODRIGUES GROTO SOUZA**

Dissertação defendida e aprovada em **24/04/2023**.

**COMPOSIÇÃO DA BANCA EXAMINADORA**

- 1. Doutora Simone Albuquerque da Rocha Presidente Banca / Orientadora**  
**Instituição: UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDONÓPOLIS/UFMT**
- 2. Doutora Rosana Maria Martins Examinador Interno**  
**Instituição: UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDONÓPOLIS/UFMT**
- 3. Doutora Maria Helena Menna Abrahão Examinador Externo**  
**Instituição: UFRGS**
- 4. Doutora Érika Virgílio Rodrigues da Cunha Examinador Suplente**  
**Instituição: UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDONÓPOLIS/UFMT**

**RONDONÓPOLIS, 24/04/2023.**



Documento assinado eletronicamente por Rosana Maria Martins, Docente UFR, em 27/04/2023, às 12:39, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por Simone Albuquerque da Rocha, Docente UFR, em 11/05/2023, às 16:18, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por Carolini Rodrigues Groto Souza, Usuário Externo, em 23/05/2023, às 23:10, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por Maria Helena Menna Abrahão registrado(a) civilmente como Maria Helena Menna Barreto Abrahão, Usuário Externo, em 25/05/2023, às 06:52, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufr.edu.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufr.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador 0157385 e o código CRC 63D4A91C.

## AGRADECIMENTOS

Ao majestoso Rei da Glória, o todo poderoso, que, quando testou meus limites, me fez avançar em minha trajetória formativa. Sustentou-me em seus braços e não me deixou desistir, pois até aqui me ajudou o Senhor. A Deus, pela sabedoria e conhecimento.

A minha amada filha, por suportar minha ausência, nos momentos em que ela solicitava minha presença e os desafios me chamavam à responsabilidade.

A cada um dos professores do curso de Mestrado em Educação que me estimularam a refletir sobre os conhecimentos adquiridos.

Ao pai de Larissa, pelo companheirismo.

A sua avó paterna, Zeneide, por me ajudar na educação de minha filha, em minha ausência.

A minha mãe, Célia, pelas suas sábias palavras de motivação e pelo abraço quando eu já estava cansada.

Aos meus amados e doces avós, Aparecida e Osvaldo (*in memoriam*), pela educação, por acreditar em mim e sempre me fazerem seguir em frente e nunca desistir dos meus sonhos.

A minha irmã amada e doce, Cristiane, por me oferecer seu ombro amigo, em todos os momentos de minha vida.

Ao meu pai, Amarildo, por ter me ensinado a ter dignidade, humildade e seriedade em nosso trabalho.

A todos os amigos e amigas que Deus colocou em meu caminho, para me segurar quando eu já não tinha mais forças para seguir em frente, como a Jucelma, Lucélia e Rosângela.

A todos e todas que contribuíram direta ou indiretamente para que este sonho se tornasse possível.

Aos amigos e colegas de mestrado, pelo apoio e fortalecimento neste caminhar.

Em especial, a minha orientadora querida, Prof.<sup>a</sup> Dra. Simone Albuquerque da Rocha, por ter acreditado em mim desde o meu início, na graduação em Pedagogia, em 2015, quando era participante ativa do grupo de pesquisa InvestigaÇÃO, e por sempre acompanhar minha trajetória formativa e pessoal. Cá estamos, juntas.

À Prof.<sup>a</sup> Dra. Rosana Maria Martins, com sua personalidade doce, pelo companheirismo, dedicação, desde a graduação, na disciplina de Didática, tendo me apresentado a pesquisa narrativa, que inspirou a minha escrita do TCC.

À Prof.<sup>a</sup> Dra. Maria Helena Menna Barreto Abrahão, pela disponibilidade em compor a banca externa, um sonho realizado, pois ao longo da graduação e do mestrado li suas produções que muito contribuíram para a compreensão das escritas com narrativas.

A todos os integrantes e parceiros do grupo de pesquisa Investigação, pela participação e partilha de conhecimentos: cada formação com o grupo, cada encontro com os pares, tudo colaborou para a construção identitária no processo de autoformação.

## AGRADECIMENTO ESPECIAL

*Assim como uma planta nasce, cresce, reproduz, envelhece e morre, também essa é a nossa trajetória de vida.*

*Nunca estamos preparados para perder.*

*Perder quem amamos é uma tarefa dolorosa. Foi assim comigo.*

*Quem me pegou no colo, deu o primeiro banho, ajudou a escolher meu nome e a primeira roupa. Quem planejou minha vida e me educou.*

*Quem costurava roupas e se esforçava para ir à escola e assistir minhas apresentações. Quem investia tempo e sempre acreditou em minha capacidade e com quem poderia contar.*

*Quem me carregava na carriola para brincar e estava ali quando o medo invadia minha cabeça. Quando sentia vontade de parar, com eles eu tinha força para continuar seguindo meus sonhos e a nunca desistir.*

*Eram eles, meu avô e minha avó, Cida e Vardão.*

*Sou a neta primogênita, e isso foi o que meus avós fizeram por mim. Jamais me esquecerei do que minha avó me disse quando eu tinha apenas cinco anos de idade: “Carolini Rodrigues Groto, nós te demos um nome e um sobrenome. Você é muito inteligente. Agora, cabe a você decidir que destino você quer traçar para você. Eu irei te ajudar a vencer. Apenas escuta o conselho dessa velha aqui. Sua avó.”. Meu destino estava sendo costurado por Deus e pelas mãos dela. Era eu quem vovó levava para a escola quando ela tinha Formação. Vovó era professora de Educação Infantil. Era eu quem ela levava para a creche da Vila Canaã. Vovó educou e ensinou todos os netos. Mas era em mim que vovó investia intensamente seu tempo, levando para conhecer o seu trabalho, a sua luta, a sua paixão por ensinar. Comprava gibis pra mim. Vovô Vardão, assim nós o chamávamos, amava dançar, escutar música e contar causos de assombração. É difícil suportar a dor da saudade e eu preciso ser forte e conviver com as memórias lindas dos meus amados e queridos avós. Seus sorrisos, suas alegrias, seus abraços, seus conselhos, tudo o que eles representam pra mim.*

*Devolvê-los ao Criador, neste momento em que me dedico à escrita da dissertação, é um processo muito sofrido, porque vovó e vovô sonhavam assistir a minha defesa do mestrado e queriam ainda me ver no doutorado, pois é um sonho*

*desde a minha tenra infância. Ser “doutora das letras”. Com eles eu aprendi a nunca desistir dos sonhos e nunca parar até conseguir.*

*Na escrita desta dissertação, (re)descobri que vovó queria que eu fosse como ela, professora.*

*A vocês, Cida e Vardão, queridos e amados avós, minha eterna gratidão, o meu amor, meu carinho, meu respeito, tudo o que eu fui pra vocês. Agora, a minha eterna saudade. Espero um dia reencontrá-los, abraçá-los, pedir a benção, escutar suas vozes e beijar suas doces mãos.*





## RESUMO

Esta pesquisa, intitulada “Eu, professora? Memórias de uma iniciante” constitui-se de memoriais da trajetória de formação enquanto professora iniciante, registradas desde a graduação em Pedagogia até a conclusão do mestrado em Educação. Está associada à linha de pesquisa “Formação de Professores e Políticas Públicas Educacionais”, do Programa de Pós-Graduação em Educação do Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal de Rondonópolis (PPGEdu/ICHS/UFR). A escolha deste tema partiu das reflexões da autora enquanto participante do projeto OBEDUC/CAPES/INEP/SECADI, que teve continuidade como FormEduc. Neste projeto ocorreram diálogos, interações e estudos com mestrandos e doutores, assim como o envolvimento com professores iniciantes e experientes na formação continuada com as redes públicas estadual e municipal. A partir de então, questiona-se: De que forma as memórias mobilizam as narrativas de si organizadas em memoriais reflexivos de formação docente e podem favorecer o desenvolvimento profissional de professores iniciantes? O objetivo geral tem como proposta investigar memórias, organizadas em narrativas de si nos memoriais de formação, no sentido de compreender como uma iniciante foi se constituindo professora, ao longo da trajetória de formação, na licenciatura, como bolsista, participante do Grupo de Pesquisa InvestigaçãO e, ultimamente, como mestranda e professora iniciante na rede pública. Essa pesquisa, em que os memoriais de formação são referenciais processos de autoformação em diálogos com o Eu, adotou-se o método autobiográfico. Os resultados contribuíram para historicizar o percurso da autora, desde o início da profissão docente, sinalizando situações de incerteza, aflição e inseguranças, ressignificadas e redimensionadas a partir das discussões junto ao grupo de pesquisa InvestigaçãO e potencialmente reflexivas nas análises dos próprios memoriais de formação.

**Palavras-chave:** Professora iniciante; memórias de formação docente; narrativas de si; memorial de formação; grupo de pesquisa InvestigaçãO.

## ABSTRACT

This research, entitled “Me, teacher? Memories of a beginner” consists of the memorials of the education trajectory of a teacher, today beginner, registered since the undergraduate course in Pedagogy up to the conclusion of the masters in Education. It is associated to the research line “Teacher Education and Educational Public Policies”, of the Postgraduate Program in Education of the Human and Social Sciences Institute of the Federal University of Rondonópolis (PPGEdu/ICHS/UFR). The choice of this theme arose from the reflections of the author while participant of the project OBEDUC/CAPES/INEP/SECADI, which had continuity as FormEduc. In this project occurred dialogues, interactions and studies with masters students and doctors, as well as the involvement with beginner and experienced teachers in the continuing teacher education with the public state and city systems. Since then, it was questioned: In what way can the memories, organized in reflexive memorials during the teacher education, favor the professional development of a beginner teacher? The main objective had as proposal investigating if and how the memories, organized in narratives of self in the memorials of education, enabled the author to comprehend how she was constituting herself as teacher, in the course of the trajectory of education, since the undergraduate licentiate course, as scholarship holder, participant of the Research Group InvestigAction, and, lately, as master student and beginner teacher in the public system. This research, in which the memorials of education are referenced processes of self-education in dialogues with the Me, the autobiographical method was adopted. The results contributed to historicize the journey of the author, since the beginning of the teaching profession, signaling situations of uncertainty, distress and insecurity, reframed and redimensioned from the discussions with the research group InvestigAction and potentially reflexive in the analysis of her own memorials of education.

**Keywords:** beginner teacher; memorials of teacher education; narratives of self; memorial of education; research Group InvestigAction.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Demonstrativo de coleta e seleção dos trabalhos – Portal Ict/BDTD ..	31
Figura 2 - Demonstrativo de coleta e seleção dos trabalhos – Portal Capes .....	35
Figura 3 - Imagem do sistema de busca – Portal Capes (Obtenção de resultados) .....	35
Figura 4 - Demonstrativo de coleta e seleção dos trabalhos – Portal Anped .....	38
Figura 5 - Imagem do sistema de busca – Portal Anped (Obtenção de informações) .....	39
Fotografia 1a - Noite de autógrafos e apresentação das obras literárias .....	75
Fotografia 2a - Apresentação do Projeto Cordel .....	76
Fotografia 1b - Apresentação da Mostra Literária .....	89
Fotografia 2b - Textos de alunos sobre a participação no Projeto Ler é uma Aventura .....	89

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Terminologias encontradas nas palavras-chave dos resumos do resultado final dos trabalhos Ibict/BDTD .....	33
Quadro 2 - Terminologias encontradas nas palavras-chave dos resumos do resultado final dos trabalhos Capes .....	37
Quadro 3 - Terminologias encontradas nas palavras-chave dos resumos do resultado final dos trabalhos Anped .....	39
Quadro 4 - Terminologias encontradas nas palavras-chave dos resumos do resultado final dos trabalhos SciELO .....	42

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

<b>Anped</b>	Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação
<b>BDTD</b>	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
<b>BNCC</b>	Base Nacional Comum Curricular
<b>Capes</b>	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
<b>Cefapro</b>	Centro de Formação e Atualização de Profissionais da Educação
<b>Enem</b>	Exame Nacional do Ensino Médio
<b>Faveni</b>	Faculdade Venda Nova Imigrante
<b>FormEduc</b>	Formação Educacional
<b>Ibict</b>	Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia
<b>ICHS</b>	Instituto de Ciências Humanas e Sociais
<b>Inep</b>	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
<b>Libras</b>	Língua Brasileira de Sinais
<b>Obeduc</b>	Observatório da Educação
<b>Pibid</b>	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência
<b>PPGEdu</b>	Programa de Pós-graduação em Educação
<b>Secadi</b>	Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão
<b>Semed</b>	Secretaria Municipal de Educação
<b>SciELO</b>	<i>Scientific Electronic Library Online</i>
<b>SIEX</b>	Sistema de Extensão
<b>TCC</b>	Trabalho de Conclusão de Curso
<b>UERJ</b>	Universidade do Estado do Rio de Janeiro
<b>UFJF</b>	Universidade Federal de Juiz de Fora
<b>UFMT</b>	Universidade Federal de Mato Grosso
<b>UFR</b>	Universidade Federal de Rondonópolis
<b>UFRR</b>	Universidade Federal de Roraima
<b>UFPA</b>	Universidade Federal do Pará
<b>UFRGS</b>	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
<b>UFSCAR</b>	Universidade Federal de São Carlos
<b>UFSM</b>	Universidade Federal de Santa Maria

<b>UFU</b>	Universidade Federal de Uberlândia
<b>Umei</b>	Unidade Municipal de Educação Infantil
<b>Unegro</b>	União de Negros pela Igualdade
<b>Unesp</b>	Universidade Estadual Paulista
<b>Unicamp</b>	Universidade Estadual de Campinas
<b>Unisinos</b>	Universidade do Vale do Rio dos Sinos
<b>UnoChapécó</b>	Universidade Ensino Superior em Chapécó
<b>USP</b>	Universidade de São Paulo

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>16</b>
<b>2 MEMORIAL COMO INSTRUMENTO DE INVESTIGAÇÃO-FORMAÇÃO DE PROFESSORES</b> .....	<b>22</b>
<b>3 MAPEAMENTO DO TEMA EM ESTUDO</b> .....	<b>29</b>
<b>3.1 A busca pelas produções do tema da pesquisa com o apoio de descritores</b> .....	<b>31</b>
<b>3.1.1 Análise dos descritores no portal BDTD</b> .....	<b>42</b>
3.1.1.1 <i>Professores iniciantes – memoriais</i> .....	43
3.1.1.2 <i>Professor iniciante – memorial</i> .....	44
3.1.1.3 <i>História de vida de professores iniciantes</i> .....	45
3.1.1.4 <i>Narrativas autobiográficas de professores iniciantes</i> .....	46
<b>3.1.2 Análise dos descritores no portal Capes</b> .....	<b>49</b>
<b>3.1.3 Análise dos descritores no portal Anped</b> .....	<b>55</b>
<b>3.1.4 Análise dos descritores no portal SciELO</b> .....	<b>56</b>
3.1.4.1 <i>Professor iniciante – Memorial (com o operador booleano OR)</i> .....	56
3.1.4.2 <i>Experiências autoformativas – Professores iniciantes (com o operador booleano OR)</i> .....	57
3.1.4.3 <i>Autoformação - Professores iniciantes (com o operador booleano OR)</i> .....	58
<b>4 METODOLOGIA</b> .....	<b>59</b>
<b>5 EU, PROFESSORA? CAROL EM NARRATIVAS</b> .....	<b>62</b>
5.1 <b>Memorial do Estágio da Educação não formal (2016)</b> .....	<b>65</b>
5.2 <b>Memorial do Estágio da Educação Infantil (2017)</b> .....	<b>66</b>
5.3 <b>Memorial do Estágio do Ensino Fundamental I (2018)</b> .....	<b>68</b>
5.4 <b>Memorial de Professora Iniciante 2019 – o início da profissão docente</b> .....	<b>71</b>
5.5 <b>Memorial de Professora Iniciante - 2020</b> .....	<b>78</b>
5.6 <b>Memorial de Professora Iniciante - 2021</b> .....	<b>80</b>
5.7 <b>Memorial de professora iniciante 2022 - Primeiro Semestre</b> .....	<b>83</b>
5.8 <b>Memorial da docência na itinerância</b> .....	<b>85</b>
5.9 <b>Memorial de Professora Iniciante - 2022 - Segundo semestre</b> .....	<b>87</b>
5.10 <b>Memorial OBEDUC/UFMT - um processo de heteroformação</b> .....	<b>90</b>
5.11 <b>Memorial Pibid/UFMT - Heteroformação em grupos de trabalho e interação</b> .....	<b>92</b>

<b>5.12 Memorial do SIEX/OBEDUC/UFMT – uma vivência de Heteroformação.....</b>	<b>94</b>
<b>5.13 Memorial dos estudos no FormEduc/UFMT Heteroformação em processo</b> .....	<b>95</b>
<b>6 CONTINUANDO O VOO.....</b>	<b>98</b>
<b>7 MEMORIAL DE FORMAÇÃO NA PÓS-QUALIFICAÇÃO .....</b>	<b>101</b>
<b>8 MEMORIAL DE FORMAÇÃO NA PÓS-DEFESA.....</b>	<b>104</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>106</b>



## 1 INTRODUÇÃO

“Ao ler, o importante não é o que o texto diz, aquilo a que o texto se refere, e sim o que o texto nos diz, aquilo para onde o texto se dirige. Não se trata de revelar um saber sobre o texto, mas sim de fazer a experiência do texto. O importante não é do que fala o texto, mas para que fala, para onde fala, para que pessoa ou pessoas fala. Na leitura, o texto fala para nós, nos fala: fala para nossa escrita, para nossa conversação, para nosso pensamento, para nossa maneira de viver.” (LARROSA, 2014, p. 142).

Esta pesquisa, intitulada “Eu, professora? Memórias de uma iniciante” constitui-se de memoriais da trajetória de formação de uma professora, hoje iniciante, registrados desde a graduação em Pedagogia até a conclusão do mestrado em Educação. Está associada à linha de pesquisa “Formação de Professores e Políticas Públicas Educacionais”, do Programa de Pós-Graduação em Educação do Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal de Rondonópolis (PPGEdu/ICHS/UFR). A escolha deste tema partiu das reflexões da autora enquanto participante do projeto OBEDUC/CAPES/INEP/SECADI, atualmente, Formação de Educadores (FormEduc. Nestes projetos ocorrem diálogos, interações e estudos com mestrandos e doutores, assim como no envolvimento com professores iniciantes e experientes na formação continuada com as redes públicas estadual e municipal.

As atividades desse projeto se iniciaram em 2013, quando se selecionaram professores iniciantes atuantes nas redes municipal e estadual em Rondonópolis, Mato Grosso, oferecendo-lhes formação continuada de modo a atender suas necessidades formativas, sempre acompanhados das coordenadoras da escola onde atuavam. O Obeduc abrangia também alunos graduandos bolsistas, professores da educação básica e mestrandos, nesse ambiente de formação. Deste modo, eu, como graduanda, selecionada bolsista, fui me constituindo aluna-professora ao compartilhar, com os iniciantes, suas angústias, seus anseios, suas fragilidades e necessidades formativas.

Quando se encerrou o OBEDUC/CAPES/INEP/SECADI, em 2017, eu, como graduanda, na época, permaneci com os estudos do grupo e a produção de escrita acadêmica com mestrandos, até que surgiu o SIEX/OBEDUC/UFMT como política Extensionista. Ao encerrar a graduação e os estudos com o grupo colaborativo, o nome do grupo teve uma nova alteração, passando a denominar-se FormEduc. Os estudos de formação continuada de professores iniciantes e experientes

prossegiram, visando atender suas necessidades formativas, que são trabalhadas coletivamente.

Nesse ambiente de pertença, foram surgindo pesquisas de mestrado e projetos de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), inclusive o meu, valorizando os docentes, suas vivências e sua formação no lócus da escola. Nesta perspectiva, Nóvoa (1992, p. 20, grifos do autor) explica que “os professores são encarados, sucessivamente, como ‘objetos’ da investigação, como ‘sujeitos’ da formação e como ‘atores’ da investigação-formação”.

No Obeduc, trabalhávamos com memoriais de formação redigidos pelos professores iniciantes, que registravam seus avanços e dúvidas que contribuíam para retrocessos, mas, quando assistidos, os impulsionavam para práticas exitosas.

Nesse viés, as narrativas de formação, na perspectiva autobiográfica, forneciam aos professores a oportunidade de eles investigarem sobre sua prática. Assim, a partir de buscas e reflexão, promoveriam uma (re)construção permanente de si em autoformação.

Então, me questiono: De que forma as memórias mobilizam as narrativas de si organizadas em memoriais reflexivos de formação docente e podem favorecer o desenvolvimento profissional de professores iniciantes?

No que se refere aos objetivos, o objetivo geral tem como proposta investigar memórias, organizadas em narrativas de si nos memoriais de formação, no sentido de compreender como a iniciante foi se constituindo professora, ao longo da trajetória de formação, na licenciatura, como bolsista, participante do Grupo de Pesquisa InvestigAção e, ultimamente, como mestranda e professora iniciante na rede pública. Quanto aos objetivos específicos, pretendo:

- Situar-me na docência como professora iniciante, descrevendo essa fase a partir de teóricos e confrontando minhas vivências com os saberes construídos, sempre acompanhadas de reflexões que circundam a autoformação.
- Sinalizar em que momentos da formação as memórias constroem as narrativas em memorial como processo de autoformação no decorrer da pesquisa.
- Narrar a trajetória de tornar-se professora iniciante por meio de estudos, textos narrativos, propostas pedagógicas e participação em grupos colaborativos em rede.

- Compreender como a convivência com o Projeto OBEDUC, que contribuiu para a formação de professores iniciantes, graduandos e mestrandos, corroborou a minha formação e meu início de docência.

A respeito do que compreendo por memória, nesta pesquisa, busco referenciais em Abrahão (2008), ao afirmar que:

A memória é reconstrutiva por natureza. A verdade que buscamos com a pesquisa não é a narrativa exata de como os fatos realmente aconteceram, mas os fatos como o sujeito da narrativa os significou no momento de sua ocorrência e como os (re) significa no momento da narração em contato com os ouvintes que com ele interagem (ABRAHÃO, 2008, p. 154).

Esse tipo de pesquisa, em que a memória é revelada em narrativas nos memoriais de formação, associa-se ao método de abordagem autobiográfico, ao compreender os processos de autoformação e um diálogo com o “Eu” na trajetória da pesquisa. As memórias contribuíram para historicizar todo o meu percurso, desde o início da formação até os anos iniciais da profissão docente, sinalizando situações de incertezas, aflição e inseguranças, como as relatadas por muitos iniciantes.

Freitas e Barguil (2021) asseveram que:

A auformação é um processo de vida e de interações cognitivas, na qual o sujeito é protagonista de sua própria formação permanentemente, a partir dos fatos sociais que estão em constante mudança. Cabe ressaltar que Educação e formação podem ter dois significados distintos. O primeiro refere à prática social e o segundo como transformação pessoal. A abordagem (auto)biográfica busca conectar Educação e formação vinculando a história de vida do sujeito à sua própria aprendizagem experiencial (FREITAS; BARGUIL, 2021, p. 290).

Dessa forma, envolta em reflexões e narrativas, que integram minha autoformação, tenho me constituído professora, ainda como graduanda do Obeduc. Sempre interessada, permaneci no grupo de estudos Obeduc/FormEduc, mesmo quando concluí minha graduação e comecei a trabalhar como docente iniciante.

Neste cenário, me vi entre as situações já narradas pelos professores no Obeduc, o que me fez sentir em um ambiente de pertença. Vaillant e Marcelo (2012, p. 132) afirmam que: “Os primeiros anos de docência, não só representam um momento de aprendizagem do “ofício” do ensino, especialmente em contato com os alunos nas aulas. Significam também um momento de socialização profissional”.

Assim, logo me interessei pelo mestrado em Educação e mergulhei nas narrativas, acompanhada pela coordenadora do Obeduc, agora minha orientadora, Prof.<sup>a</sup> Dra. Simone Albuquerque da Rocha.

Durante todo o período do mestrado, trabalhei como professora iniciante e passei por muitos desafios ao cumprir as exigências de um curso desse nível. Neste contexto, tenho orgulho da profissional professora – responsável, competente e pesquisadora – que tenho construído.

Reconhecendo-me desta forma, e mergulhada neste momento da vida acadêmica, vi crescer em mim a motivação para estudar a respeito, nasceu, então, um projeto de investigação sobre como se deu/se dá minha constituição identitária de professora iniciante, a partir das narrativas de si, por meio de memoriais reflexivos semestrais.

Desse modo, intento, neste trabalho, por meio da memória e discussões teóricas, refletir os caminhos e descaminhos da prática de autoformação, a fim de compreender como está ocorrendo esse processo formativo e de construção de novos conhecimentos para a profissão docente.

Neste sentido, como justificativa a esta pesquisa, existem reflexões, a partir das narrativas de si, dos memoriais formativos que tiveram início no curso de licenciatura, e se intensificaram, em volume e conteúdo, com a pesquisa de mestrado, dentro do espaço de formação como pesquisadora.

Para dar forma a esta pesquisa, adotei narrativas no processo de formação. Conforme Prado e Soligo (2007), a perspectiva narrativa é:

[...] uma seqüência de acontecimentos, é um tipo de discurso que nos presenteia com a possibilidade de dar à luz o nosso desejo de revelar. [...] todo o narrado é algo que se constrói a partir das partes escolhidas. Essa relação entre a narrativa e o que nela se revela faz com que suscite interpretações e não explicações – não é o que explica que conta, mas o que a partir dela se pode interpretar (PRADO; SOLIGO, 2007, p. 3).

Nos cursos de formação de professores, essa perspectiva permite perceber como vem se constituindo a identidade do professor no processo de autoformação, corroborando a construção da formação permanente.

A pesquisa com narrativas do tipo memorial de formação é compreendida como possibilidade de otimizar reflexões sobre os processos formativos de rever a si

mesmo, nos movimentos de profissional docente e transformação/construção docente. Para Souza (2008),

A pesquisa com narrativas (auto) biográficas ou de formação inscreve-se neste espaço onde o ator parte da experiência de si, questiona os sentidos de suas vivências e aprendizagens, suas trajetórias pessoais e suas incursões pelas instituições, no caso, especificamente a escola, pois as nossas histórias pessoais são produzidas e intermediadas no interior e no cotidiano das práticas sociais instituídas e institucionalizadas (SOUZA, 2008, p. 95).

Nessa direção, as narrativas em memoriais de formação são adequadas aos processos nos quais a própria pessoa se (auto)biografa, reflexivamente. Abrahão e Rosa (2012), então, afirmam que:

O método (auto)biográfico tem, em especial quando se trata de compreender trajetórias no âmbito da educação, se ocupado da formação de professores, da construção da identidade docente, da (auto)biografia como móvel da investigação-formação e como prática de formação, isso sem contar os estudos geracionais, bem como aqueles que tratam de docência e memória, dentre outras dimensões e diversificadas nuances (ABRAHÃO; ROSA, 2012, p. 13).

Quanto à metodologia da pesquisa, posso afirmar que ela foi se formando ao longo do processo formativo, com a coleta de memoriais sistêmicos em fontes de análise e (auto)formação do pesquisador.

Bogdan e Biklen (1994) fomentam que:

Esta abordagem é útil em programas de formação de professores porque oferece aos futuros professores a oportunidade de explorarem o ambiente complexo das escolas e simultaneamente tornam-se mais autoconscientes acerca dos seus próprios valores e da forma como estes influenciam as suas atitudes face aos estudantes, diretores e outras pessoas (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 287).

Assim, consiste também em metodologia refletir sobre o processo de autoformação na perspectiva do método biográfico, como maneira de se rever no passo a passo e de se construir ao longo da formação registrada em narrativas.

A formação, conforme aponta Pineau (2014), compreende três categorias: a autoformação (ação do eu), a heteroformação (ação dos outros) e a ecoformação (ação do meio ambiente). Neste caso, me amparo nestas três categorias para investigar sobre meu processo identitário por meio dos recursos da memória. Assim, sinalizo, a seguir, a síntese organizada para o relato desta pesquisa.

Na seção “Introdução”, apresento pontos relevantes, como: a intencionalidade da pesquisa; justificativa; objetivos geral e específicos; e a metodologia.

Para elaborar o “Mapeamento do tema em estudo” recorri aos teóricos, para uma melhor compreensão a respeito, e fiz buscas em teses e dissertações nas plataformas da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD); da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED) e da *Scientific Electronic Library Online* (SciELO).

Quanto à seção “Memorial como instrumento de Investigação - Formação de professores”, nela sinalizo minha história e minhas memórias em diálogo com a fundamentação teórica para destacar os caminhos que me levaram ao mestrado; apresento a perspectiva narrativa de cunho autobiográfico.

Já a seção “Metodologia” aponta a trajetória da pesquisa, situando o leitor sobre a forma como foi desenvolvida a pesquisa.

Na sequência, a seção “Eu, professora? Carol em narrativas”, desvela o cenário da pesquisa debruçando-se no que discutem os teóricos sobre o professor iniciante e analisando os memoriais reflexivos semestrais, reportando os autores que sustentam minhas reflexões.

Na seção “Continuando o voo” trago algumas considerações acerca da narrativa de si, que é um processo que, desde o objeto da memória, o cérebro silencia e organiza em um processo de reconstruir, ressignificar e discernir os pensamentos. Desta maneira, suscitam-se memórias, acontecimentos e fatos, costurando-se fios que se entrelaçam para, então, recontar sua história de vida, com fios coerentes. Neste ínterim, surgem significados e possibilidades para se rever e perceber em um processo de autoformação e transformação de si. Tal como fiz aqui, neste estudo.

Em sequência, na seção “Memorial de Pós-Qualificação”, compartilho os passos trilhados para atender às solicitações da banca.

Por fim, na seção “Memorial de Pós-Defesa”, pontuo acerca do meu crescimento neste processo de formação.

## 2 MEMORIAL COMO INSTRUMENTO DE INVESTIGAÇÃO-FORMAÇÃO DE PROFESSORES

A narrativa como possibilidade de investigação-formação teve início em nosso país a partir de 1990, no sentido de acompanhar trajetórias de formação de professores, sendo adotada em pesquisas nos programas de pós-graduação e socializadas em estudos e eventos.

Nesse sentido, Cunha (1997, p. 191) afirma que "[...] a narrativa pode, assim, ser tanto um fenômeno a ser investigado quanto um método de investigação". Usar a lente da narrativa da formação permite que o professor se olhe no espelho e perceba que a educação é um processo, e este processo de formação de professores nunca está pronto e completo. Sendo assim, Passeggi e Souza (2017) preconizam que:

As narrativas propõem uma nova episteme, um novo tipo de conhecimento, que emerge não na busca de uma verdade, mas de uma reflexão sobre a experiência narrada, assegurando um novo posicionamento político em ciência, que implicam princípios e métodos legitimadores da palavra do sujeito social, valorizadores de sua capacidade de reflexão, em todas as idades, independentemente do gênero, etnia, cor, profissão, posição social, entre outras opções (PASSEGGI; SOUZA, 2017, p. 11).

No sentido em que os autores concebem a narrativa, há outro olhar, então, de Josso (2014), que afirma:

Tomada na sua globalidade, a narrativa articula períodos da existência que reúnem vários “fatos” considerados formadores. A articulação entre esses períodos efetua-se em torno de “momentos- charneira”, designados como tal porque o sujeito escolheu - sentiu-se obrigado a – uma reorientação na sua maneira de se comportar, e/ou na sua maneira de pensar o seu meio ambiente, e/ou pensar em si por meio de novas atividades. Esses momentos de reorientação articulam-se com situações de conflito, e/ou com mudanças de estatuto social, e /ou com relações humanas particularmente intensas, e/ou com acontecimentos socioculturais, familiares, profissionais, políticos, econômicos (JOSSO, 2014, p. 67, grifos da autora).

A autora pontua que esse efeito charneira é o momento em que o sujeito, narrador de sua história, em um processo de reflexão, provoca mudanças e relações intensas em seu processo, um reconstruir de si. Assim, por mais que pessoas se identifiquem com acontecimentos similares que vivenciaram, o grau das experiências não é o mesmo.

Ainda conforme Josso (2014),

Nesses momentos – charneiras, o sujeito confronta-se consigo mesmo. A descontinuidade que vive impõe-lhe transformações mais ou menos profundas e amplas. Surgem-lhe perdas e ganhos e, nas nossas interações, interrogamos o que o sujeito fez consigo, ou o que o mobilizou a si mesmo para se adaptar à mudança, evitá-la ou repetir-se na mudança (JOSSO, 2014, p. 67).

Nossas vidas, nossas histórias e nossas linhas do tempo são governadas por várias teorias científicas que nos dão marcadores de felicidade e infelicidade. Sabendo da sua existência e das novas possibilidades de educação, lembremo-nos do grande poeta Mário de Andrade (2009, p. 102) que dizia que "o passado é uma lição para refletir, não para copiar".

Com base nisso, entendo que, ao longo de minha formação, encontrei perspectivas ora tradicionais e positivistas, ora tecnicistas nas práticas de meus professores. Esse movimento reflexivo ocorreu em um curso de formação de professores. Hoje, em minha ação enquanto professora, como projeto de educabilidade, tenho que ter o compromisso político de romper com as teorias neoliberais, que anulam e corroem a subjetividade do sujeito.

Nessa direção, apoio-me em Passeggi e Souza (2017), quando afirmam que:

[...] as narrativas autobiográficas como fonte e método de investigação qualitativa, indagando-se sobre práticas docentes, as trajetórias de formação, não apenas para produzir conhecimento sobre essas práticas, mas perceber como os professores dão sentido a elas. Emerge assim, das narrativas de professores, em formação inicial ou continuada, uma variedade de temas que entrecruzam memórias, percursos de formação, questões de gênero, trajetórias de aprendizagens e formação para a docência (PASSEGGI; SOUZA, 2017, p. 13).

Além disso, a sala de aula é o espaço onde ocorre o ato do educar cientificamente. É a oportunidade de conhecer a si mesmo, perceber como a práxis dá sentido ao exercício docente, bem como conhecer os outros. Trata-se de uma reflexão provocativa.

De acordo com Campos (2014), a docência:

Exige do professor a sua postura de sujeito na observação sensível do educando e se relaciona com os fatos e acontecimentos da vida da pessoa em formação, da personalidade e do seu ser. O professor deve ser levado a conhecer o outro pela sua postura, pelo seu



posicionamento e pelo que se faz da definição da sua imagem e identidade. A docência é a mediação da pessoa do professor com o amadurecimento do outro, ainda não maduro como pessoa. É o sinônimo da plena consciência de educar: fazendo-se pessoa, sendo pessoa [...] (CAMPOS, 2014, p. 106).

Nesse processo de reflexão sobre narrativas de si, Passeggi (2011, p. 153) fomenta que “[...] Elas são suficientemente distantes das práticas usuais de formação, para oferecerem oportunidades de tomada de consciência, potencializarem aberturas, interrogações e transformações”. Assim, possibilita ao sujeito olhar, por diferentes lentes, como foi o seu processo de formação profissional e que motivo o levou a ser professor.

A experiência narrativa é um percurso que, em contato com a linha do tempo, evoca no sujeito várias sensações e mostra como isso também está ligado ao humano e à sua formação profissional.

Para Passeggi (2011, p. 151), a experiência de visitar a consciência permite “[...] entre experiências e espaços sociais, entre a temporalidade subjetiva e o tempo histórico [...] compreender sentimentos de (in)adequação social ou intelectual face às tradições do seu grupo familiar, institucional”.

Passar pela escrita da narrativa de si faz o sujeito entender que a transformação parte de um processo que se estende ao longo da vida. Na formação de professores, esse processo permite que o sujeito acesse suas memórias para olhar e entender que a educação é complexa. Requer dele, portanto, reflexão sobre suas ações e abertura a novas perspectivas, reconhecendo as marcas deixadas em si. O processo de se formar professor constitui-se em marcas que se formam por experiências da natureza humana.

Para tentar explicar este percurso, recorro a Westbrook *et al.* (2010):

Enquanto vivo, eu não estou, agora, preparando-me para viver e, daqui a pouco, vivendo. Do mesmo modo, eu não estou em um momento preparando para educar-me e, em outro, obtendo o resultado dessa educação. Eu me educo por intermédio de minhas experiências vividas inteligentemente. Existe, sem dúvida, certo decurso de tempo em cada experiência, mas assim as primeiras fases como as últimas do processo educativo têm todas igual importância e todas colaboram para que eu me instrua e me eduque – instrução e educação que não são os resultados externos da experiência, mas a própria experiência reconstruída e reorganizada mentalmente no curso de sua elaboração (WESTBROOK *et al.*, 2010, p. 38).

Ademais, amparo-me também em Cunha (1997), quando enfatiza que:

O professor constrói sua performance a partir de inúmeras referências. Entre elas estão sua história familiar, sua trajetória escolar e acadêmica, sua convivência com o ambiente de trabalho, sua inserção cultural no tempo e no espaço. Provocar que ele organize narrativas destas referências é fazê-lo viver um processo profundamente pedagógico, onde sua condição existencial é o ponto de partida para a construção de seu desempenho na vida e na profissão. Através da narrativa ele vai descobrindo os significados que tem atribuído aos fatos que viveu e, assim, vai reconstruindo a compreensão que tem de si mesmo [...] (CUNHA, 1997, p. 189).

As dificuldades por mim encontradas na escrita deste trabalho consistem em ordenar minhas vivências e memórias, e expressar, por palavras escritas, essa construção do pensamento. Isso ocorre porque, cada vez que eu as acesso, recordo de situações há muito esquecidas.

Nesse sentido, a escrita avança a cada passo quando adentramos na pesquisa em busca das investigações, processo em que o sujeito vai compondo o seu repertório teórico, se apropriando dos materiais que irá usar para a pesquisa e descartando os que, naquele momento, não são apropriados para utilizar, como também o diálogo com o orientador. Para isso, é preciso observar os pontos positivos do processo e os pontos negativos, que precisam de um olhar sensível da análise. Clandinin e Connelly (2015) apontam que:

À medida que avançamos na composição do nosso texto de pesquisa elas nunca ficarão totalmente claras até que o texto final esteja completo. Enquanto a escrita do texto avança, a forma muda e se amplia. Há uma noção orgânica no trabalho, um tipo de forma genética desenvolvimental. A própria escrita faz diferença para a forma atual do texto final. Há um tipo de crescimento ou de desenvolvimento de noções rudimentares de forma, até se alcançar a forma que é finalmente aplicada no texto escrito (CLANDININ; CONNELLY, 2015, p. 202).

Diante disso, compreendo que, se escrevemos num curso de Formação de Professores, o ponto de partida para a escrita pode ser simplesmente ouvir uma música. No meu caso, partiu das necessidades formativas enquanto professora iniciante.

Conforme Le Goff (2013, p. 437), “a memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir ao presente e ao futuro”, e, ainda, sendo “geradora da identidade, a memória pode ser vislumbrada como sendo participante de sua construção [...]”.

Nesse processo, cabe que as memórias sejam revisitadas, ressuscitadas e recontadas por meio de narrativas, especialmente porque o ser humano está em constante processo de construção e reconstrução, a partir da reflexão sobre suas próprias ações. Sobre memória, Abrahão (2008) ressalta que,

Da mesma forma que a memória é reconstrutiva, é também seletiva. O ato narrado se estriba na memória do narrador. A significação que o narrador deu ao fato no momento de seu acontecimento é ressignificada no momento da enunciação desse fato. Isso se dá em virtude da memória ser seletiva, além de reconstrutiva mercê, não só do tempo transcorrido e das diferentes ressignificações que o sujeito da narração imprime aos fatos ao longo do tempo, mas também pelas ressignificações que ocorrem na relação que estabelece entre narrador e pesquisador no momento da narração. Essas ressignificações ocorrem, por sua vez, em virtude da interação estabelecida nesse momento, quando o que o narrador conta adquire novo colorido (inclusive também pela seleção do que deseja ou não contar), por priorizar fatos e acontecimentos julgados mais importantes ou por tê-los selecionado com o intuito de dar menor relevo a fatos e acontecimentos que não deseje trazer à tona (ABRAHÃO, 2008, p. 155).

A experiência narrativa autobiográfica na formação de professores estimula o sujeito a reexaminar sua memória e sua própria linha do tempo, especialmente sua consciência, na dimensão temporal.

Passeggi e Souza (2017) explicitam que

A pesquisa (auto) biográfica, recorrendo às histórias de vida e às narrativas autobiográficas como fonte e método de investigação qualitativa, indagando-se sobre práticas docentes, as trajetórias de formação, não apenas para produzir conhecimento sobre essas práticas docentes, mas perceber como os professores dão sentido a elas. Emerge assim, das narrativas de professores, em formação inicial ou continuada, uma variedade de temas que entrecruzam memórias, percursos de formação, questões de gênero, trajetórias de aprendizagens e formação para a docência (PASSEGGI; SOUZA, 2017, p. 13).

Para compreender o que afirmam os autores, a narrativa do sujeito sobre sua formação expressa os sentidos que o professor narrador dá às suas práticas, como produtoras de conhecimento e de sentidos. Neste processo, é possível entender que há uma autobiografia na medida em que, ao assim fazê-lo, redimensiona, reflete, refaz e ressignifica suas escritas. Penso que a autobiografia, neste caso, existe como uma (auto)narrativa reflexiva de si e de seus trajetos formativos em suas práticas e, assim, ao acreditar nisto, situo meu texto como uma autobiografia. Neste processo, há um

diálogo reflexivo que acontece entre aquele que narra a sua trajetória e o pesquisador, aquele que se apropria da própria narrativa para análise.

Acerca disso, Westbrook *et al.* (2010, p. 37) enfatizam que “a experiência educacional é, portanto, uma experiência inteligente na qual a mente se engaja, por meio da qual se percebem relações e continuidades antes não percebidas”. Diante disso, Nóvoa e Finger (2014) corroboram:

A formação pertence exclusivamente à pessoa que se forma. É evidente que todo mundo depende dos apoios exteriores que ajudam, estimulam e inspiram os percursos individuais: a formação é um espaço de socialização e está marcada pelos contextos institucionais, profissionais, socioculturais e econômicos, em que cada indivíduo vive. Por outro lado, a história individual está em interação constante com os acontecimentos históricos que modelam o futuro de uma dada sociedade [...] (NÓVOA; FINGER, 2014, p. 159).

A partir do entendimento desses autores, associa a formação à experiência, por meio de uma viagem pela linha do tempo da história de vida, em que o sujeito se vê diante de paisagens com diferentes molduras, cores e expressões, desde tons grafite até aquarelas.

Diante disso, Clandinin e Connelly (2015, p. 130) asseveram que: “Quando se sente o temporal fluir, a história e o sentido dos nomes, das datas e dos acontecimentos, a forma como alguém adentra a um lugar nunca será idêntica à de outra pessoa. [...]”. A temporalidade de existência, como as experiências familiares, não permite que estas sejam as mesmas, mas que apresentem alguns cenários em consonância. Além disso, Passeggi, Souza e Vicentini (2011, p. 374) fomentam que:

Em todos os casos, a escrita de si é considerada como um dispositivo mediante o qual a pessoa que escreve é levada a refletir sobre seu percurso de formação formal, não-formal e informal. Consideramos que escrever e interpretar o que foi significativo para determinar modos de ser, seja como aluno seja como professor-pesquisador-orientador, são, ao mesmo tempo, atividades formadoras e podem dar acesso ao mundo da academia visto pelos olhares de seus protagonistas (PASSEGGI; SOUZA; VICENTINI, 2011, p. 374).

A adoção da pesquisa-formação, possibilita enfatizar a subjetividade e dar voz aos sujeitos possibilitando à pessoa rever-se na memória reflexiva de outras histórias e superações, como sendo um projeto de formação e transformação de si. Nesse sentido pontuam Clandinin e Connelly (2015),

Nós todos somos personagens com múltiplos papéis que falamos de dentro de múltiplos enredos. Como tentamos capturar esta multiplicidade, precisamos considerar as vozes ouvidas e as vozes não ouvidas. Como pesquisadores, lutamos para falar nosso texto de pesquisa com múltiplas vozes. Nossos silêncios, ambos aqueles que nós escolhemos e aqueles dos quais não temos consciência, são também considerações de voz em nosso texto de pesquisa (CLANDININ; CONNELLY, 2015, p. 195).

Reflico que a narrativa de si é um processo que ocorre a partir da ativação da memória, em que ora estimula, ora redimensiona o dado, no sentido de reconstruir e discernir os pensamentos, acontecimentos e fatos. Desta forma, descosturam-se os fios que se entrelaçam para, então, recontar sua história de vida e formação com os fios agora encadeados, prontos para serem tecidos. Deste modo, é possível que o sujeito se reveja e se perceba em um processo de autoformação e transformação de si.

### 3 MAPEAMENTO DO TEMA EM ESTUDO

Na área de Ciências Humanas e Sociais, tendo como objeto de investigação a formação de professores, ressalto a importância da relação *orientando-orientador*. O papel do orientador é fundamental para o andamento da pesquisa, porque tem um rigor metodológico, uma expertise na condução de uma pesquisa de qualidade. Ambos têm seus papéis delineados, esclarecidos no processo de orientação, mas, sobre o papel do orientador na escrita do trabalho, Viana e Veiga (2010) afirmam que:

Na construção de um texto acadêmico é comum ensaios e tentativas para lapidar o texto. Isso faz parte da humildade acadêmica que precisamos ter ao reconhecer que o conhecimento se constrói em idas, vindas e retomadas para que a nossa produção seja a melhor possível (VIANA; VEIGA, 2010, p. 224).

Sendo assim, a relação entre ambos é intersubjetiva. Nesta proposta de caminharem juntos, os orientandos têm a oportunidade de aprender a compreender melhor o mundo, os conhecimentos, as relações históricas e atuais e a perspectiva dos caminhos que ainda serão traçados.

Nessa relação, Viana e Veiga (2010, p. 225) pontuam que “diálogo, dedicação, organização, disciplina, interesse, satisfação, reforçados pelo compromisso e responsabilidade de ambos, destacando a importância da autoavaliação do orientando e orientador no processo”, possibilitam crescimento, vivências, experiências e aprendizagens.

Esta pesquisa, entre idas e vindas, e na tessitura da escrita, tem sido inspiradora e desafiadora pelo fato do objeto “eu” traçar minhas experiências formativas para melhor conhecimento sobre si, sendo a orientação um contributo importante. Posso dizer que estamos aprendendo juntas este caminhar reflexivo, como Chené (2014, p. 139) afirma: “a compreensão da experiência de formação é a compreensão do eu”, logo, todo este processo de escrita de si possibilita a compreensão da trajetória formativa.

Dessa forma, sobre o tema escolhido e os caminhos e descaminhos que eu iria percorrer, assim como as leituras de livros, pesquisas e artigos, a participação em palestras que envolvem a temática desta pesquisa, e por meio dos descritores, lancei-me a novos voos. Aprofundei-me, então, na pesquisa das produções acadêmicas, nas plataformas de dissertações e teses, por meio do mapeamento dos dados no portal.

Dessa forma, busquei respostas às inquietações e questionamentos, como o que se tem produzido acerca dos descritores que envolvem a minha pesquisa, no Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia/BDTD. Motivada pela curiosidade epistemológica, decidi pesquisar sobre qual é a terminologia de pesquisa que os autores têm apresentado nas palavras-chave dos resumos da pesquisa levantada.

Nesse contexto, segui em busca de novas leituras que repercutem a temática em outros portais de pesquisa, para abastecer a escrita desta dissertação, tais como: *Scientific Electronic Library Online* (SciELO); Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e Anais da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED), sempre contando com as instruções da professora orientadora, de forma respeitosa e generosa, para maior profundidade na pesquisa.

Realizar este tipo de pesquisa é muito desafiador, por se tratar de uma pesquisa estado do conhecimento, que envolve o levantamento de determinado assunto, com a finalidade de compreender o que vem sendo estudado a respeito, em busca de novos caminhos e avanços ou, até mesmo, investigar eventuais lacunas.

O estado do conhecimento, de acordo com Morosini, Kohls-Santos e Bittencourt (2021),

É um tipo de metodologia bibliográfica, este está sendo cada vez mais utilizado para analisar e estabelecer o estado corrente das pesquisas em determinada área do conhecimento. Em educação, percebe-se, ao longo dos últimos anos, a incidência de pesquisas do tipo Estado do Conhecimento, não somente para integrar os textos de teses e dissertações, mas também como iniciativas de grupos de pesquisa, escrita de artigos científicos, dentre outras (MOROSINI; KOHLS-SANTOS; BITTENCOURT, 2021, p. 6).

Esse campo teórico propõe experiências inovadoras em busca dos questionamentos e interrogações que nós, pesquisadores, traçamos como análise investigativa e sistematização dos dados.

Para Morosini e Fernandes (2014), o estado do conhecimento:

Possibilita uma visão ampla e atual dos movimentos da pesquisa ligados ao objeto da investigação que pretendemos desenvolver. É, portanto, um estudo basilar para futuros passos dentro da pesquisa pretendida. [...] Neste sentido, a construção do Estado do Conhecimento, fornece um mapeamento das ideias já existente, dando-nos segurança sobre fontes e estudo, apontando subtemas passíveis de maior exploração ou, até mesmo, fazendo-nos

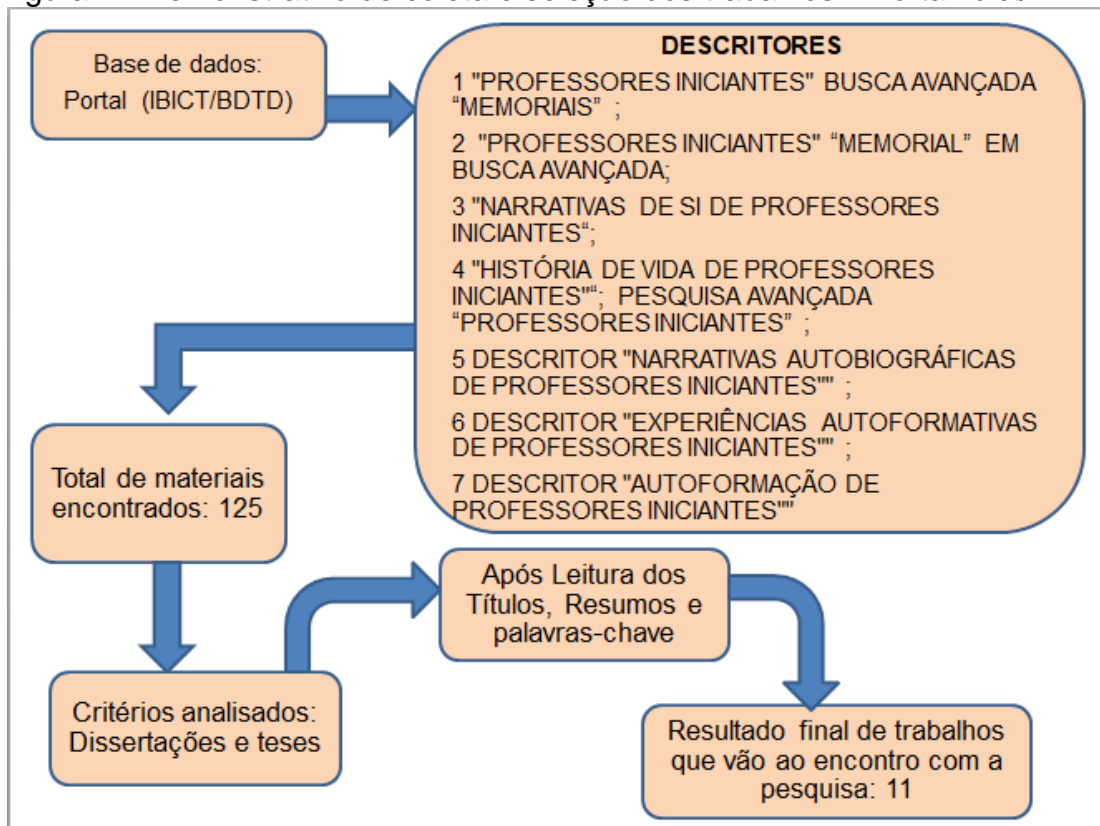
compreender silêncios significativos a respeito do tema de estudo (MOROSINI; FERNANDES, 2014, p. 158).

Com base nesses autores, parti dos descritores e do movimento para a seleção e coleta dos trabalhos.

### 3.1 A busca pelas produções do tema da pesquisa com o apoio de descritores

No campo das análises, foram utilizados neste trabalho sete descritores para a realização da pesquisa no portal Ibict/BDTD no período compreendido entre 2012 e 2022. A figura 1 ilustra o mapeamento de distribuição quantitativa de cada um deles:

Figura 1 - Demonstrativo de coleta e seleção dos trabalhos – Portal Ibict/BDTD



Fonte: elaborado pela autora.

Conforme mostra o organograma, para esta pesquisa, no primeiro descritor, “professores iniciantes”, coloquei aspas, resultando em 313 produções. Utilizei duas aspas em busca avançada para “memoriais”, resultando em 10 pesquisas, no total.

Quanto ao segundo descritor, “professores iniciantes”, com aspas, em busca avançada “memorial”, também com aspas, chegando ao total de cinco pesquisas. Já



no terceiro descritor, “narrativas de si de professores iniciantes”, foram encontrados três resultados.

No que concerne ao quarto descritor, “história de vida de professores iniciantes”, utilizei aspas e, em busca avançada, acrescentei “professores iniciantes”, com aspas, obtendo 30 resultados.

No que se refere ao quinto descritor, “narrativas autobiográficas de professores iniciantes”, digitei-o com aspas, encontrando 42 resultados.

Para o sexto descritor pesquisado, “experiências autoformativas de professores iniciantes”, foram cinco resultados. No que consiste ao sétimo descritor analisado, “autoformação de professores iniciantes”, foram localizados 29 resultados.

No total, foram encontradas 125 produções, das quais foram lidos o título, o resumo e as palavras-chave, o que me proporcionou o cenário das pesquisas nesta área. Finalizada essa leitura, restaram 11 produções que se aproximam da pesquisa aqui apresentada.

Observei que há poucos trabalhos em que a pesquisa narrativa de si é evocada, o que me levou a muitas reflexões. O que encontrei, ao ler os títulos, resumos e as palavras-chave dos trabalhos, foram muitas pesquisas em que os sujeitos falam do outro, dos grupos de pesquisas e das cartas pedagógicas, entre professores iniciantes. Provavelmente, porque falar de si mesmo seja uma tarefa complexa e desafiadora, que exige disponibilidade e abertura para uma postura construtiva.

Desse modo, me dispus a aprender o necessário para o desenvolvimento e a autoformação, tendo em mente o que Lechner (2012, p. 76) afirma: “Aprender é transformar-se. Transformar-se é aprender. Mudar de perspectiva é formar-se”.

Falar de si leva o sujeito a pensar e a mergulhar no oceano de si, rever sua trajetória de autoformação e se deparar com práticas em que não há coerência com o que estuda. Contudo, os 11 trabalhos selecionados provocaram um encantamento, diante de outras tantas práticas que se aproximam cada vez mais das teorias estudadas e que me incentivam a criar as minhas.

Assim, senti-me aguçada, tive uma curiosidade epistemológica e decidi me aprofundar na pesquisa quanto às terminologias utilizadas nas palavras-chave dos resumos investigados. Esse dado me fez ver o quão importantes são as palavras-chave na busca das pesquisas.

Segue, abaixo, o quadro 1, com os dados encontrados:

Quadro 1 - Terminologias encontradas nas palavras-chave dos resumos do resultado final dos trabalhos Ibict/BDTD

DESCRITORES	AUTORES ANO	TERMINOLOGIAS (Palavras-chave dos resumos do resultado final das pesquisas)	TOTAL
"PROFESSORES INICIANTES" BUSCA AVANÇADA "MEMORIAIS"	Lopes (2014)	Embora o trabalho seja na perspectiva Narrativa, no Resumo isso foi identificado; nas Palavras-chave, a autora não evidenciou. Identificou como: Memoriais de formação - Autoformação	1
"PROFESSORES INICIANTES" "MEMORIAL"	Furtado (2019)	Embora o trabalho seja na perspectiva Narrativa, a autora, identificou no Resumo e Palavras-chave.	1
"HISTÓRIA DE VIDA DE PROFESSORES INICIANTES"	Lopes (2014)	Trabalho já analisado no descritor "Professores Iniciais" Busca Avançada "Memoriais"	1
PESQUISA AVANÇADA "PROFESSORES INICIANTES"	Scabarossi (2019)	Trabalho na perspectiva Narrativa, identificado no corpo do texto; no Resumo e nas Palavras-chave não foram identificados. A Autora não evidenciou.	1
"NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS DE PROFESSORES INICIANTES"	Brião (2017)	Embora o trabalho seja na perspectiva Narrativa, no corpo do texto, resumo e Palavras-chave, foi identificada como: Pesquisa Narrativa autobiográfica.	1
	Silva (2020)	Embora o trabalho seja na perspectiva Narrativa, no corpo do texto, resumo e Palavras-chave foi identificada como: Pesquisa autobiográfica.	1
	Lopes (2014)	Trabalho já analisado no descritor "Professores Iniciais" Busca Avançada "Memoriais"	1
	Lopes (2012)	O autor apresenta este trabalho no corpo do texto e resumo como Narrativas Autobiográficas. Nas Palavras-chave não foi identificada. O autor identificou como: Autoetnografia	1
	Brandão (2020)	Embora o trabalho seja na perspectiva Narrativa, no Resumo o autor identifica como Experiências Autobiográficas. Nas Palavras-chave foi identificada como: Experiência.	1

<b>"AUTOFORMAÇÃO DE PROFESSORES INICIANTES"</b>	Brião (2017)	Trabalho já analisado no descritor: "Narrativas Autobiográficas de Professores Iniciais"	1
	Lopes (2014)	Trabalho já analisado no descritor "Professores Iniciais" Busca Avançada "Memoriais"	1

Fonte: Pesquisa elaborada pela autora (2022).

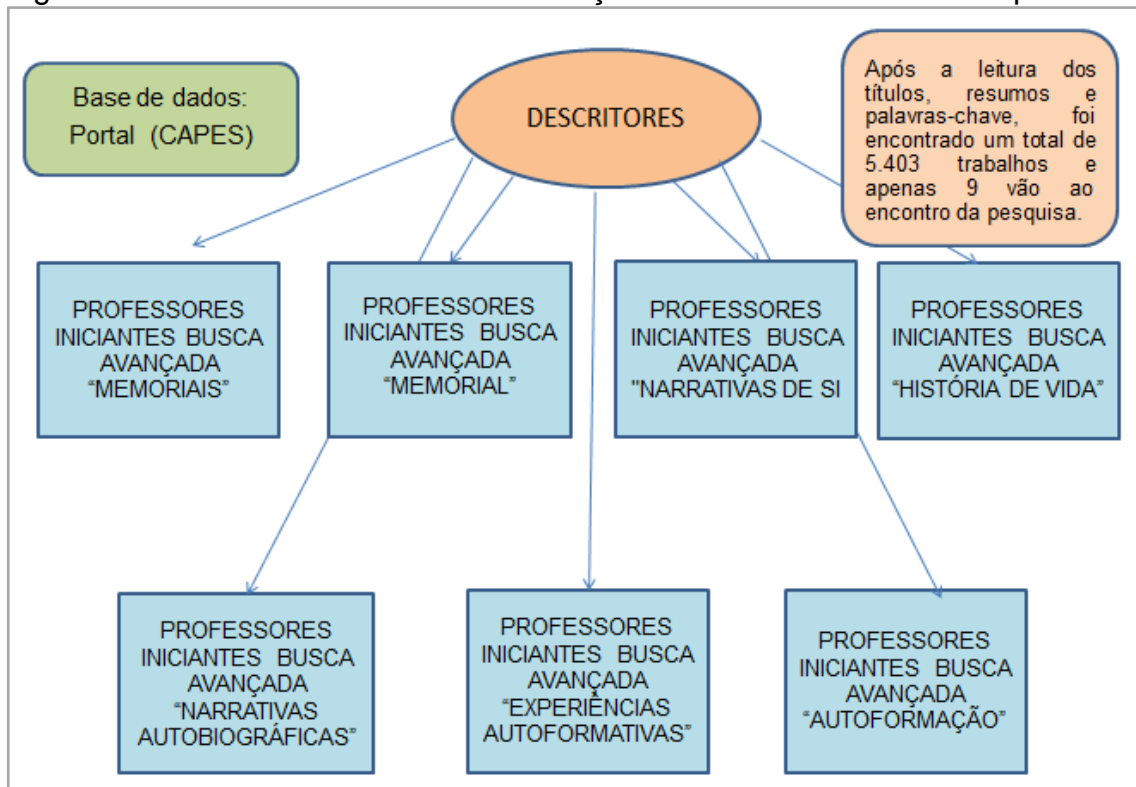
Dos 11 trabalhos analisados, os descritores "Narrativas de si de professores iniciantes" e "Experiências autoformativas de professores iniciantes" não retornaram qualquer estudo. Portanto, não foi encontrada pesquisa em que o sujeito narra sua própria história investigativa.

No entanto, consegui um achado: a pesquisa de Hossein (2013) como sugestão da banca na Qualificação deste trabalho, a qual contribuiu para as reflexões desenvolvidas nesta pesquisa.

Nos resumos não ficaram explícitas e não foram articuladas as terminologias com as palavras-chave. Talvez os pesquisadores não se atentassem para esse recurso importantíssimo para a pesquisa, o que dificultou e tornou confusa a coleta de dados para melhor delineamento da pesquisa.

Quanto à análise no portal Capes, foram utilizados sete descritores, como aponta a figura 2:

Figura 2 - Demonstrativo de coleta e seleção dos trabalhos – Portal Capes



Fonte: elaborado pela autora.

Para a pesquisa, foram lidos o título, o resumo e a introdução, para melhor captura das informações, um olhar atento à pesquisa e coleta de informações. Digitei em busca, primeiramente, “professores iniciantes” encontrando cerca de 56.682 trabalhos. Fiz uma busca avançada sobre “memoriais”, “memorial”, “narrativas de si”, “história de vida”, “narrativas autobiográficas”, “experiências autoformativas” e, por último, “autoformação”, totalizando sete descritores, e localizei 5.403 produções. Na sequência, o tipo de pesquisa: mestrado e doutorado, com recorte de 2012 a 2022; a área de concentração: Educação; e programa: Educação. Dessa vez, foi como procurar uma agulha no palheiro, surgiram apenas nove resultados que coincidem com a minha pesquisa. Estes nove trabalhos se repetem em todos os descritores pesquisados. Segue, abaixo, imagem com dados da pesquisa (Figura 3).

Figura 3 - Imagem do sistema de busca – Portal Capes (Obtenção de resultados)



Fonte: Recorte de tela do resultado das buscas no Portal da Capes (2022).

A coleta de dados dos descritores, neste portal, foi muito complexa. Ao utilizar os filtros de busca, a consulta gerava uma quantidade muito alta de produções para coleta. Em função dessa dificuldade, essa pesquisa consumiu um mês inteiro, e, por diversas vezes, pensei em desistir, pois não estava acreditando naqueles números. Como pesquisa exige rigor e continuidade, persisti. Busquei amparo em leituras e também em colegas de pesquisa do grupo colaborativo, as quais denominei de Alfinete, Estrela e Lua. Se elas não tivessem me segurado e me orientado sobre como proceder, eu teria, de fato, desistido do mestrado. Devido a esta exaustiva pesquisa, juntamente com as demandas da escola, cheguei a ir ao hospital por estresse intenso. Resultado: pressão alta e quase infarto. Foi um momento de bastante tensão e angústia. Passado o susto, pensei: Sigamos!

Reflieto que o fato de não conhecer em profundidade a pesquisa com descritores foi responsável por esse quadro de exaustão. O apoio do grupo foi fundamental e me permitiu dar continuidade à busca pelos descritores, contudo, penso que foi uma busca superficial. Se eu tivesse cursado, no mestrado, uma disciplina com teorias e estudos mais profundos, eu teria aproveitado melhor o meu tempo de pesquisa. Trata-se de uma tarefa emaranhada, porque cada portal exige um conhecimento de busca. Seria interessante que houvesse uma disciplina anexa à metodologia de pesquisa para que o aluno não sinta esse estranhamento e não haja perda de qualidade na pesquisa e sim um melhor aproveitamento desta, como eu tive, não sem antes ter passado por tantas dificuldades. Esta é uma lacuna que eu observei, vivenciei, experienciei e aprendi.

Ao assistir à apresentação dos trabalhos da Anped Regional Centro-Oeste (2022), em Campo Grande, Mato Grosso do Sul, ocasião em que também apresentei um trabalho, pude ouvir outras formas de obter dados de pesquisa com descritores, por parte de colegas que apresentaram seus estudos. Instigada por essas informações, procurei outra colega de mestrado e ela se dispôs a me acompanhar, e fomos costurando nossos alinhavos. Ela, participante do grupo de pesquisa do InvestigaÇÃO, como eu, teve todo o cuidado em me indicar mais uma teoria, explicando como realizar pesquisas em cada um dos portais.

Alfinete não se contentou e, junto comigo, em interação, nos portais, por videochamada, no WhatsApp, me mostrou como desenvolver tal pesquisa. Desta maneira, o diálogo surgiu com atalhos “booleanos, ORG, AND”, termos que eu não havia ouvido falar ainda. Conforme ela explicava, fui compreendendo melhor como

realizar a pesquisa no portal Capes. Já comprei o livro por ela indicado, para me aprofundar nas leituras acerca de pesquisas com descritores.

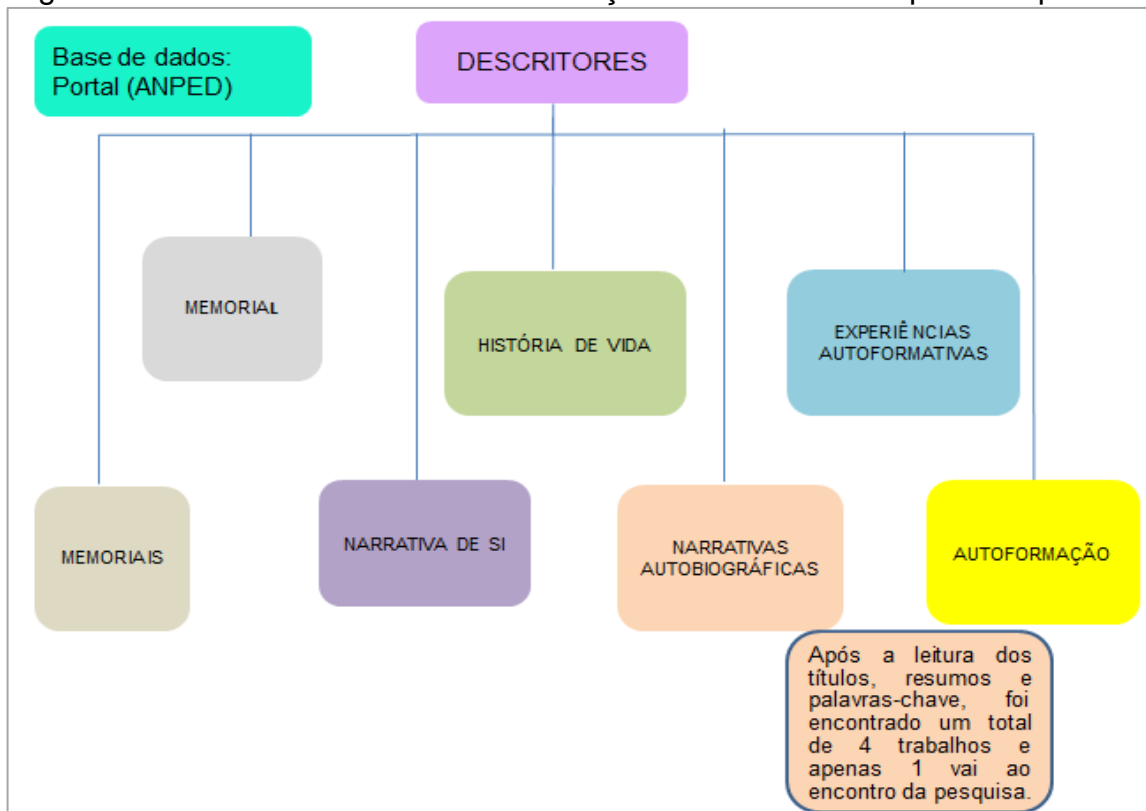
Quadro 2 - Terminologias encontradas nas palavras-chave dos resumos do resultado final dos trabalhos Capes

DESCRITORES	AUTORES ANO	TERMINOLOGIAS (Palavras – chave dos resumos do resultado final das pesquisas)	TOTAL
<b>“MEMORIAIS”</b>	Fonseca (2016)	Narrativas - Autobiografia	1
	Frauendorf (2016)	Pesquisa Narrativa	1
	Dalmazzo (2016)	Trabalho na perspectiva Narrativa, identificado no corpo do Resumo e não constou nas palavras-chave	1
	Gonçalves (2013)	Embora o trabalho seja na perspectiva Narrativa, no Resumo foi identificado como pesquisa autobiográfica; nas Palavras-chave o autor identificou como: Biografema – Vida-escrita – Autobiografia.	1
	Spineli (2022)	Trabalho na perspectiva Narrativa, identificado no corpo do Resumo e não constou nas palavras-chave.	1
	Velloso (2019)	Embora o trabalho seja na perspectiva Narrativa, o autor identificou no trabalho e não identificou no Resumo e nas Palavras-chave. Identificou como Pesquisa Autobiográfica – Pesquisa de si	1
	Feil (2019)	Embora o trabalho seja na perspectiva Narrativa o autor identificou no Resumo e não nas Palavras-chave. Identificou como: Escrita de si	1
	Ferreira (2021)	Narrativas Docentes	1
	Oliveira (2018)	Embora o trabalho seja na perspectiva Narrativa, no Resumo foi identificado e nas Palavras-chave a autora não evidenciou. Identificou como Cartografia.	1

Fonte: elaborado pela autora (2022).

O próximo portal consultado foi o da Anped. A Figura 4 ilustra este processo de coleta e seleção:

Figura 4 – Demonstrativo de coleta e seleção dos trabalhos no portal Anped



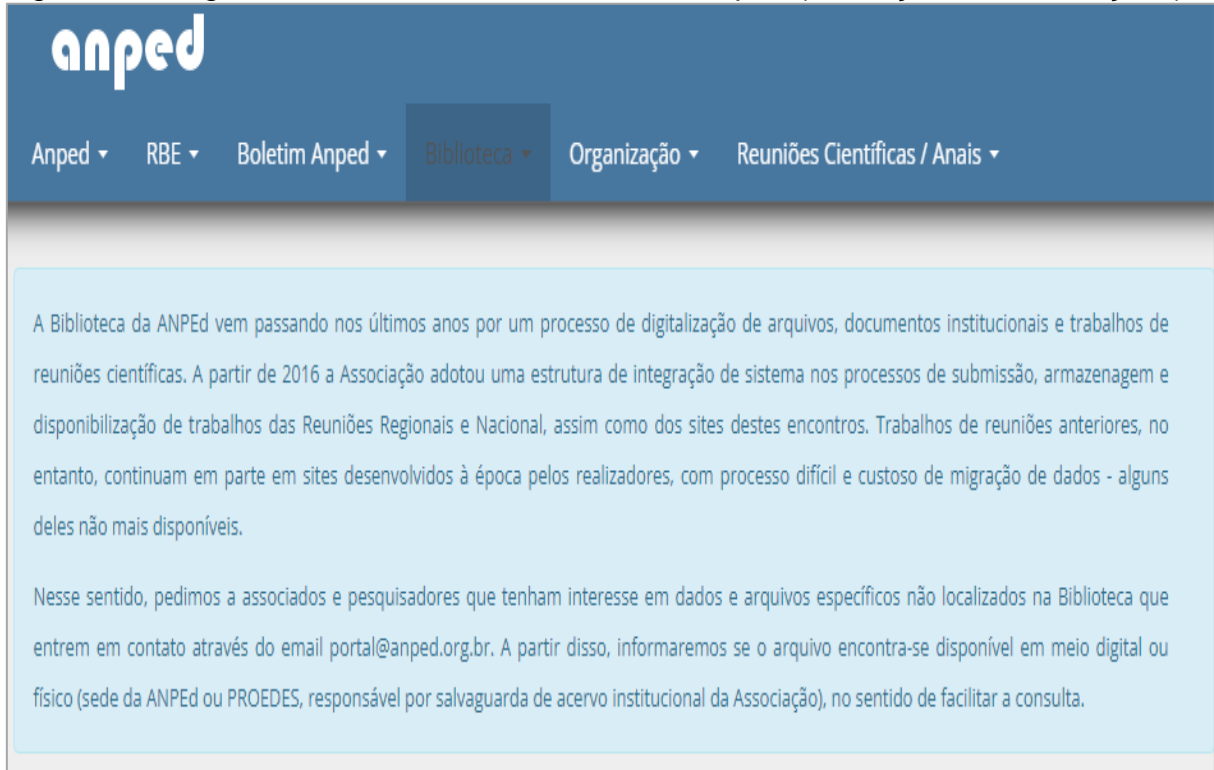
Fonte: elaborado pela autora em pesquisa com recorte de 10 anos, entre (2012-2022).

Para esta pesquisa, acessei o item biblioteca. A busca me permitiu colocar apenas as palavras-chave em resumo, sem complementares, professores iniciantes. Após a leitura dos Títulos, Resumos e palavras-chave, como, também, em alguns casos, o corpo do texto, para melhor aprofundamento das análises, nas pesquisas dos descritores, no processo da busca encontrei as seguintes informações:

Os descritores “Memoriais”, “Memorial”, “Narrativas de si”, “Narrativas Autobiográficas”, “Experiências Autoformativas”, apresentaram resultados. Quanto ao descritor “História de Vida”, obtive três resultados, contudo, não vão ao encontro desta pesquisa. Utilizando o descritor “Autoformação”, localizei uma pesquisa, que vai ao encontro da proposta da minha, de autoria de Rodrigo Alberto Lopes, sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dra. Rosane Maria Kreuzburg Molina, intitulada “Semear-se (em) um campo de dilemas: Uma autoetnografia de um professor de Educação Física principiante na Zona Rural de Ivoti/RS”. Em um total de quatro estudos, portanto, apenas um tem alguma relação com a pesquisa aqui desenvolvida.

Em virtude de problemas com os arquivos anteriores a 2016, a pesquisa nesta base não contemplou o prazo de 10 anos, entre 2012-2022, apenas de 2016 a 2022. Dessa forma, a Figura 5 assegura a veracidade destas informações:

Figura 5 - Imagem do sistema de busca – Portal Anped (Obtenção de informações)



Fonte: Portal Anped (2022) . Disponível em: <https://www.anped.org.br/biblioteca>.

Quadro 3 - Terminologias encontradas nas palavras-chave dos trabalhos apresentados na Anped

DESCRITORES	AUTORES ANO	TERMINOLOGIAS (Palavras – chave dos resumos do resultado final das pesquisas)	TOTAL
“ <b>AUTOFORMAÇÃO</b> ”	Lopes (2012)	Embora o trabalho seja na perspectiva Narrativa, aqui ele não apresenta no Resumo.	1

Fonte: elaborado pela autora (2022).

Este trabalho consta como dissertação de mestrado e já foi analisado anteriormente, visto que apareceu na busca no portal BDTD; aqui, na Anped, é categorizado como artigo – nas buscas subsequentes encontrei o artigo “A reinvenção da docência pela autoformação: a educação do Campo e a Educação Física escolar



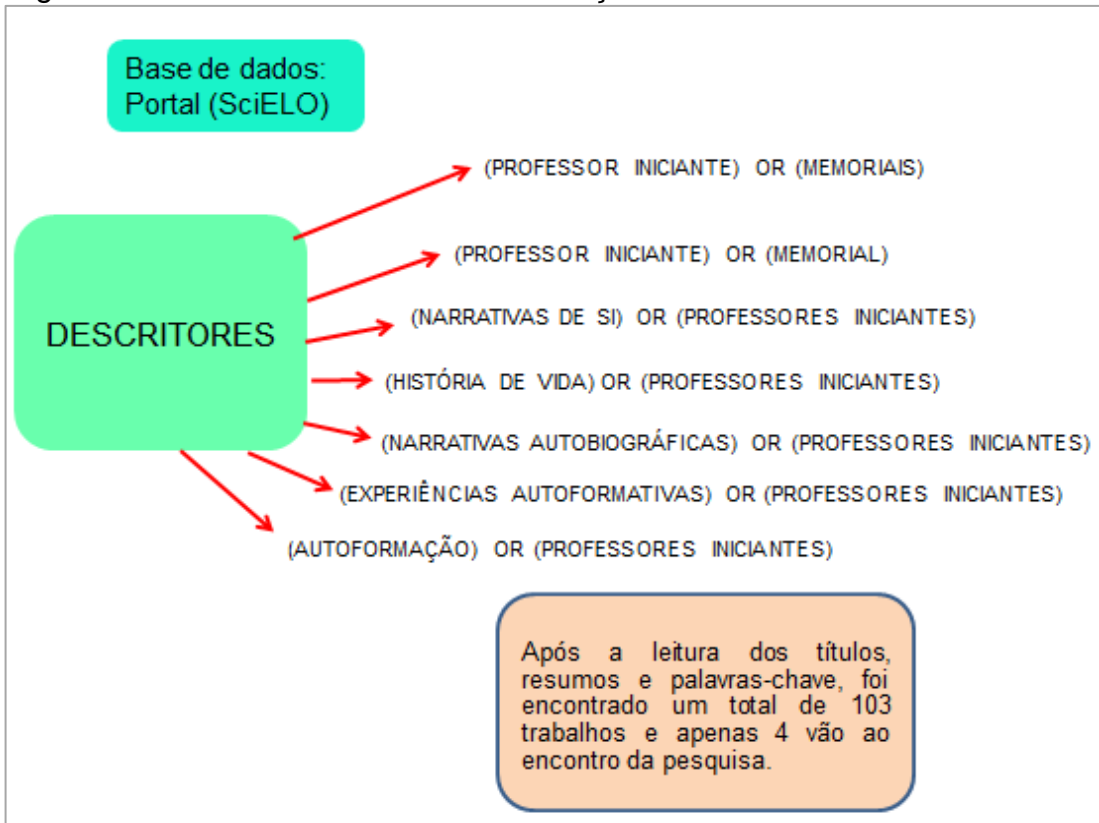
ante um horizonte cosmopolita”, também de Rodrigo A. Lopes, orientado pela Prof.<sup>a</sup> Dra. Rosane M. K. Molina, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), em 2012.

De acordo com o autor, o desenho metodológico da pesquisa é o etnográfico. Foi por meio dos diários de aula que ele refletiu sobre o saber docente. Dessa forma, a escrita auto etnográfica permitiu ao sujeito rever-se no processo de autoconhecimento e autoformação.

Os resultados da pesquisa mostram, entre outros, que o desenho metodológico proporcionou ao autor projetar uma docência plural, cercada por novos aportes teóricos advindos de sua experiência de participação em projetos de pesquisa e possibilitou, ainda, compreender a cultura e a sociedade. Durante essa leitura, me recordei da metáfora da árvore (LIMA, 2009, p. 46), texto que estudei por ocasião do estágio supervisionado, que diz: as “[...] raízes profundas representam a fundamentação teórica estudada, o tronco simboliza a pesquisa, os galhos e as folhas são as atividades desenvolvidas e os frutos representam os registros reflexivos”.

Para finalizar este levantamento, consultei o Portal da SciELO, conforme expõe a Figura 6, apresentada logo a seguir. Esta busca também abrangeu um recorte de 10 anos (2012-2022). Neste portal, houve a oportunidade de utilizar os itens dos recursos booleanos para aprofundamento, permitindo melhor visualização da pesquisa, tornando-a simples. Penso que as demais plataformas deveriam, igualmente, disponibilizar tais recursos. Assim, teríamos mais agilidade e melhor desempenho na pesquisa, levando os pesquisadores a mais descobertas e, sem dúvida, maior conhecimento.

Figura 6 - Demonstrativo de coleta e seleção dos trabalhos – Portal SciELO



Fonte: elaborado pela autora.

Para a busca escrevi o nome do descritor outro campo busca. Filtro Coleções: Brasil, Idioma: Português, SciELO Áreas Temáticas: Ciências Humanas, WOS Áreas Temáticas: Education, Citáveis e Não Citáveis: Citáveis, Tipo de literatura: Artigos.

Para o descritor “Professor iniciante” OR “Memoriais” apresenta 0 (zero) resultado. O descritor “Professor iniciante” OR “Memorial” apresenta 26 resultados, sendo que dois trabalhos vão ao encontro da minha pesquisa. No que diz respeito aos descritores “Narrativas autobiográficas” OR “professores iniciantes”, apresenta 0 (zero) resultado. No que se refere aos descritores “Narrativas de si” OR “professores iniciantes”, foram encontrados 03 resultados, mas nenhum trabalho guarda relação com esta pesquisa. Quanto aos termos “História de vida” OR “professores iniciantes”, foram encontrados 22, sem conexão com a minha pesquisa. Já o descritor “Experiências Autoformativas” OR “professores iniciantes” apresentou 22 resultados, e apenas um trabalho se aproxima da minha pesquisa. Já “Autoformação” OR “professores iniciantes” evidenciaram 30 resultados, havendo um trabalho que vai ao encontro desta pesquisa. Portanto, foram localizados 103 trabalhos, dos quais apenas

quatro contemplavam a presente pesquisa. Constatei a repetição em outros dois descritores.

Quadro 4 - Terminologias encontradas nas palavras-chave dos resumos do resultado final dos trabalhos SciELO

DESCRITORES	AUTORES ANO	TERMINOLOGIAS (Palavras-chave dos resumos do resultado final das pesquisas)	-
“PROFESSOR INICIANTE” OR “MEMORIAL”	Simas (2021)	Narrativas	1
“PROFESSOR INICIANTE” OR “MEMORIAL”	Bencostta (2018)	Trabalho na perspectiva Narrativa; no Resumo foi identificado e nas Palavras-chave o autor identificou como: Memorial.	1
“EXPERIÊNCIAS FORMATIVAS” OR “PROFESSORES INCIANTES”	Simas (2021)	Já foi analisado no descritor “Professor iniciante” OR “Memorial”	1
“AUTOFORMAÇÃO” OR “PROFESSORES INCIANTES”	Simas (2021)	Já foi analisado no descritor “Professor iniciante” OR “Memorial”.	1

Fonte: elaborado pela autora.

### 3.1.1 Análise dos descritores no portal BDTD

Nos descritores, nos estudos de cada pesquisa, reporteime a Larrosa (2011), que preconiza que:

O sujeito da experiência é como um território de passagem, como uma superfície de sensibilidade em que algo passa e que ‘isso que me passa’, ao passar por mim ou em mim, deixa um vestígio, uma marca, um rastro, uma ferida. Daí que o sujeito da experiência não seja, em princípio, um sujeito ativo, um agente de sua própria experiência, mas um sujeito paciente, passional. Ou, dito de outra maneira, a experiência não se faz, mas se padece. [...] ‘isso que me passa’ [...]. (LARROSA, 2011, p. 8, grifos do autor).

Assim, à luz da teoria deste autor, fui construindo o conhecimento, analisando cada trabalho que emergiu da busca. Eu me via nessas marcas escritas e refletia sobre minha trajetória formativa, desde minha formação inicial, na graduação em Licenciatura em Pedagogia, nos encontros com autores que eu já estudara e outros que fui descobrindo, assim como fui conhecendo recursos metodológicos, dentre

outros aspectos. Todos esses encontros me trouxeram até aqui, hoje, como a mestranda que sou.

Motivada por essas descobertas, passei ao tratamento dos dados, a partir dos descritores. Antes, porém, ressalto que os descritores “Narrativas de si de professores iniciantes” e “Experiências autoformativas de professores iniciantes” (com a incidência de aspas), não sinalizaram a existência de pesquisas. Já o descritor “Autoformação de professores iniciantes”, com a incidência de aspas, trouxe como resultados os trabalhos de Brião (2017) e Lopes (2014), analisados em outros descritores, como pode ser visto nos próximos itens.

### *3.1.1.1 Professores iniciantes – memoriais*

Há apenas um trabalho analisado com o descritor “professores iniciantes – memoriais”, o de Mariana Fonseca Lopes (2014). Sua pesquisa, intitulada “As dores e amores de tornar-se professora: minhas memórias de professora iniciante”, foi apresentada à Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), com a terminologia pesquisada no resumo do trabalho, “Memoriais de formação – Autoformação”. Trata-se de uma dissertação, defendida em 2014, sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dra. Leda Albuquerque Maffioletti.

Lopes (2014) teve como objetivo geral analisar o processo de formação da autora, procurando refletir sobre as histórias que as narrativas dela contam acerca do início da docência e compreender o que foi realmente transformador e significativo na constituição do ser-professora em início de carreira.

Utilizou-se da abordagem qualitativa com pesquisa narrativa, tendo como objeto os memoriais de formação. Ela os sinaliza em sete narrativas definidas como capítulos do trabalho, apontando experiências de formação desde a graduação. Depois, perpassa pela trajetória docente, a qual permitiu à autora identificar e perceber as transformações significativas em seu processo de desenvolvimento profissional e compreender como se tem constituído sua identidade docente.

Ao estudar a pesquisa de Lopes (2014), recordei-me dos primeiros passos da minha trajetória docente, no território iniciático de formação em minha graduação. Hoje, ser professora iniciante e estudante de mestrado em Educação me oportunizou rever a mim mesma, traçar novos caminhos de prática e enxergar que estou em pleno

processo de constituição identitária, como muitos outros professores com os quais partilho a docência.

### 3.1.1.2 *Professor iniciante – memorial*

Há apenas um trabalho analisado referente ao descritor “professor iniciante – memorial”: o de Daniele Barros Vargas Furtado (2019), intitulado “Cartas a Paulo Freire: narrativas de uma professora iniciante”, com a pesquisa de terminologia no resumo do trabalho “Narrativas – Cartas”. Consiste numa dissertação de mestrado defendida em 2019, sob orientação da Prof.<sup>a</sup> Dra. Helena Amaral da Fontoura, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

De acordo com Furtado (2019), o objetivo da pesquisa foi compreender os saberes e as práticas cotidianas que ocorrem no contexto da organização pedagógica, narrados por uma professora iniciante de uma escola pública de São Gonçalo. A autora utilizou-se de abordagem qualitativa de cunho narrativo, tendo como recurso as cartas pedagógicas.

Em Paulo Freire ela encontrou inspiração para escrever seus memoriais. Deste modo, a autora buscou compreender os saberes produzidos desde sua graduação e narrar as contribuições em sua aprendizagem. Sua pesquisa está organizada em três capítulos, por temáticas, tendo como sustentação o autor mencionado. Segundo a autora, ele foi o que mais se aproximou, no decorrer da pesquisa, de um diálogo com ela e sua prática. E foi dessa perspectiva que a pesquisadora decidiu, então, refletir a partir da escrita de cartas dele.

Como resultado de pesquisa, Furtado (2019) percebeu que os problemas que Freire vivenciou foram ao encontro das situações de escrita dela, como nas cartas pedagógicas. Enquanto professora iniciante, esta pesquisa demonstrou que as situações ocorridas no ambiente escolar, como a importância do registro, as reflexões e a análise da própria prática, mediante as cartas pedagógicas, são instrumentos de grande reflexão. Sendo assim, a autora pode rever teorias que fundamentam sua prática, ampliar novos conceitos e os modificar.

Pude me identificar com essa autora quanto à importância das teorias científicas e os usos destas em nossas práticas educativas. Para mim, isso foi evidente durante a sua escrita, como também professora iniciante e pesquisadora do mestrado. Portanto, é nesse desafio que me encontro.

### 3.1.1.3 História de vida de professores iniciantes

Com o descritor “história de vida de professores iniciantes” foram dois os trabalhos analisados, sendo eles: Lopes (2014) e Scabarossi (2019).

A pesquisa intitulada “As dores e amores de tornar-se professora: minhas memórias de professora iniciante”, de autoria da pesquisadora Mariana Fonseca Lopes, da UFRGS, com a terminologia pesquisada, no resumo do trabalho, “Memoriais de formação – Autoformação”. Trata-se de dissertação apresentada em 2014, sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dra. Leda Albuquerque Maffioletti. Assim, esta pesquisa já se encontra relacionada no descritor “Professores iniciantes – Memoriais”.

O próximo trabalho que eu analisei, cujo título é “Reflexões, perspectivas e práticas no Ensino de Ciências e Matemática nos anos iniciais: estudo de caso de uma professora em início da docência”, é de Francisca Edjane Marcelino Magalhães Scabarossi, tese de doutorado orientada pelo Prof. Dr. Reginaldo Fernando Carneiro, tendo como coorientadora a Prof.<sup>a</sup> Dra. Cristhiane Carneiro Cunha Flôr. Esta pesquisa foi defendida em 2019, na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Ao analisar este estudo, percebi a ausência, no resumo e nas palavras-chave, da inserção da perspectiva narrativa, embora, no trabalho, a autora utilize essas terminologias.

Scabarossi (2019) apresenta, como objetivo geral, compreender os desafios, os sentimentos e as práticas docentes de uma professora iniciante, ao ensinar ciências e matemática nos anos iniciais do Ensino Fundamental no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Roraima (UFRR).

Em sua investigação, a autora utilizou-se de abordagem qualitativa, tendo como instrumento de dados: questionário de caracterização, observações *in loco*, diário de campo e narrativas. A dissertação produzida estruturou-se em cinco capítulos, abordando sobre revisão de literatura, pesquisas disponíveis na BDTE, percurso metodológico de pesquisa, análise de dados e resultados da pesquisa.

A autora acompanhou a professora iniciante Flor durante o período de agosto a dezembro de 2017. Como resultado, as evidências demonstraram a complexidade na inserção do professor iniciante, as angústias vividas por parte de alguns professores e a ausência do acolhimento dos profissionais da comunidade escolar, o que leva o professor iniciante a se reinventar para construir sua identidade profissional. A pesquisadora explicou que aprendeu muito ao realizar esta pesquisa,

pelo fato de ela vivenciar e refletir sobre aspectos que não faziam parte de seu universo escolar.

Com a leitura desta pesquisa, pude observar que a constituição de minha trajetória profissional como professora pedagoga não se distancia da de tantos outros docentes, visto que tenho trabalhado intensamente, com muita seriedade, compromisso, responsabilidade e dever, para que um dia eu possa retornar ao meu território iniciático de formação docente. Além disso, pretendo contribuir para o crescimento e fortalecimento de novos educadores, colaborando para o crescimento de nossa cidade e de nossas crianças, almejando um projeto de educabilidade humanizadora e transformadora.

#### *3.1.1.4 Narrativas autobiográficas de professores iniciantes*

Com relação ao descritor “narrativas autobiográficas de professores iniciantes” foram analisados cinco trabalhos: Brião (2017); Silva (2020); Lopes (2014); Lopes (2012) e Brandão (2020).

O trabalho cujo título é “Eu, uma professora de Matemática em jornada narrativa em busca de meus eus-professores em autoformação”, de Gabriela Félix Brião, consiste em tese de doutorado, orientada pelo Prof. Dr. Ubiratan D’Ambrosio, defendida em 2017, na Universidade Estadual Paulista de Rio Claro (UNESP).

Na leitura do resumo e no corpo do texto, tive dificuldade em localizar o objetivo geral. Encontrei-o na conclusão do trabalho, numa ação conjunta dos vários eus-professores, a chave para buscar compreender suas práticas docentes por uma perspectiva reflexiva, a partir do seu percurso formativo.

Quanto à metodologia de pesquisa, concluí que é de abordagem qualitativa e se trata de pesquisa com narrativas. O trabalho apresenta cinco capítulos teóricos bem fundamentados e a autora utiliza o conceito de insubordinação criativa para a escrita de sua tese.

Como resultado da pesquisa, a autora chegou à conclusão de que a narrativa de vida é um instrumento poderoso para reflexão e pesquisa por parte do professor, e que esse movimento cria teorias educacionais vivas. Assim, com a leitura desse trabalho, refleti acerca dos meus eus-professoras enquanto iniciante e, a partir daí, cogitei esta pesquisa, um trabalho em que poderia tecer os fios dos meus eus-professoras e narrar os, até então, quatro anos de profissão docente.

O que me chamou a atenção é que eu havia escolhido o título da minha pesquisa semelhante ao de Brião. Foi o título do trabalho que primeiro aguçou minha curiosidade e a posterior leitura. Saliento que esta foi a pesquisa com a qual me identifiquei mais. Por diversas vezes, durante a leitura, me reporte aos caminhos de toda a minha trajetória formativa, desde a minha infância, a escolarização, os tempos de graduanda, as vivências, hoje, na condição de professora iniciante, a entrada no mestrado e as experiências até aqui.

O segundo trabalho analisado neste descritor foi a dissertação “A Universidade pública e a formação de uma professora surda: narrativas autobiográficas sobre surdez e a Língua Brasileira de Sinais”, de Laís Agnes da Silva, orientada pela Prof.<sup>a</sup> Dra. Renata Portela Rinaldi. Esta pesquisa foi defendida em 2020, na Universidade Estadual Paulista (UNESP) de Presidente Prudente. No resumo, este menciona a perspectiva de pesquisa autobiográfica.

A pesquisa de Silva (2020) tem como objetivo geral compreender o percurso formativo e as experiências de uma professora surda no curso de licenciatura em Pedagogia, em uma universidade pública. No que tange ao percurso metodológico, as fontes de pesquisa foram: relatórios de estágio supervisionado obrigatório; relatórios de projetos de extensão universitária; relatório de projeto de pesquisa; trabalhos realizados na disciplina de Língua Brasileira de Sinais (Libras) e outras que versaram sobre Libras e surdez; memorial acadêmico descritivo (documento escrito para participar do processo seletivo de doutorado no Programa de Pós-Graduação em Educação da Unesp, câmpus de Presidente Prudente, em 2019) e documentos que atestam formação extracurricular da aprendizagem de Libras no período de 2014 a 2018.

A autora indica que a pesquisa possui abordagem qualitativa, de perspectiva autobiográfica. Para tentar responder a pesquisa, a autora estruturou sua dissertação em quatro capítulos.

Um dado que notei ao analisar o estudo foi a ausência de um detalhamento, no resumo, sobre o quanto a autora se esforçou, como aluna, para se adaptar ao contexto da universidade. Toda a comunicação e a compreensão dos conteúdos em sala de aula e o relacionamento entre colegas e professores ocorreram com o auxílio de aparelhos auditivos. Para ela, na universidade, ninguém está preparado para esta adaptação, e que esta ocorre por parte do próprio estudante.



Conforme Silva (2020), as vivências e experiências no contexto da extensão universitária também foram positivas, porque lhe possibilitaram aprender e descobrir coisas que ela jamais saberia se tivesse se limitado a ficar somente com os conhecimentos de sala de aula. Então, para ela, isso possibilitou o estabelecimento de uma ligação entre a teoria e a prática, desde o início da graduação.

Com a leitura desse trabalho pude mergulhar na minha trajetória formativa desde minha graduação, quando participei de políticas extensionistas, como o grupo de estudos Obeduc, SIEX/OBEDUC, Pibid. Hoje, como professora iniciante e pesquisadora de mestrado, continuo a participar do grupo de pesquisa, que antes era Obeduc, hoje FormEduc, e observo minha trajetória. O trabalho de Silva demonstrou o quanto a prática teorizada é fundamental para melhor compreensão do trabalho pedagógico e compreensão humana dos estudantes.

A pesquisa intitulada “As dores e amores de tornar-se professora: minhas memórias de professora iniciante”, de autoria da pesquisadora Mariana Fonseca Lopes, da UFRGS, com a terminologia pesquisada no resumo do trabalho “Memoriais de formação – Autoformação”, é uma dissertação que já se encontra analisada no descritor “Professores iniciantes – memoriais, História de vida de professores iniciantes”.

A dissertação intitulada “Semear-se (em) um campo de dilemas: Uma autoetnografia de um professor de educação física principiante na Zona Rural de Ivoti/RS”, de Rodrigo Alberto Lopes, sob orientação da Prof.<sup>a</sup> Dra. Rosane Maria Kreuzburg Molina, é de 2012, defendida na Unisinos.

No resumo é caracterizada como pesquisa do campo etnográfico. Para a construção da dissertação, o autor utiliza as narrativas do diário de campo para procurar os sentidos e significados utilizados para “sobreviver” neste espaço/ambiente, o escolar rural, que ele vivenciava como professor iniciante. Sua pesquisa foi estruturada em três categorias, com os termos “semear-se”, “cultivar-se” e “colher-se”. Essas categorias, para ele, são essenciais para o desencadeamento da pesquisa.

Os resultados da pesquisa mostram que o desenho metodológico proporcionou ao autor projetar uma docência plural, cercada por novos aportes teóricos que passaram a guiá-lo na compreensão dos temas referentes à cultura e à sociedade.

Em sequência, analisei a dissertação “Matemática na educação do campo”, de Wellington Gonzaga Brandão, apresentada em 2020, sob a orientação do Prof. Dr. Harryson Júnio Lessa Gonçalves, da Unesp de Ilha Solteira.

O objetivo geral do pesquisador foi construir narrativas a partir de suas experiências, evidenciando-se o papel da Matemática nos anos iniciais do Ensino Fundamental, em uma escola de educação do/no campo em relação ao fortalecimento de questões identitárias e ao possível embate com o êxodo rural. Brandão (2020) estrutura sua pesquisa em três capítulos, e em cada capítulo ele traz algumas considerações acerca da pesquisa.

Na maioria das tarefas apresentadas no trabalho, esteve presente a construção da experiência docente relacionada à didática do professor. Deste modo, ao recapitular essas fontes didáticas, o autor sentiu o aguçar da metacognição de práticas a serem adotadas ou evitadas.

A pesquisa de Brandão me possibilitou lançar um olhar ao “meu ser professor”. A problematização das questões filosóficas acerca da educação, que recai na didática, deve ser o motor de arranque no planejamento do professor.

### **3.1.2 Análise dos descritores no portal Capes**

As análises abarcaram os mesmos descritores: “Memoriais”, “Memorial”, “Narrativas de si”, “História de vida”, “Narrativas autobiográficas”, “Experiências autoformativas” e, por último, “Autoformação”.

Dessa forma, os trabalhos analisados aqui foram os de Fonseca (2016), Frauendorf (2016), Dalmazzo (2016), Gonçalves (2013), Spinelí (2022), Velloso (2019), Feil (2019), Ferreira (2021) e Oliveira (2018).

O trabalho cujo título é “Imaginário e formação de educadores: a narrativa de si” de Elisabete Martins da Fonseca (2016), consiste em tese de doutorado, orientada pelo Prof. Dr. Marcos Ferreira Santos. Esta pesquisa foi defendida em 2016, na Unesp.

No resumo, a autora identifica a natureza da pesquisa, bem como os resultados das impressões que se revelaram a ela durante a trajetória da investigação. Fato importante na construção da pesquisa é que ela apresenta seu percurso formativo, as vivências, experiências em narrativa de si apoiadas em autores que discutem a temática

Eu me vi nesta pesquisa, pois, frente às leituras e estudos da autora, compreendi que sua tese é fruto das raízes profundas do conhecimento científico desde a sua graduação em Licenciatura em Pedagogia, pela Universidade de São Paulo (USP), como bolsista. A perspectiva narrativa e a prática de realizar sua autobiografia pautada no desenvolvimento profissional de formação de professores iniciou na disciplina de Didática, como aconteceu comigo, sendo esse caminho marcado pela admiração, acolhimento, sentimento de pertença com sua orientadora e colegas de grupo de pesquisa, e que sua tese é continuidade da trajetória iniciada com eles.

Outro trabalho analisado foi “A voz de uma professora-formadora que se inventa e reinventa a partir da/com/na Escola”, de autoria de Renata Barroso de Siqueira Frauendorf, da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), defendida em 2016, sob a orientação do Prof. Dr. Guilherme do Val Toledo Prado. Trata-se de uma pesquisa de dissertação de mestrado.

A autora deixa bem claro o que deseja pesquisar e suas intenções com a pesquisa, quando ela afirma que: “Analiso (i) registros reflexivos elaborados durante minha trajetória como formadora externa e (ii) quatro devolutivas escritas durante um programa de formação em que fui consultora” (FRAUENDORF, 2016, p. 8). Em seu trabalho, a utilizou-se da pesquisa narrativa de cunho auto investigativo, estruturando sua pesquisa em seis capítulos.

Como resultado de pesquisa, a autora pontua que, conforme foi desenvolvendo sua pesquisa, ela foi também se formando, numa relação horizontal entre a teoria e a prática, destacando que, nas interações com os professores formadores, ela aprendeu a ser formadora.

Com a leitura deste trabalho, eu me vi utilizando a perspectiva narrativa de cunho autobiográfico para analisar minha trajetória formativa, por meio de memoriais reflexivos. São muitos os aprendizados que emergem dessas análises dedicadas aos trabalhos de cada pesquisador.

Em sequência, analisei o trabalho de André Krusser Dalmazzo, uma tese de doutorado, intitulada “Almanach da aventura da formação de um desenhista professor”, pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), em 2016, sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dra. Valeska Maria Fortes de Oliveira.

Na leitura deste trabalho não foi possível identificar facilmente os itens que compõem a estrutura metodológica da escrita do texto científico. Foi necessária uma

leitura mais profunda, para compreender a pesquisa do autor e as intenções da pesquisa. O autor conduziu sua pesquisa de modo interessante, em forma de Almanaque, elencando sua trajetória autobiográfica narrada por efeméride para trazer sua trajetória formativa. Segundo Dalmazzo (2016),

[...] saltou aos olhos o nome “efeméride”; não saberia dizer se foi por acaso ou por inspiração, mas o fato é que sobressaiu a estética dessa palavra e, justamente por isso, houve interesse em descobrir seu significado e o quanto poderia servir para nominar os relatos deste trabalho. Efeméride<sup>1</sup> significa, em latim, “memorial diário”, “calendário” (*ephemèris, idis*), ou, em grego, “de cada dia” (*ephémérí, idos*). A palavra efêmero/a (“que dura um dia”) tem a mesma etimologia (DALMAZZO, 2016, p. 20, grifos do autor).

Por meio de capítulos em efemérides nomeadas, ele constrói seus relatos, desenhos gráficos entrelaçados pelo imaginário da estética, escritas reflexivas; neles foram percebidas singularidades que possibilitaram olhar para a pesquisa e a formação de professores de maneiras diferentes, ressignificar os processos vividos e de aprendizagem, possibilidades de ser e saber. Essa aventura, segundo o autor, permite a “criação de novas ou diferentes abordagens educacionais e de pesquisas sobre a formação de professores” (DALMAZZO, 2016, p. 139).

A leitura do referido trabalho foi uma experiência incrível, por aprender o significado de “efeméride”, que recai sobre os memoriais diários que eu já construía desde a minha infância, e aos quais, no campo educacional, dei início na disciplina de Didática, na graduação, com a interessante proposta da escrita narrativa de cunho autobiográfico, a história de vida e de formação contada por meio deles.

Seguindo com as análises dos trabalhos, passei à pesquisa de Jadson Fernando Garcia Gonçalves, “Biografemática e formação: fragmentos de escrita de uma vida”, tese de doutorado defendida em 2013, sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dra. Josenilda M. Maués da Silva, pela Universidade Federal do Pará (UFPA).

Os capítulos teóricos desta tese estão organizados em duas seções, nominadas pela autora de “Artifícios”. Foi feito um levantamento junto ao Banco de Teses da Capes e outros sites de busca, abrangendo teses defendidas de 2001 a 2007, com a temática Formação de Professores, com o objeto investigativo e analítico narrativa de formação. O autor fundamenta-se em Barthes para trazer o conceito de Biografema e, nesse viés, discorre sobre a sua trajetória formativa. A partir disso, inicia

sua história de vida, narrando seu percurso de identidade pessoal, perpassando a identidade profissional.

Ele assim argumenta:

Gostaria que tudo isto fosse visto mais na dimensão de um processo, de uma prática de escrita que se realiza à medida em que procura uma forma justa, mas do que uma justa forma; que este texto fosse lido como uma tese-experimento e não como um produto que ao final buscaria comprovar algo a que podemos chamar de Tese. (GONÇALVES, 2013, p. 102)

É nítido que chegar a tal reflexão representou um desafio, pois, como ele afirma, trata-se de “Um desenho de escrita à deriva que nega uma narrativa linear, ordenada, sucessiva como a narrativa autobiográfica-destino” (GONÇALVES, 2013, p. 104).

A leitura deste trabalho me surpreendeu, sobretudo pela conclusão a que chegou, uma escrita elaborada com singeleza, respeito, cuidado, franqueza, honestidade, de modo que a pesquisa ali relatada se revela como ponte de reflexão e não como uma pesquisa engendrada, pronta, podendo o leitor refletir sobre os caminhos da formação sob outro olhar.

Outro trabalho analisado foi a dissertação de Patrícia Mangili Juliani Spineli, consiste, denominada “O Bordado-devir nos processos formativos, defendida em 2021, sob a orientação do Prof. Dr. Ivan Fortunato, pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR) de Sorocaba.

De acordo com Spineli (2021), o trabalho foi realizado por meio de um memorial formativo em que buscou compreender a origem de sua inquietação e como ela se relaciona com o bordado, tão presente nos processos pessoais e profissionais de ser mulher-professora-pesquisadora. Objetivou investigar quais relações podemos estabelecer entre o bordado e a formação de educadores e educadoras.

Para tanto, a autora mapeou dados nos portais de pesquisa trazendo os trabalhos acadêmicos que constam no Banco de Teses e Dissertações da Capes com bordado e formação de professores e uma análise de como o bordado é pautado em todos eles. Sendo então, este trabalho de abordagem qualitativa, construído por uma cartografia estética, por meio do bordado.

Os resultados apontam que “Formar professores é reconhecer seus riscos. É compreender outros movimentos. É mobilizar novas e antigas linhas, num

deslocamento que sai de mim e vai ao encontro de outros, de tantas e inúmeras histórias, saberes e vidas”. Além do mais, “É preciso deslocamento, movimento e gestos contínuos para bordar. Talvez seja preciso tudo isso também para formar” (SPINELI, 2021, p. 155-156).

Ler este trabalho trouxe recordações: agulhas, tecidos, desenhos, linhas, moldes, tudo que vovó e mamãe usavam para costurar e bordar, costumes atravessados em minha infância. Lembrei-me, também, das aulas de bordado no salão comunitário da Igreja São Cristóvão e de minha mãe querida, me ensinando o ponto cruz, o único que eu consegui aprender. Esse saber informal e ancestral me formou, me constituiu. Concordo com a autora, pois é preciso tecer fios que entrelaçam e dão novos caminhos, saberes, conhecimentos, de formação pessoal e profissional, e, por meio de reflexões, modificar nossas práticas formadoras.

O trabalho de Luciana Mendes Velloso, cujo título é “O ofício das asas é a procura do voo: Tornar-se professora artista”, consiste em uma tese de doutorado, defendida em 2019, sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dra. Ana Angelica Medeiros Albano, pela Unicamp.

Velloso (2019) utiliza-se da pesquisa autobiográfica como suporte à narratividade mediante a escrita de si, visando evidenciar pistas e indagações de como ela se tornou professora-artista, para discutir de que maneira a escrita de si, como orientadora de um discurso autobiográfico, é, também, um gesto formativo. Ela pontua que, “como professores, necessitamos recuperar nosso olhar e nossa própria escuta, para que estas sejam também objeto da formação [...] É o lugar da formação que pode dar nascimento a esse gesto. Ancorá-lo.” (VELLOSO, 2019, p. 152).

Pensando em minha própria trajetória formativa, entendo que ela vai ao encontro da vivida pela autora, o que sugere que estou no caminho certo, por trabalhar a escuta sensível em cada estudante, oportunizar os avanços de aprendizagens de cada um deles e ser a professora que eu gostaria de ter tido.

Outra produção analisada é a de Cleide Terezinha Neumann Feil, a dissertação de mestrado “(Entre)laços da docência: escrita de si, autopoiese e aprendizagem na docência”, defendida em 2019, sob a orientação do Prof. Dr. Ireno Antônio Berticelli, pela Universidade Comunitária da Região de Chapecó (UNOCHAPECÓ).

Os itens que compõem a estrutura metodológica da escrita do texto científico não ficaram claros, estavam implícitos.

Feil (2019) utilizou-se da abordagem autobiográfica, como também da pesquisa qualitativa em escrita de si. Nesta pesquisa, ela acolhe as representações subjetivas em aprendizagem da docência, uma *autopoiese* humana. Sendo assim, (auto)produzir a professora educadora que se constrói no processo (auto)formativo.

Os resultados desse estudo apontam que

A educação, a escola não é, está *sendo*, assim como os processos formativos e do aprender a docência também não são, estão *sendo*. Apreendo a partir do dizer de mim que se eu me transformo no *Lebenswelt*, a escola e os processos também mudam, que tudo é transitório e o que realmente importa nos processos educativos é onde minhas práticas podem contribuir ao tocar, ao fazer acontecer, ao experienciar o mundo da vida no devir (FEIL, 2019, p. 136, grifos da autora).

Interessante notar que a autora observa a si mesma em um processo de autoformação, compreendendo que a prática se dá num *continuum*. Também eu, ao ler seu estudo, pude me ver em um processo de transformação da prática – já não sou a mesma pessoa Carolini de antes, os estudos e as leituras me reconstroem a todo o momento.

Segue, em análise, o trabalho de Beatriz Vitor Vieira Ferreira, orientado pela Prof.<sup>a</sup> Dra. Ana Maria Falcão de Aragão, com o título “Narrativas do cotidiano, formação e trabalho docente: reflexões sobre *perejivanie*”, dissertação de mestrado defendida em 2021, pela Unicamp.

O trabalho da autora, tem como objetivo identificar, descrever e analisar os episódios/situações de *perejivanie* (*compreendido como vivências*) do cotidiano docente presentes nas narrativas. A metodologia utilizada para esta pesquisa é o método narrativo de investigação; as análises que mobilizaram a *perejivanie* articulando com os conceitos vigotskianos de drama, situação social de desenvolvimento.

O texto é composto por cinco capítulos e os resultados, segundo Ferreira (2021), pontuam que:

[...] o processo formativo narrado nessa pesquisa e as discussões sobre *perejivanie* só são possíveis porque falo sobre mim, sobre meu percurso formativo, uma vez que evidencio a maneira como refrato as situações vividas e mobilizaram a *perejivanie* e possibilitaram transformação e modificações em meu desenvolvimento pessoal e profissional. E só foram possíveis pelo contexto em que estava

inserida ao longo da caminhada (FERREIRA, 2021, p. 117, grifos da autora).

O conceito de *perejivanie* (vivência), conforme a autora, refere-se à ação consciente do sujeito, sendo partícipe de seu desenvolvimento humano, articulado à teoria histórico-cultural, podendo se associar às vivências.

Para Vigotski (2018, p. 78) que “Vivência é uma unidade na qual se representa, de modo indivisível, por um lado, o meio, o que se vivencia –a vivência está sempre relacionada a algo que está fora da pessoa –, e, por outro lado, como eu vivencio isso”. Nesse sentido, penso que, mesmo em uma análise ainda prematura, estaria eu em processo de *perejivanie* no envolvimento desta pesquisa, quando estudos, reflexões, transformações aconteceram e ainda acontecem em meu desenvolvimento pessoal.

Por fim, analisei o trabalho de Lidiane Martins de Oliveira, cujo título é “(Des)caminhos de um devir-professora”, dissertação de mestrado defendida em 2018, orientada pela Prof.<sup>a</sup> Dra. Lucia de Fátima Estevinho Guido, pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). A autora procura tecer linhas entre a formação de professores, os percursos e encontros de sua formação, num trabalho realizado em cartografia, através de narrativas e os objetos-dispositivos que a fizeram tornar-se professora.

Como resultado de pesquisa, Oliveira (2018, p. 90) afirma que o “Devir professora, tornar-se professora, não é um acaso, sina ou destino fixo ou determinado. É não se contentar com o que está posto, com aquilo que se é, mas buscar ser mais em eterno percurso. O eu, o outro e tantos outros, devir”.

Desta leitura, apreendi que o devir-professora é construir caminhos com postura determinada, dever, ética, política do não-contentamento ante à realidade posta, do não à alienação, à acomodação, da superação em busca de interrogações com base na racionalidade reflexiva, muitos estudos e disponibilidade de fazer a diferença.

### **3.1.3 Análise dos descritores no portal Anped**

Nos descritores: “Memoriais”, “Memorial”, “Narrativas de si”, “Experiências Autoformativas”, “Narrativas Autobiográficas”, nada consta. O descritor “História de vida” apresentou três resultados, contudo, não coincidem com esta pesquisa.



Resta, portanto o descritor “Autoformação”, para o qual foi encontrado apenas um trabalho, de autoria de Rodrigo Alberto Lopes, com orientação da Prof.<sup>a</sup> Dra. Rosane Maria Kreuzburg Molina, intitulado “Semear-se (em) um campo de dilemas: Uma autoetnografia de um professor de educação física principiante na Zona Rural de Ivoti/RS”, resultante de uma pesquisa de mestrado apresentada à Unisinos, em 2012. O resumo informa tratar-se de uma pesquisa do campo etnográfico. Este trabalho, advém de dissertação de mestrado, já analisada no portal BDTD.

### **3.1.4 Análise dos descritores no portal SciELO**

Primeiramente, informo que o descritor “Professor iniciante – memoriais” (com o operador booleano OR) não apresentou qualquer resultado.

Na busca com o descritor “Narrativas de si - Professores Iniciantes” (com o operador booleano OR), precisei fazer a inversão do descritor colocando “Narrativas de si” primeiro e “Professores iniciantes” em segundo, para conseguir algum resultado de pesquisa. Sendo assim, apresentaram-se três resultados de pesquisa e nenhuma contém semelhança com a minha pesquisa.

O mesmo se deu com o descritor “História de vida – professores iniciantes”, que apontou 22 resultados de pesquisa, mas nenhuma vai ao encontro da pesquisa que desenvolvo.

Quanto ao descritor “Narrativas autobiográficas - Professores iniciantes (com o operador booleano OR)”, mesmo utilizando o recurso da inversão da ordem dos termos, não foi obtida qualquer pesquisa.

#### *3.1.4.1 Professor iniciante – Memorial (com o operador booleano OR)*

Neste descritor foram encontrados 26 trabalhos, e apenas dois deles vão ao encontro da minha pesquisa. Sendo eles: Simas (2021) e Bencostta (2018).

O trabalho de Vanessa França Simas, cujo título é “Narrativas compartilhadas na formação da professora iniciante”, é um artigo científico publicado no periódico “Educar em Revista”, em 2021. De acordo com Simas (2021) o trabalho objetivou analisar como se deu o processo de interlocução entre uma professora iniciante e um grupo de pesquisa, por meio de narrativa escrita sobre a prática pedagógica e enviada a este grupo.

A metodologia narrativa é auto/hetero/biográfica em diálogo com a filosofia bakhtiniana para compreender o processo de interlocução entre os pares.

Os resultados da pesquisa apontam que compartilhar as escritas narrativas relativas às memórias da docência sobre a própria prática no processo formativo tem se tornado potente no processo formativo de professoras iniciantes na carreira docente.

A leitura deste trabalho, fortaleceu a realização desta minha pesquisa, ampliando os caminhos de formação a partir das narrativas em memoriais de formação.

O outro trabalho analisado foi o de Marcus Levy Bencostta, nomeado “História da Educação: ego-documento de um pesquisador em terras paranaenses”. Trata-se de artigo científico constante em edição da “Educar em Revista”, em 2018. De acordo com Bencostta (2018) o objetivo do texto é apresentar como se deu a construção da contribuição do autor para o campo da História da Educação.

Quanto à metodologia, o autor se apoiou em lembranças documentadas para tentar explicar a sua trajetória formativa e compreender como se deu todo este processo.

Os resultados evidenciam que relembrar sua trajetória permitiu a reflexão sobre a importância das bolsas de estudo em seu desenvolvimento profissional, como incentivo ao aprimoramento de professor pesquisador em estudos de graduação, mestrado e doutorado. Para ele, é uma satisfação retribuir esse investimento na formação de professores, educadores e pesquisadores.

Com a leitura deste trabalho, rememorei minha trajetória como bolsista durante o período de graduação e o quanto esse estímulo me deu a oportunidade de compartilhar pesquisas em âmbito local, regional e nacional.

#### *3.1.4.2 Experiências autoformativas – Professores iniciantes (com o operador booleano OR)*

Na busca, precisei inverter a ordem: “Experiências autoformativas” primeiro e, em segundo, “Professores iniciantes”. Apresentaram-se 22 resultados de pesquisa e apenas um trabalho se relaciona ao meu, o de Simas (2021), que já foi analisado no descritor “Professor iniciante OR Memorial”.

### *3.1.4.3 Autoformação - Professores iniciantes (com o operador booleano OR)*

Na busca, foi necessário fazer a inversão do descritor: “Autoformação” primeiro e, em seguida, “Professores iniciantes”. Houve 30 resultados, dos quais somente um trabalho vai ao encontro da pesquisa que aqui apresento. É, novamente, o estudo de Simas (2021), que já foi analisado no descritor: “Professor iniciante OR Memorial”.

## 4 METODOLOGIA

Nada encontrei em minhas buscas por produções sobre memorial de si como autoanálise no BDTD, SciELO, Capes e Anped, isto é, por pesquisas em que o próprio autor analisa a sua narrativa. Localizei, contudo, produções em que autores analisavam as narrativas dos sujeitos, colaboradores da pesquisa, dentre eles: Jovchelovitch e Bauer (2008); Passeggi (2006; 2011); Souza (2008) e Gaspar (2014).

A metodologia pela qual venho traçando a pesquisa está sendo construída ao longo da minha trajetória formativa, por meio de coleta sistêmica dos memoriais. Isso se deu na graduação, durante o curso de Pedagogia, quando, orientada, pela professora Rosana Maria Martins, escrevemos nossas narrativas. A partir de então, seduzida por elas, fui buscando as memórias desde o primeiro semestre da Pedagogia até o último, constituindo-se este acervo em meu Trabalho de Conclusão de Curso, subsidiado teoricamente a partir da orientação da professora Simone Albuquerque da Rocha, o qual foi defendido em 2019.

Posteriormente, adentrei ao Mestrado em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFMT e, sob a orientação da mesma professora, continuei na elaboração dos memoriais, desta vez, como mestranda e também professora iniciante, visto que inicio as atividades na docência. Todo esse arcabouço memorialístico produzido por mim sustenta esta pesquisa que ora apresento

Semestralmente redigidos, no decorrer de minha formação, seja na graduação ou no mestrado, os memoriais têm, ainda, acompanhado meu desenvolvimento profissional docente, antes como aluna e, atualmente, como professora iniciante.

Eu sou o meu “outro”. As leituras, as vivências, as experiências, deixaram marcas em mim. Dessa forma, eu já sou outra, mesmo sendo a Carolini. Neste sentido, conservo os elementos da linha temporal desde a graduação e nisso eu tenho me construído como docente, em coletas reflexivas, em memoriais de formação, em narrativas de si, há sete anos.

Isso posto, me amparo em Abrahão (2004), que assegura:

As narrativas não copiam a realidade do mundo fora delas: elas propõem representações/interpretações particulares do mundo. As narrativas não estão abertas à comprovação e não podem ser simplesmente julgadas como verdadeiras ou falsas: elas expressam a verdade de um ponto de vista, de uma situação específica no tempo e

no espaço. As narrativas estão sempre inseridas no contexto sócio-histórico (ABRAHÃO, 2004, p. 220).

Assim, com base nas leituras realizadas sobre memoriais de formação, ao se referirem à maneira de analisar produções de outros em formação, sintetizei algumas orientações e trouxe algumas noções de como eu as poderia utilizar em mim mesma, ou seja, nas reflexões de si de Carolini, autora da pesquisa.

Conforme Jovchelovitch e Bauer (2008):

Narrações são colocações indexadas, a) porque se referem à experiência pessoal, e b) porque elas tendem a ser detalhadas com um enfoque nos acontecimentos e ações. [...]. A narração constrói ações e contexto da maneira mais adequada: ela mostra o lugar, o tempo, a motivação e as orientações do sistema simbólico do autor (SHÜTZE, 1977) (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2008, p. 92).

Nas leituras sobre o autor, ainda compreendi que há três principais características nesse processo: “o de textura detalhada; fixação de relevância e o fechamento Gestalt”. Através da leitura de Jovchelovitch e Bauer (2008), embora eles se refiram a procedimentos de como analisar narrativas do outro, os sujeitos em formação, pude apreender que há três aspectos importantes a serem considerados nas análises: o de que a narrativa deve ter textura detalhada para que seu leitor melhor compreenda a narração; a noção de como “tempo, lugar, motivos, pontos de orientação, estratégia e habilidades” deve estar presente; e que a narrativa deve ter relevância e o fechamento contenha início, meio e fim, podendo este fim ser a situação presente (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2008, p. 94).

Apoiei-me, também, em Passeggi (2006, p. 2), ao citar que “a formação através das práticas autobiográficas rompe, portanto, com a concepção de transmissão de saberes e se caracteriza como a busca da compreensão de si mesmo e de suas relações com o saber.

Na formação de professores, a experiência de visitar a consciência dá ao sujeito a chance de acessar suas memórias para olhar sua história sob diferentes lentes, compreendendo que a educação é complexa e requer reflexão sobre as ações docentes. Além disso, deve estar aberto a novas perspectivas, entendendo as marcas deixadas em si. O processo de se formar professor inclui marcas que constituem nossas experiências no/do fazer-nos professor.

Estas marcas constituem a identidade, a ação e a constituição de si e para si. Já das leituras de Souza (2004, p. 12) absorvi que a escrita narrativa, no caso de professoras em processo de formação, como eu, “oportuniza falar-ouvir, e ler-escrever sobre suas experiências”.

Por meio de Gaspar (2014, p. 38), aprendi que a narrativa em “Memorial de Formação se insere como uma metodologia que, embora institucionalizada, assume a natureza mais subjetiva, na medida que instaura a problemática da invenção de si mesmo em um contexto institucional”.

Nesse sentido, é interessante pensar numa nova metodologia em pesquisa narrativa com memorial de formação. É uma postura investigativa sobre o diálogo do conhecimento de “si” para “si” que transforma o conhecimento de si por meio dos diálogos dos/com o(s) (Eu)s, transformando-se, construindo-se e crescendo nesse processo. É o que eu tenho tentado refletir e discutir, assim como me resignificar neste trabalho.

Diante disso, encontro em Magda Soares (1990, p. 39) que

Essa interação é maior quando o objeto, em vez de fatos vividos por outros, narrados por um sujeito-historiador que deles não participou, são fatos vividos pelo próprio sujeito e por ele mesmo narrados – sujeito memorialista. Assim, vendo-me no passado vejo-me, de certa forma, como objeto – como “outrem” – mas, ainda do que o historiador, que conta o passado sempre do ponto de vista do presente, vejo o meu passado, vejo-me, não como foi, não como fui, mas como a que sou me mostra ter ele sido e ter eu sido (MAGDA SOARES, 1990, p. 39, grifo da autora).

Passar pela escrita da narrativa de si, conseqüentemente, faz o sujeito entender que a transformação parte de um processo que se estende ao longo da vida.

A linha cronológica, nesta pesquisa, inicia-se desde as memórias da minha infância, perpassa pela adolescência, escolha pela profissão, a trajetória formativa como licencianda e aprofunda as reflexões como professora iniciante, estudante de mestrado.

## 5 EU, PROFESSORA? CAROL EM NARRATIVAS

Eu, Carolini Rodrigues Groto Souza, carinhosamente cunhada como Carol, nascida na cidade de Rondonópolis/MT, em 20 de outubro de 1986, descrevo, nestas narrativas, um pouco de minha trajetória de formação.

Antes de começar a falar de mim, devo falar daqueles que me precederam. Minha mãe, Célia, é filha de lavrador, nascida em Jarudore, pertencente ao Município de Poxoréo/MT. Meu pai, Amarildo, também filho de lavrador, é natural de Uchôa, São Paulo. Minha avó paterna exerceu o magistério na década de 1970, em Rondonópolis, trazendo grande contribuição para a alfabetização das crianças da Vila Paulista, sentido Guiratinga, como também na Educação Infantil, quando atuou, na década de 1990, na creche da Vila Canaã. Minha avó fez, diretamente, parte de toda a minha escolarização.

Da união de Célia e Amarildo nasceram duas filhas, minha amada irmã Cristiane e eu, Carolini Rodrigues Groto; após meu casamento, passei a assinar Carolini Rodrigues Groto Souza.

Casei-me em julho de 2009 e do fruto deste relacionamento nasceu Larissa, que atualmente está com nove anos de idade. Minha alegria, amor da minha vida, motivo para seguir minha trajetória.

Concordo com Oliveira (2011, p. 292) em situar que “a trajetória de vida não determina, mas representa uma importante condição do contexto no qual o futuro profissional retira o material, para a construção da sua maneira pessoal de lidar com a profissão”.

Revisitar a consciência, para mim, está sendo um momento sensível, pois estou revivendo muitas emoções.

Na perspectiva de traçar minha trajetória de formação, de narrar de minha história, recorro a Souza (2007, p. 69), quando ele aponta a seguinte perspectiva: “Narrar é enunciar uma experiência particular refletida sobre a qual construímos um sentido e damos um significado. Garimpamos em nossa memória, consciente e inconscientemente, aquilo que deve ser dito e o que deve ser calado. [...]”.

Ser professora não foi só um sonho. Esse processo estava em mim inconsciente, o tempo todo, eu apenas não o observava. Só fui perceber isso na escrita desta dissertação, ao revisitar minhas narrativas em memoriais biográficos da

graduação e o meu TCC. Esta profissão perpassou toda a minha formação. Minha avó também era educadora no antigo Normal Superior, ora do campo, ora da cidade, e exerceu seu ofício até sua aposentadora.

Foi o olhar sensível de minha avó Cida que, num belo dia, me disse que eu deveria ser professora, visto que eu amava ensinar e as crianças aprendiam o que eu ensinava. Eu já havia estudado outros cursos, estava trabalhando em outro segmento e disse à vovó que não, que eu não tinha aptidão para isso. Foi aí que, ao chegar em casa, minhas memórias fervilharam.

Os ventos das recordações me levaram a refletir, naquele dia, que a trajetória de formação e o trabalho da minha avó estavam me instigando a me tornar professora; foram tempos de construção e formação de minha profissão, hoje, professora.

Aí passei a me recordar sobre a escola onde ela estudou, os cursos que ela fez, a creche onde ela trabalhava e me levava sempre, carregando sacolas de roupa, numa jornada de muita persistência, compromisso, competência, paixão; lembrei da padaria Pão Doce Pão, onde lanchávamos antes da sua Formação na Escola Estadual Sagrado Coração de Jesus, na qual eu a acompanhava. Vivências que fizeram parte da minha constituição, inegavelmente.

Lembrei-me também da minha trajetória formativa enquanto estudante e da minha escolarização básica até chegar aqui. Eu dizia, quando criança, que eu queria ser “doutora das letras”, pelo fato de amar ler as obras literárias, os gibis, os textos, os diários que eu escrevia à noite.

Enfim, a escrita para mim, sempre representou o lugar em que eu me encontrava comigo mesma, em meio às recordações, os registros, as reflexões. Ao meu lado estava, sempre, o grande dicionário Aurélio de capa dura, azul marinho, que vovó me emprestava.

Embora eu já tivesse, então, em meu currículo, outras formações relacionadas ao setor administrativo, pois trabalhei em empresas privadas no comércio local, resolvi mudar da profissão em que seguia para professora, adentrando, para isso, ao Curso de Licenciatura em Pedagogia na UFMT de Rondonópolis.

Neste ponto, amparo-me em Dominicé (2014, p. 86) ao afirmar que:

A sua presença tardia na Universidade [neste caso a minha] explica em grande parte esse fenômeno. Vários de entre eles foram obrigados a procurar emprego bastante cedo ou a lançarem-se na formação profissional logo a seguir ao fim do período escolar. As razões que justificam os seus estudos universitários enquanto adultos



profissionais confirmam essa centração familiar, escolar e profissional do seu percurso educativo. Estão na Universidade, porque, devido à sua origem social e ao orçamento ou mentalidade dos pais, o seu curso escolar foi bloqueado. Interrompem os estudos por razões que não se prendem com o sucesso escolar, mas mais frequentemente com o contexto social ou relacional da sua história de vida[...]. (DOMINICÉ, 2014, p. 86).

Para Josso (2014, p. 73), “As mudanças de profissão têm igualmente a sua raiz na tomada de consciência de que o sujeito não esgotou o seu potencial ou se sente tentado pelo desenvolvimento de novas competências”.

Fiz minha inscrição no Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), sendo a primeira opção de escolha, Letras, a segunda, Pedagogia, que é o que eu gostaria realmente de cursar. Passei em Pedagogia e fiquei feliz, pois eu estava diante de um novo projeto de formação profissional.

Esse episódio me faz buscar uma leitura de Josso (2014, p. 72-73), quando cita que “o arranque de uma nova formação – como, por exemplo, a presença na Universidade – pode também ser a expressão de uma necessidade de reequilíbrio e /ou de se ir além do que é agora conhecido e dominado”.

Meu primeiro contato com a pesquisa narrativa foi justamente no Curso de Graduação, Licenciatura em Pedagogia, na UFMT, na disciplina de Didática, em 2016, com a Prof.<sup>a</sup> Dra. Rosana Maria Martins, pela qual tenho muito carinho. Com ela tive – e tenho – muitos aprendizados.

Ao final da disciplina, dialogando com os autores estudados, escrevemos um texto contando a história de nossa escolarização até àquela disciplina, para entendermos como se deu nossa constituição identitária e os caminhos que nos levaram a ser professora. Rever minha própria história foi muito doloroso, embora libertador, quando me deparei com muitas respostas a perguntas que eu fazia e não compreendia.

Eu intitulei o trabalho de conclusão dessa disciplina de “Memórias”, e, por meio de reflexões, escrevi que:

Essa narrativa permite a mim ressignificar minha história na perspectiva de eu ter outro olhar sobre esses encontros explorados no decorrer desta, e que me possibilitarão, como futura professora, me reconhecer, refletir sobre minhas ações, em que aspectos preciso permitir o novo, romper com alguns moldes que considero como um vício, e na abstinência do vício, devo recorrer ao novo, embora a mudança seja difícil, e que requer esforço. Penso que para isso seja

necessário um olhar atento, reflexivo, sobre uma postura de uma nova identidade, dedicação, comprometimento, carinho e, primeiro passo, decisão (SOUZA, MEMORIAL-DIDÁTICA, 2017).

Escrever não é fácil. Exige disciplina, disponibilidade, abertura para novos aprendizados e de si. Para tanto, os autores Prado e Soligo (2007, p. 7) pontuam que: “O melhor fator de desequilíbrio é a exigência, principalmente interna - isso pode ser um verdadeiro desafio, porque ter uma motivação, um sentimento que mobiliza, tende a facilitar a tarefa da escrita”.

Naquele mesmo ano, 2017, me vi envolvida com a escrita de si em memoriais do grupo de pesquisa Investigação e nas disciplinas de Estágio Supervisionado de Educação Não-formal, Ensino Infantil, Ensino Fundamental. Para a minha surpresa, me deparei mais uma vez com a escrita de si em memoriais sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dra. Simone Albuquerque da Rocha.

No meu TCC, orientada pela Prof.<sup>a</sup> Simone, eu trouxe as memórias de formação desde minha escolarização básica até a graduação, e pude me ver em um bonito projeto de construção identitária profissional, de professora, fundamentado em muitos estudos. Ela me amparou ao atravessar as esquinas da vida, em projeto de formação, desde minha graduação e o faz agora, no mestrado em Educação, na UFR.

Na sequência, compartilho esses meus memoriais reflexivos, reproduzindo-os parcialmente, tendo sido selecionados/sintetizados os trechos com maior potencial de análise.

### **5.1 Memorial do Estágio da Educação não formal (2016)**

O primeiro memorial compartilhado foi produzido após a realização do Estágio da Educação não Formal, durante o segundo semestre de 2016, orientado pela professora Dra Rosana Maria Martins e professora Dra Simone Albuquerque da Rocha, no segundo semestre de 2017.

*Em memórias sobre o estágio não formal, este foi realizado no Projeto Semeando para o Futuro da Fundação Maria Menina, localizada na Empresa de Ballet Alessandra Carvalho no Centro da Cidade de Rondonópolis/MT. Mantém, parceria com as escolas, e as crianças têm que manter suas notas boas para continuarem. Este Projeto acolhe crianças, que possuem a síndrome de Down. Notei a relevância de colaborar com a inclusão social.*

*Nesse sentido, reflito que o espaço não formal é uma extensão da escola, no intuito de diminuir os riscos dos alunos à marginalização. O processo formativo de ensino formal que acontece nas escolas, ocorre também em outros territórios. A educação não formal é um ato pedagógico, pelo fato de as crianças e jovens terem a possibilidade de aprenderem questões sociais como socialização, aculturação, as quais permitem que na construção de suas identidades aprendam outros saberes, não necessariamente os conteúdos técnicos formalizados (SOUZA, MEMORIAL-ESTÁGIO EDUCAÇÃO NÃO FORMAL, 2016).*

Como esclarece Gohn (2006, p. 29), “[...] a educação não-formal capacita os indivíduos a se tornarem cidadãos do mundo, no mundo. Sua finalidade é abrir janelas de conhecimento sobre o mundo que circunda os indivíduos e suas relações sociais [...]”.

Dessa forma, esse universo acadêmico, as leituras, o processo do filosofar que circundou todas as disciplinas, por meio de reflexões, análises, leituras, permitiu-me a abertura do falar, do fazer educacional.

## **5.2 Memorial do Estágio da Educação Infantil (2017)**

O segundo memorial em tela foi produzido no contexto do Estágio da Educação Infantil, coordenado pelas professoras Dra. Rosana Maria Martins e professora Dra. Simone Albuquerque da Rocha, no segundo Semestre de 2017.

*Neste Estágio Supervisionado II, Eu fui para a creche, com os aportes teóricos estudados, tive também formação com a equipe da Semed/Rondonópolis<sup>1</sup>, formação com a educadora Solange Dourado, com a musicalização, formação com a representante do movimento Unegro<sup>2</sup>, de Rondonópolis, para tratar da questão sobre identidade negra, que foi muito pertinente para trabalhar o projeto da escola, estudos sobre políticas da educação infantil no Brasil e também do município, teóricos que discutem a infância, o brincar e o desenvolvimento da criança em sua totalidade, orientação das coordenadoras para realização dos planos de intervenção para aplicação em sala.*

*No nosso caso, o Estágio da Educação Infantil foi realizado na UMEI<sup>3</sup> José Reis Salles; retornamos novamente para adequação do nosso planejamento ao projeto da Unidade cujo nome é “O que cabe no meu mundo”. Haja vista que nosso planejamento fora desenvolvido com base na cultura Afro e houve alteração no nosso planejamento por parte da direção da escola, que pediu que incluíssemos não só a cultura Afro como também trabalhar outras culturas de forma homogênea, o que nos instigou a refazer nosso plano para atender as reais necessidades da UMEI. Em meio às reflexões, recordo que: Aprendi que as crianças não cabem no planejamento do professor. Digo isso porque, por mais que eu planejei cuidadosamente, pensando em potencializar suas aprendizagens, uns são aviões, outros navios, outros jatos, outros, uma pequena canoa, e todo esse movimento deve ser levado em consideração, essa reflexão a que cheguei. Que se o professor for sensível o bastante ele vai ser flexível e alterar o plano para atender as reais necessidades das crianças, porque o plano tem que ser para atender as necessidades delas; se não for, não adianta querer ser professor (SOUZA, MEMORIAL-ESTÁGIO EDUCAÇÃO INFANTIL, 2017).*

Ao recordar esta trajetória, indo ao encontro daquela Carolini sendo eu mesma no agora, percebo o quanto as marcas daquela responsabilidade, do compromisso com os estudos, têm me trazido até aqui. Os estudos da academia, bem como aqueles desenvolvidos no grupo de pesquisa em que eu já estava inserida desde o início da graduação, o Obeduc, me fortaleceram, solidificaram, sobre os possíveis desafios que eu iria encontrar no caminho, como também a vivência de ser bolsista do programa

---

<sup>1</sup> Secretaria Municipal de Educação - Semed.

<sup>2</sup> União de Negros pela Igualdade - Unegro.

<sup>3</sup> Unidade Municipal de Educação Infantil - Umei.

Pibid, no terceiro ano de graduação, atuando no Ensino Fundamental, com crianças de segunda fase do primeiro ciclo. Como argumenta Silva (2009),

[...] é a partir dos saberes práticos ou experienciais que os professores expressam seus próprios valores, juízos e sua concepção de ensino, realizam julgamentos, interpretam, compreendem e projetam suas próprias ações em sala de aula, pois somente assim serão capazes de modificar, adequar ou reafirmar as escolhas por determinada postura e sobre sua interação com os demais sujeitos em sala de aula [...] (SILVA, 2009, p. 26).

Neste estágio, eu refleti que a constituição identitária do professor na Educação Infantil se dá mediante a observação, a escuta, a sensibilidade, e que o professor tem que ser cúmplice da aprendizagem da criança. Ademais, compreendi como se dá a educação nesta modalidade, por intermédio dos estudos e do compromisso, por parte do educador.

### 5.3 Memorial do Estágio do Ensino Fundamental I (2018)

Este terceiro memorial diz respeito ao Estágio do Ensino Fundamental, que transcorreu no ano de 2018, no segundo Semestre, coordenado pelas professoras Dra. Rosana Maria Martins e Dra. Simone Albuquerque da Rocha.

*Retomando minhas memórias como licencianda da Pedagogia, organizo esta narrativa recordando o período do Estágio.*

*Aqui, como de costume, no primeiro momento da disciplina de Estágio Supervisionado III, aconteceram os estudos teóricos sobre textos, e tem como objetivo propiciar aos estagiários uma visão das dinâmicas nas relações educacionais, incluindo a Pedagogia, Didática e Fundamentos do Ensino Fundamental no âmbito educacional. Ir para o ambiente educacional, ter tido toda esta fundamentação teórica, como também ter tido Formação com o Cefapro<sup>4</sup>, me deixou segura neste caminhar.*

*Com essa formação que tivemos sobre o conhecimento da funcionalidade do Sistema Estadual de Ensino, as professoras orientadoras de Estágio seguiram com o planejamento de nos levar para conhecer a Instituição Escolar onde desenvolveríamos nosso Estágio Obrigatório nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Por conseguinte, foi a Escola São José Operário, localizada na vila Operária, no Município de*

<sup>4</sup> Centro de Formação e Atualização de Profissionais da Educação – Cefapro em Rondonópolis.

*Rondonópolis, a qual atende crianças do Ensino Fundamental I, II. Nela participamos de uma reunião para primeiro conhecermos os professores com os quais iríamos trabalhar.*

*Numa outra oportunidade fomos até a escola estudar e conhecer o Projeto Político Pedagógico, neste mesmo dia, os graduandos realizaram entrevistas com a Direção, Coordenação, Professores, Funcionários, Pais e Alunos. Estas ações foram desenvolvidas para que pudéssemos conhecer a realidade onde iríamos desenvolver o nosso trabalho, com ações centradas nas crianças.*

*Dessa forma havia refletido que: Compreendi que a formação continuada, reflexiva, é uma condição para se ter um bom sucesso na profissão, tendo em vista a preocupação com formação do ser humano na sociedade, buscando transformar o aluno em um ser pensante, partindo de suas práticas culturais e sociais. Estar como estagiárias proporcionou-nos compreender as reais necessidades das crianças, que não estão na cópia, e sim na escuta delas, e a partir das vivências delas relacionar com o científico; que elas só precisam de professores dispostos a ouvir o que eles têm para falar (SOUZA, MEMORIAL-ESTÁGIO ENSINO FUNDAMENTAL, 2018).*

Rememorar sobre este estágio me fez refletir que, embora as disciplinas dialoguem entre si, não há um trabalho interdisciplinar, é um trabalho por disciplinas. No percurso de formação, percebi as relações entre as disciplinas, houve casos em que eu lia um conteúdo de determinada disciplina, não o entendia completamente, e aquela lacuna era resolvida com a fundamentação de outra disciplina, e, até mesmo, no Grupo Colaborativo.

Entendo que a formação deve ser contínua, perpassando a graduação, e continuar ao longo da trajetória profissional, com o frequente aprofundamento de conhecimentos. Isso que senti ao atravessar os estágios curriculares do Curso. Recorria diariamente às leituras estudadas, para o fortalecimento de minhas práticas. Acerca disso, Soares (1990) afirma:

*Não se trata de construir a teoria de meu passado, organizando-o em idéias; não se trata, também de narrar a prática de meu passado, apresentando os fatos ocorridos nessa travessia; trata-se de estabelecer uma relação dialética entre teoria e prática, de modo que aquela se construa como conhecimento das condições reais desta, e esta se revele como atividade social ao mesmo tempo produzida por condições sociais determinadas e produtora de condições sociais determinadas (SOARES, 1990, p. 49-50).*

Então, quando isso acontece, o sujeito se vê em choque, como aconteceu comigo. Porque existe uma teoria que atravessou e atravessa sua/minha história. À medida que nos desenvolvemos no percurso da formação, pensamos: essa abordagem atravessou minha cultura familiar, escolar. Assim o professor vai se formando, moldando. Sendo assim, indaguei: E agora? Debater o que está no currículo oculto, conforme Giroux (1986); discutir as problemáticas sobre legitimar e perpetuar os conceitos de violência simbólica, como salientam Bourdieu e Passeron (1970)? Reproduzir as teorias tradicionais ou criar uma nova Pedagogia para as ações em sala de aula?

Para meu projeto de ação, criei a possibilidade teórico-prática, mediante as teorias apreendidas, e às quais posso recorrer durante todo o processo de minha formação, mas também preciso sempre enxergar novas possibilidades de fazer educação, como um ideal que pode ser alcançado, bem como acompanhar as transformações sociais que possam me atravessar nas esquinas de minha autoformação e que se dão num tempo que não é fixo.

É com base nos profissionais *que somos*, como pondera Rios (2011), que

[...] vamos caminhar para os profissionais que *queremos ser*. E a passagem do que se propõe como *ideal*, aquilo que ainda não temos, para o que é necessário e desejado, se faz somente pelo possível. Onde encontrar as condições da possibilidade? No único espaço onde ela já existe, exatamente como possibilidade: o real, o já existente. [...] O desafio está na necessidade de se superarem os problemas e se encontrarem/criarem recursos para a transformação. Isso se concretiza na elaboração de *projetos* de ação (RIOS, 2011, p. 109, grifo da autora).

O professor tem que ter, portanto, o olhar sensível, bem como o dever, compromisso, com uma educação de qualidade. Ser reflexivo sobre suas ações, na escolha de determinados conteúdos, em seu planejamento, ter em intenção o que espera ao elaborar e aplicar suas atividades.

Em uma de minhas reflexões, defendo que a formação permanente é

[...] o fio condutor do sucesso profissional da carreira docente. Quero continuar sendo curiosa epistemologicamente, para que eu possa sempre pesquisar, e descobrir novos caminhos a respeito da educação e ensinar meus futuros alunos, uma consciência crítica reflexiva a não se contentar com a alienação do senso comum, que se incomoda com a consciência crítica. Espantada. Não sou mais a mesma pessoa de quando iniciei a graduação, eu possuía uma consciência muito ingênua diante do mundo, das relações sociais. Ela foi despertada diante de todas as teorias que me atravessaram, que

eu viajei, que eu conhecia e outras que eu pude conhecer, provocaram em mim uma brusca transformação, que eu já não me reconheço mais (SOUZA, REMEMÓRIAS-TCC, 2019).

Nesse viés, numa postura investigativa, sendo orientada, me deparei mais uma vez com a pesquisa narrativa com memorial formativo na escrita da dissertação do mestrado. A pesquisa, então, me trouxe as memórias e como estas foram formativas e têm proporcionado minha construção identitária como professora iniciante, num processo de investigação para autoformação.

Assim, a motivação, nessa nova fase, nasceu de um projeto sobre como se dá minha constituição identitária de professora iniciante, a partir das narrativas de si, por meio de memoriais reflexivos semestrais, nos quais mergulhei para refletir os caminhos e descaminhos da prática de autoformação.

Lendo este memorial para análise, vêm à tona as palavras de Abrahão (2007, p. 166): “A questão de indissociabilidade do eu pessoal do eu profissional, certamente remete à questão da construção da identidade de sentir-se e de ser professor”.

Nesse sentido, mediante leituras, reflexões e análises sobre a temática, eu estou alçando novos voos para compreender como está ocorrendo esse processo formativo de construção de novos conhecimentos para a profissão docente.

#### **5.4 Memorial de Professora Iniciante 2019 – o início da profissão docente**

A partir deste ponto, os memoriais já não se referem mais às experiências vividas em estágios, na segurança da rede acadêmica. Passo a compartilhar memoriais escritos na condição de professora iniciante, que assume sua primeira turma em meados de 2019. A redação desses memoriais se constitui em hábito e necessidade, pelo costume já estabelecido em meu percurso formativo. Passo então, à intenção de ampliar meus estudos, com vistas a concorrer a uma vaga no mestrado em Educação oferecido pela UFMT.

*Quando narrei este memorial, eu estava numa angústia muito grande. Tinha acabado de me formar no início de maio de 2019 e, passadas apenas duas semanas, deixei meu currículo em algumas escolas e logo eu fui contratada para trabalhar numa escola particular da cidade de Rondonópolis, onde eu moro.*



*Então eu, a professora iniciante, estava ali como protagonista. Me destinaram no susto, sem preparação, uma turma de quinto ano, me dizendo que eu já era a quinta professora. A coordenação da escola exigia os planejamentos, atividades e avaliações alinhadas à BNCC<sup>5</sup>, eu estava assustada, mas, ao mesmo tempo, eu me desafiava. Muitos professores tinham essa dificuldade e tiveram uma crise quando da implantação impositiva da BNCC; eu já não tinha, estava mais tranquila devido o curso da Pedagogia e da formação no Obeduc terem me propiciado essa discussão com uma professora especialista em currículo, sobre as controvérsias da BNCC.*

*Como foi frustrante, tenso, complexo, eu diria traumático, esse período. A gestão da escola exigindo de mim que eu tinha que resolver o problema daquela turma, porque eu era a quinta professora, ter que lidar com os pais de como confiar numa professora iniciante e trabalhar a aprendizagem das crianças a contento. Recordo de minha coordenadora me dizer que não era pra eu falar para os pais que eu tinha acabado de sair da Universidade, senão os pais não iriam confiar em mim, no meu trabalho, e poderia entrar em crise, trazendo tensão e preocupação para a coordenação. Então, eu tive que ser forte diante de todos aqueles desafios.*

*Assim, para me acalmar eu entrava em diálogo comigo mesma, com meu Eu Carol, e me dizia: Carol, estou contigo e nós vamos conseguir. Tive que buscar forças na espiritualidade, em mim, em tudo o que eu aprendi na graduação com cada uma das pessoas que me atravessaram na graduação, desde os meus professores, os parceiros de grupo que estavam ali para me apoiar. Quando recordo, sinto uma emoção muito grande, porque eu venci os desafios. Ali estava uma iniciante sem experiência de sala de aula caindo na cova dos leões, tendo que resolver os problemas diversos daquela turma, enfrentando a indisciplina e a rebeldia dos alunos. Ali reportei aos estudos graduação. Reportei à professora Simone, que sempre me orienta neste caminhar juntas, aos estudos do Obeduc, que eu participava, das Mostras de pesquisa que tivemos, de formação, tanto da Rede Semed de Rondonópolis como o Cefapro (rede estadual), que ela, juntamente com professora Rosana, também junto comigo, nos enfrentamentos no estágio. Eu, naquele instante, reportei a cada teoria estudada e apreendida em milésimos de segundos. Então, o medo foi diminuindo. Isso me fez sentir mais segura, devido ter aprendido, na disciplina de Didática, sobre: como fazer um planejamento com base na questão de elaborar projetos, como também sequência didática, o que eu queria que o aluno aprendesse mediante o planejamento de conteúdos atitudinais, procedimentais, por teóricos que discutem essas questões. Dessa forma, através desse conteúdo eu consegui encontrar os caminhos das*

---

<sup>5</sup> Base Nacional Comum Curricular - BNCC.

habilidades, objetivos, e adaptava à realidade dos alunos. Neste sentido, eu me deparei com todo o aparato científico dos tempos de graduanda e, naquele momento, converter o conhecimento em transposição didática para, então, gerar ensino-aprendizagem.

Recordei que meu pai dissera “Filha, sim você está com medo, mas vai com medo mesmo, porque se você sabe quem é, não tem o que temer”. Aquelas palavras de encorajamento me motivaram a seguir na luta pela educação. Eu sentia os teóricos falando comigo, em cada situação em sala de aula, das discussões dos textos, das formações. E aí foi que eu segui, com medo, mas segura de que eu realmente, com muito compromisso, estudei e muito, e estava preparada para os desafios que viriam.

Assim que eu cheguei à sala eu cumprimentei os alunos, me apresentei a eles, quem eu era, **e disse a eles que não teria uma 6ª professora, que eu iria com eles até o último dia de aula.** Elaboramos juntos regras de boa convivência com a turma, registramos em ata e foi entregue ao diretor da escola. Logo, eles perceberam que a mudança de postura de minha parte os provocaria a grandes aprendizagens com a mudança de postura deles também. Algo que eu não me esqueço, de minha amada e querida professora Rosana, em que dizia, em suas aulas, e isso ficou marcado em mim tão profundamente que quando eu vou realizar meu planejamento e quando estou em aula com os alunos ela está comigo, é que “um bom plano é aquele que inicia lindo e termina todo rabiscado.” Ela é “A profissional professora” que me revisto cada dia de seus exemplos e ensinamentos e sigo os passos dela. Foi pensando assim que converti a “rebeldia” dos estudantes em novas estratégias de aprendizagens. Eles tinham fome por conhecimento e então, fui alimentando-os com o conhecimento científico investigatório, pensando na possibilidade teórico-prática, a qual adoto em minha práxis.

Reportando-me ao meu início de docência, o meu espaço/tempo daquele instante, confesso que não foi nada fácil, a sala de aula era muito agitada, estar diante daqueles alunos. Foi então, quando fui refletindo, estudando, ensaiando, atuando na sala de aula e assumindo o meu papel como protagonista professora. Aqui me reporto a Mariano (2006, p. 24) em que ela aponta que “É a união desses três aspectos – estudos, ensaio e atuação que nos permitem fazer improvisos, sobreviver, descobrir-nos, seguir em frente”. Acrescento aqui um quarto aspecto fundamental: esse atuar em sala de aula me foi possível fundamentalmente ao reportar como um pinçar de minhas memórias de formação nos estudos da graduação e o Obeduc. Acerca disso, Rocha; André (2010, p. 80), afirmam que “a memória aparece como fator preponderante, ao pinçar fatos, dados, episódios, passagens, trazendo-os para o presente, iluminando e dando vida aos fatos passados” (SOUZA, MEMORIAL-PROFESSORA INICIANTE, 2019, grifos meus).

Revedo este memorial, escrito em 2019, recorro a Perrenoud (2002), quando ele afirma que

[...] seria absurdo esperar que uma formação inicial, por mais completa que fosse, pudesse antecipar todas as situações que um professor encontraria em algum momento do exercício de sua profissão e oferecer-lhe todos os conhecimentos e as competências que algum dia, poderiam ser útil a ele. Em diversos estágios, todos os professores são autodidatas, condenados, em parte, a aprender seu ofício na prática cotidiana (PERRENOUD, 2002, p. 50).

Nesse processo, meu repertório de conhecimentos entrou em articulação, composto por: conhecimento científico-pedagógico; conhecimento do conteúdo disciplinar; conhecimento pedagógico em geral; conhecimento de currículo; conhecimento dos alunos e de suas características; conhecimento dos contextos; conhecimento dos fins educativos; conhecimento de si mesmo e conhecimento da filiação profissional. Imersa neste cenário, refleti com Tardif (2013, p. 86) que “o início de carreira é acompanhado também de uma fase crítica, pois é a partir das certezas e dos condicionantes da experiência prática que os professores julgam sua formação universitária anterior”.

Penso que, nesse espaço/tempo inicial da minha docência, me apropriei desses conhecimentos para conseguir trabalhar com uma turma difícil. Alarcão (2011) corrobora que o conhecimento profissional do professor é basilar na construção dos conhecimentos teóricos, resultando em sua atividade pedagógica.

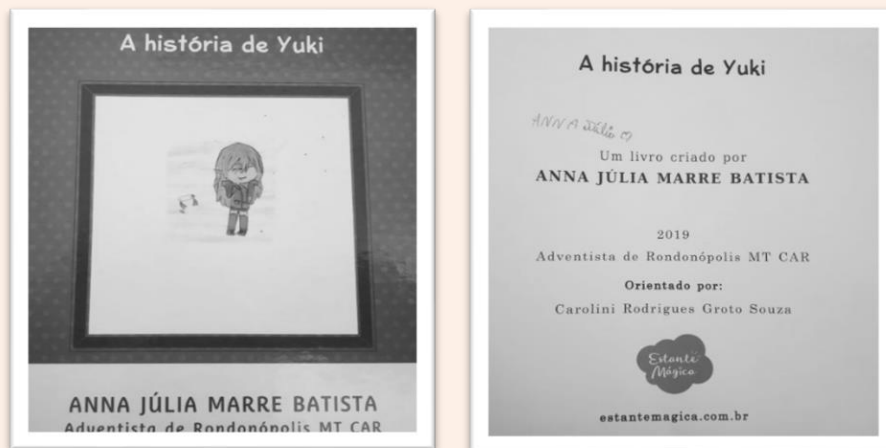
As reflexões continuam, e os pinçamentos de memórias vão acontecendo:

*As teorias apreendidas na graduação me colocavam em xeque. **Cada um dos autores falava comigo** pelas vozes no meu consciente e me dizia que caminho seguir, que passos andar, **eu os ouvia**. Quantos desafios eu tive. Se não fossem as teorias apreendidas durante a graduação, as vivências do Obeduc, Pibid, todas as formações que eu tive durante este percurso de licencianda, todos os estudos que me apropriei, eu tinha desistido de ser professora e os alunos estariam com a 6ª professora.*

*Com compromisso e trabalhando com todas as forças necessárias, dentre inúmeras propostas, destaco aqui a proposta que os alunos tiveram a oportunidade de criarem suas próprias histórias, sendo eu a criadora e orientadora do projeto *Estante Mágica*; eu escolhi a temática *biografia*, em que as crianças tiveram a*

*oportunidade de criar histórias com personagens a partir da história delas. Bom, os alunos aprenderam, na prática, que um bom trabalho dá trabalho, como eu também havia aprendido com minha formação. Assim, as produções envolveram também as famílias e os pais estavam apreciando terem os filhos, enfim, interessados. As histórias criadas, geraram um livro e, quando ficaram prontas, tivemos a noite de autógrafos, e lá estávamos, eles e eu. Jamais me esquecerei desta turma do 5º ano. **Meu primeiro ano de docência, iniciado com inúmeros desafios, e feliz por eles terem aprendido e aceitado todas as propostas** que havia planejado para eles e como eles trabalharam, pois eles queriam isso. Sentiam fome e sede pelo conhecimento, por alguém que os desafiasse e acreditasse neles.*

Fotografia 1a - Noite de autógrafos e apresentação das obras literárias



Fonte: a autora (2019).

*Com este trabalho, sendo o primeiro trabalho de conquista, de valorização dos alunos, de torná-los produtores de narrativas, com eles, eu me constituí, nesse processo como uma excelente profissional professora que fui: **uma iniciante que se deu muito bem na primeira experiência de docência.***

*Quantas aprendizagens entre os pares eu tenho conquistado, parcerias de coordenadores, diretores ainda trabalhando nesta escola que confiou em mim e que produzi e tenho produzido resultados. Eu não me sinto uma estranha no ninho, pelo contrário, o território de trabalho já é meu território de pertença. Desde acompanhamento, acolhimento, apoio dos pares, eu tenho. E tenho certeza de que concebo assim, meu ambiente primeiro, de trabalho, porque a formação no projeto Obeduc e no grupo de pesquisa me possibilitaram esta imagem de mim. Nisso, minha orientadora, professora Simone Albuquerque da Rocha, sempre esteve comigo, participando de minha trajetória formativa. Eu carinhosamente enviei a ela o convite*

*para participar da Atividade e ela sem hesitar atendeu ao meu pedido. Foi uma honra tê-la conosco. Meus alunos, a direção, coordenação, colegas de trabalho, ficaram maravilhados de conhecer a minha professora, valorizando meu empenho nas atividades desenvolvidas nesse meu primeiro espaço de docência, tão difícil e desafiador para mim.*

*Refletindo sobre este caminhar orientada, assemelho-me a um atleta que ao seu lado está o seu treinador, acreditando, desempenhando o papel de buscar os melhores resultados, chorando junto nos momentos de dores e perdas, como foi o caso de meus avós, dentre outras perdas de outros entes queridos que eu tive nestes dois anos de mestrado, como aplaudindo de pé o meu sucesso. Eu nunca vou me esquecer de todos os momentos que ela esteve comigo e ainda está. No apuro de orientação, ela sempre utiliza de palavras de motivação. Num dos meus apuros, esta reflexão surgiu quando ela disse uma palavra que me motivou: Você é campeã! Eu fiquei tão emocionada, motivada, que eu disse a ela que nós somos campeãs e que com ela ao meu lado eu não tenho medo, me sinto segura, confiante, valente e destemida. Eu, seguindo os seus passos nesta jornada a duas.*

*Trago aqui, também, a proposta da criação do Cordel, com a finalização de nossos trabalhos para aquele ano. A partir da obra literária, tudo foi confeccionado pelos próprios alunos, desde a criação da escrita do Cordel até mesmo a confecção dos cenários, tudo elaborado pelos próprios alunos, sob minha orientação. Foi um trabalho que teve repercussão em nível de município, Estado, Brasil, pelos gestores da escola adventista.*

Fotografia 2a - Apresentação do Projeto Cordel



Fonte: a autora (2019).

(SOUZA, MEMORIAL-PROFESSORA INICIANTE, 2019, grifos meus).

Este memorial de professora iniciante, escrito em 2019, demonstra o acompanhamento e acolhimento por parte dos gestores da instituição para comigo, nesse que foi o meu primeiro ano de docência, tão complexo e desafiador. Contudo, eu não estava só! E, se não estava só, também não estava livre de pressões e cobranças por resultados, que ocorriam cotidianamente. Entre os teóricos que discutem os desafios e dilemas dos professores iniciantes, saliento o que Marcelo García (1999, p. 113) evidencia, que é “um período de tensões e aprendizagens intensivas em contextos geralmente desconhecidos, e durante o qual os professores principiantes devem adquirir conhecimento profissional além de manter certo equilíbrio pessoal”.

A autora Cavaco (1995, p. 179) descreve bem o que passei, sendo característico do período iniciático da docência o clima de tensões. Neste meu percurso de professora, essas recordações têm provocado em mim muitas reflexões que fortalecem meu autoconhecimento e vivificam minha trajetória pessoal.

É um tempo da instabilidade, da insegurança, da sobrevivência, mas também de aceitação dos desafios, da criação de novas relações profissionais [...]. Trata-se de um período de tensões, de desequilíbrios e de reorganizações frequentes, de ajustamentos progressivos das expectativas e aspirações ocupacionais ao universo profissional (CAVACO, 1995, p. 179).

Além disso, ao professor principiante são postos inúmeros desafios que incidem sobre a sua desistência ou permanência na profissão.

Neste sentido, Cancherini (2010) afirma que:

Por norma, ao professor principiante, que inicia a sua carreira, são atribuídas as turmas mais difíceis, alunos mais indisciplinados, locais mais distantes para lecionar, piores horários, piores salas, etc. [...] àquele que se inicia são delegadas as tarefas que todos os demais não escolheram, dado que é prerrogativa dos que estão há mais tempo na carreira, fazer suas opções antes dos novatos, segundo critério de antiguidade (CANCHERINI, 2010, p. 6).

No meu caso, mesmo atravessando um período traumático, estava decidida a seguir em frente, para me constituir professora e, nessa trajetória, ir construindo novos caminhos, novas interrogações, novas pesquisas, isto é, sendo, também, uma professora pesquisadora.



## 5.5 Memorial de Professora Iniciante - 2020

O segundo ano de docência foi vivido sob uma nova realidade, imposta pela Pandemia do Coronavírus, no alvorecer do ano de 2020, como relato no memorial apresentado em seguida:

*No ano seguinte, 2020, então no segundo ano de professora iniciante, no início de uma Pandemia<sup>6</sup>, foi um tempo difícil para o mundo, para o Brasil para a educação, para os professores, crianças em aprendizagem e suas famílias. Todos fomos tocados pela pandemia de diversas formas. Exigiram de nós novas formações, plataformas como o Zoom, e deveríamos aprender em tempo recorde para trabalhar com os alunos via web.*

*Continuei na mesma escola, trabalhando com a turma, agora do 2º ano, com novos desafios, pois já não era a do quinto, com a qual tive experiências, era um segundo ano, tudo novo, de novo. Aí a Pandemia alterou a minha atuação como professora. Iniciante ainda, quanto desafio eu tive! Havia programado trabalhar com os alunos obras literárias, com nossa querida autora Cecília Meireles, com poemas para crianças e noite de apresentação, aí veio a Pandemia, alterando a forma de trabalhar, de contato físico para o virtual.*

*A rotina dos professores em tempos pandêmicos foi alterada e se deu por entre planejamentos, criação de vídeos, propostas pedagógicas que alcancem este aluno, agora distante. Senti, assim, o pressuposto de que “ninguém escapa da educação” como aponta Brandão (2002). A educação em tempos de pandemia trouxe transformações em todas as áreas de nossa vida, quer seja: política, social, cultural, segurança, saúde.*

*Estávamos diante de uma crise existencial em que novos caminhos mudariam a identidade na/da educação. Assim, refleti no meu memorial que o modelo escolar jesuítico disciplinar, com muros, paredes, salas de aula, agora, em tempo Pandêmico, passa a ser dinâmico, tendo como ambiente de aprendizagem a residência da criança, muitas delas, sem condições de estudo, devido a uma série de fatores, família numerosa, cômodos pequenos, falta de tecnologia, pouco acesso à internet, entre*

<sup>6</sup> A Covid-19, doença respiratória causada pelo vírus SARS-CoV-2, assolou o mundo, alterando profundamente a vida de todos. A vacinação em larga escala demorou a surtir efeitos na sociedade e muitas pessoas morreram ao longo desse processo. Medidas de proteção e controle da doença foram instituídas pelas diferentes esferas de poder, a mais impactante delas, o isolamento social. A educação foi bastante atingida. No Mato Grosso, as secretarias estadual e municipal de Educação determinaram que todos funcionários e estudantes permanecessem isolados e as aulas passaram a ser virtuais. No final de 2021, as aulas presenciais foram sendo retomadas aos poucos.

*outros; eles deveriam aprender e estudar, nestas condições... Os professores, por sua vez, precisaram aprender em tempo recorde a utilização de ferramentas digitais, e, para tanto, cursos de formação continuada oferecidos pela instituição para que o ensino remoto chegasse aos lares foram propiciados. Neste bojo, as crianças e as famílias (pais) com condições financeiras favoráveis estão sujeitas ao estudo escolar que, segundo Machado (2020, p. 8) se dá “através de tutoriais, vídeos explicativos, vídeo, conferência e até mesmo materiais impressos. Foram utilizados com o intuito de ‘preparar’ os mesmos para assumirem o papel de tutores e auxiliares dos professores na tarefa de educar seus filhos”. Mesmo assim, nas propostas de atividades foram incluídas algumas por mim programadas, que chegassem próximo ao que deveria ser abordado. Tivemos a oportunidade também de as crianças confeccionarem materiais em casa e, em algumas delas, irem para a cozinha fazer pratos com a ajuda dos adultos, em tempo real, desde vitaminas, pipocas, massinha de modelar, dentre outras vivências.*

*Foi extremamente desafiador, mas consegui vencer aquele ano. Nessa trajetória, eu continuava estudando, trabalhando, fazendo cursos, consegui também fazer minha especialização pela Instituição Faculdade Venda Nova Imigrante (FAVENI) na linha Alfabetização e Letramento 2021. Aguçada pela investigação, eu pretendi aprofundar os estudos, procurando o caminho do Mestrado em Educação. (SOUZA, MEMORIAL-PROFESSORA INICIANTE, 2020).*

O memorial de 2020 revela que, mesmo sendo professora iniciante, com todos os desafios, o “eu Carol” estava todo o tempo fortalecido, confiante, ainda que diante das dificuldades que estava vivendo naquele momento, buscando novas formas de aprender. Acerca disso, Cavaco (1995) afirma que:

*As expectativas de uma identidade profissional preestabelecida e as condições reais de trabalho, ajudando a questioná-las com pertinência e a resolver as dificuldades mantendo o docente, em si mesmo, uma confiança suficientemente grande para considerar qualquer experiência vivida como importante desde que a partir dela se aprenda e se cresça como indivíduo, fazendo-se e definindo-se (CAVACO, 1995, p. 179).*

Desse modo, compreendo que ao professor iniciante também é dada a oportunidade de validar ou não os conhecimentos que adquiriu nos tempos de graduação e exercer o seu papel de aluno-pesquisador.



Nesse sentido, entendo que as teorias científicas servem para fundamentar as ações do professor nesta fase, e que as experiências vividas são o termômetro para orientar suas ações na prática.

## 5.6 Memorial de Professora Iniciante - 2021

O ano de 2021 correspondeu ao meu terceiro ano de exercício docente, como descreve o memorial abaixo:

*No desafio de escrever e refletir: o primeiro Semestre deste ano, estando eu em terceiro ano de profissão, foi muito angustiante, devido às crises de enxaqueca, acompanhadas pela falta de concentração devido à sobrecarga e também ter contraído o vírus da Covid-19 no ano anterior.*

*Em meio à Pandemia, eu iniciei trabalhando novamente com a turma do 5º ano, na escola particular, de forma remota. Foi uma satisfação voltar ao quinto ano, só que com um novo desafio, o de fazer o planejamento alinhado a BNCC. Esse fato trouxe instabilidade até na compreensão das discussões à prática pedagógica por parte da gestão da escola, dos parceiros de trabalho. Eu estava conseguindo ajustar o quebra-cabeça em meio a estes desafios apavorantes, desconcertantes.*

*Este é meu terceiro ano de docência, sempre sendo acompanhada, acolhida pela Instituição, coordenador, diretor e pares. Nisso, refletindo sobre o desafio de trabalhar e estudar, eu queria ter experiência na área pública. Pensei, então, em alçar novos voos, desta vez, na escola pública. Trabalho com a turma do 4º ano. O motivo para que eu tomasse esta decisão foi que eu me questionava: Como vou eu defender uma dissertação do Mestrado sem ao menos ter a vivência da regência numa Instituição Pública, na qual eu estarei daqui a pouco em Concurso e atuante? Com que propriedade eu defenderia algo que eu não conhecia e defendia, como a educação pública? Então, partindo dessas interrogações, fui à busca das vivências e procurar novas investigações. Havia passado no seletivo e então assumi este compromisso político com a minha formação.*

*Maravilhoso é saber que quando você crê em um ser superior, ele te dá forças necessárias para você cumprir seus propósitos. Ouvir da mãe de um aluno que minha entrada na Escola foi resposta a oração, porque o filho dela até hoje não havia tido uma professora que o enxergasse e o tratasse com respeito e o fizesse avançar. **Ah, isso não tem preço, quando você cumpriu o seu dever! Ter a sensação de***

**trabalho exitoso, quando alunos que não estavam alfabetizados e você conseguiu o fazer ler palavras, frases, pequenos textos. Eu, iniciante, tinha conseguido! O que fiz foi dar todo o suporte necessário para que esse aluno acredite que consegue – e consegue mesmo!**

*Invisto na minha formação com estudos, cursos e atualizações, enfim, sou apaixonada por ser professora. Apaixonada por ler, apaixonada por livros. Apaixonada por escrever histórias, por fazer histórias, por orientar as histórias dos meus alunos. Apaixonada por nossa língua portuguesa, pelas suas estruturas, pela gramática, pelos gêneros textuais. Amo o conhecimento. Como outrora eu havia escrito. “Amar é um dom, ser professora é formação”. Aqui recordei de Mariano (2006, p. 22) em que ela afirma que “O amor provoca a necessidade de melhorar sempre, estudar mais, ensinar mais, atuar mais”.*

*Em minha experiência profissional, em minha postura como profissional professora eu percebo que se você é apaixonada por estudar, seu exemplo, sua dedicação, seu compromisso, seu dever, faz com que os alunos sigam seus passos. Como posso exigir do meu aluno que ele estude se eu não gosto de estudar? Como posso exigir do meu aluno que ele seja melhor se eu não me dedico a fazer o meu melhor? Como posso fazer com que meu aluno acredite que é possível que ele vai conseguir, porque muitas das vezes, em casa, ou em outras instâncias educativas, este aluno já acreditou que ele é incapaz, que não consegue, que é assim mesmo, que é “burro mesmo”, que não tem esperança pra ele, se você não tiver esperança em você, acreditar em você e nele? Como vou estabelecer relação de confiança com meu aluno se eu não confio em mim, muito menos no meu trabalho? Nisso, há incoerência. Por isso, eu tenho a certeza de que a formação permanente é o fio condutor para uma práxis teorizada, solidificada. É importante eu ter consciência de que em meu exercício docente eu tenho que ter humildade intelectual. Devo compreender que meus alunos já possuem conhecimento de mundo, como aponta Freire, e que este saber eu vou transformar em transposição didática mediante o conhecimento científico e ter como proposta de educabilidade, rigorosidade metodológica, amorosidade e respeito para com cada uma em sua individualidade (SOUZA, MEMORIAL-PROFESSORA INICIANTE, 2021, grifos meus).*

Na escrita do segundo memorial de 2021, me recordei dos estudos da licenciatura, ao compreender que não somos professores somente na escola: somos professores também na fila do banco, do supermercado, enfim, onde estivermos. Segundo Nóvoa (1992, p. 15), “O professor é a pessoa; e uma parte importante da

pessoa é o professor”. Huberman (1992) discute sobre as angústias, os anseios, daquele que está atuando nos três primeiros anos de exercício docente, período em que se dá o choque de realidade, sobrevivência e descoberta sobre o processo de superação às limitações de tornar-se professor.

No meu terceiro ano de professora iniciante, em que a sobrevivência e descoberta estiveram ali comigo, foi comum me questionar: “Estou a me aguentar?”. A despeito dessa angustiada dúvida, o entusiasmo em situação de responsabilidade me acalentava.

A formação permanente é primordial para ajudar a sanar essas situações, a ausência dela, por outro lado, resulta no retrocesso e, onde não há evolução, a mente atrofia. Isso incide diretamente nas relações de poder, com aumento da invisibilidade das lutas populares, e tem reflexo direto na formação dos alunos, impactando fortemente as gerações futuras. Sendo assim, nossas práticas pedagógicas, nossa postura política e nossas ações, hoje, fazem a história da educação local e de nosso país. Logo, para Imbernón (2010):

A formação permanente do professor deve ajudar a desenvolver um conhecimento profissional que lhe permita: avaliar a necessidade potencial e a qualidade da inovação educativa que deve ser introduzida constantemente nas instituições; desenvolver habilidades básicas no âmbito das estratégias de ensino em um contexto determinado, do planejamento, do diagnóstico e da avaliação; proporcionar as competências para ser capazes de modificar tarefas educativas continuamente, em uma tentativa de adaptação à diversidade e ao contexto dos alunos; comprometer-se com o meio social. Tudo isso supõe uma formação permanente que desenvolva processos de pesquisa colaborativa para o desenvolvimento da organização, das pessoas e da comunidade educativa que as envolve (IMBERNÓN, 2010, p. 72).

Nesse contexto, penso que a formação permanente é um projeto de possibilidade poderosa e de responsabilidade ideológica, capaz de organizar e direcionar, através de objetivos com postura política, e provocar o crescimento revolucionário de formação humana de uma sociedade. A inexistência desta, ou sua deficiência, prejudica os avanços.

## 5.7 Memorial de professora iniciante 2022 - Primeiro Semestre

No primeiro semestre do ano de 2022, ingressei no meu quarto ano como docente, no cenário deixado como herança pela pandemia, com muitas lacunas a serem preenchidas pela escola e pelos professores. Vejamos o que escrevi neste momento de minha trajetória docente:

*Agora eu vivenciei o período Pós Pandemia e os reflexos na educação e em sala de aula com os alunos. É um tempo de angústias que me deu crise de ansiedade, angústia de como estariam os conhecimentos dessa criança, para que eu pudesse, então, montar um plano de ação para começar os trabalhos.*

*Eu estando no quarto ano, o desafio de escrever este memorial partiu da necessidade de rever minha formação, meu trabalho docente, agora na escola pública também. Diferente da Escola particular, eu fiquei muito angustiada, pois eu estava no impasse de realizar uma prova para o contrato na rede pública e se eu não passasse, não assumiria o cargo de professor docente do Fundamental. Eu penso que isso é um descaso para nós, professores, todo ano ser submetido a uma prova para ter trabalho. Concurso que é bom, nada até agora. Estamos há mais de cinco anos sem concurso em nosso município; então a instabilidade financeira me preocupa. Vejo colegas minhas de graduação, a maior parte está trabalhando em outras áreas, por não ter conseguido uma pontuação boa e não conseguir trabalho. Então, eu confesso que tremi na base.*

*Finalizando os trabalhos em 2021, eu refletia: e agora? Será que vou ter emprego para o ano seguinte e ainda trabalhar na mesma escola que trabalhei este ano? Era uma agonia, uma ansiedade, borboletas voavam. Descobri que professor contratado não tem férias...Então, mais uma vez mergulhei nos estudos para garantir minha vaga no ano seguinte. Fiz o seletivo para o Município, para a surpresa e alívio, consegui! E consegui trabalhar na mesma escola que o ano anterior e com a mesma série.*

*Assim que cheguei na escola fui mais uma vez recepcionada com muito acolhimento, carinho, e ainda ouvi “que bom que você chegou. Já estávamos à sua espera, para mais uma vez trabalharmos juntos”. Eu rapidamente, felicíssima por dentro peguei a chave da minha sala, dobrei os joelhos no chão e agradei a Deus por estar ali mais um ano e para desenvolver novas propostas pedagógicas, enfrentar*

*novos desafios. Iniciei com uma turma de 27 alunos, alguns, foram reclassificados para o 5º ano e 6º ano, outros desistiram, outros novos alunos entraram.*

***Este é o ano mais desafiador para minha prática docente.*** Então, concordamos com a coordenadora e realizamos avaliação diagnóstica para identificarmos em que níveis os alunos estariam. A partir dos resultados, constatei que os efeitos do Pós Pandemia me apresentaram com uma sala multisseriada com alunos de nível de 1º ao 4º ano – e teriam que estar alfabetizados aos 7 anos de idade – e no quarto ano, alguns ainda não estavam. Quase surtei, me deu crise de ansiedade, crise de responsabilidade. Aquelas crianças estavam ali, em minhas mãos, e seria o quarto ano delas. A partir daí, com os resultados em mãos, eu não poderia me ausentar desta responsabilidade ou culpabilizar o histórico anterior desta criança ou simplesmente deixa-la a ver navios. Eu fiz planejamento diário todo este tempo, justamente para acompanhar de perto cada etapa do desenvolvimento de cada uma delas.

No início do ano eles não sabiam ler e muito menos reconhecer letras, sons. Estavam no nível pré-silábico. Passados três meses, eles já estão lendo, entendo o que escrevem. Mas foi um trabalho quase individual, me desgastei muito, mas consegui o que era possível (SOUZA, MEMORIAL-PROFESSORA INICIANTE, 2022, grifos meus).

Avalio a trajetória de professora, expressa na escrita desse memorial do 1º semestre de 2022, como satisfatória. Encontro-me agora no 4º ano de docência, vivenciando novos públicos e me adaptando às novas exigências da educação, gestão e da rotina com os alunos e diversas situações complexas. De acordo com Cavaco (1995, p. 164) “[...] a experiência adquirida vai tornando menos dramático o enfrentar sucessivo de novos públicos e a adaptação a organizações de escolas diferentes”, assim, penso que, na medida em que o professor vai se encontrando e reportando às suas vivências anteriores, mesmo que sejam situações diferentes, elas se tornam semelhantes, e nisso se cria uma nova possibilidade de se construir o sucesso profissional.

Eu, professora iniciante e em formação profissional, entendo que o conhecimento é transformação quando faço uso de um repertório de teorias científicas, saberes capazes de provocar a aprendizagem.

Como afirmam Tardif e Lessard (2013, p. 71), “Desse ponto de vista, transmissão e socialização, aprendizagem e disciplina, conteúdo cognitivo e princípio pedagógico são aspectos de uma só e mesma atividade: ensinar”.

Nessa perspectiva, concordo com Arroyo (2014, p. 2013), “São os tempos de educar muito mais complexos e delicados que os tempos de ensinar. Educar exige fina sensibilidade para lidar com o tempo humano”. Provar este pensar é desafiador, mais desafiador ainda quando é preciso manter uma postura política, responsável, partindo daquilo que o aluno não sabe e provocar a evolução do aprendizado, potencializando o processo de ensinar e aprender. Por acreditar nisso, eu me desafio todo o tempo.

### 5.8 Memorial da docência na itinerância

Movida a desafios e necessidades, lá vai fui eu, rodopiando em ventania, ao encontro de novos rumos: a itinerância, que teria início em julho de 2022, conforme detalho no memorial escrito em meio ao sofrido processo de trabalhar como professora itinerante/substituta em condições bastante adversas:

*Estava eu, trabalhando como professora regente contratada pela rede pública, Município de Rondonópolis, e aluna do mestrado em Educação pelo PPGEdu, Universidade Federal de Rondonópolis, quando saiu mais um edital para contratação de professores em julho. O contrato seria para cobrir as vagas de professores que estavam em afastamento devido a Covid-19 e tais docentes contratados teriam o nome de “professores itinerantes” para a política da Semed. Eu, movida a desafios, decidi realizar este seletivo. Ao realizar a prova e passar, quando foi chegando a minha vez de comprovação dos documentos, me ofertaram esta vaga como Professor Itinerante. Curiosa, eu perguntei sobre esta função para a atendente e ela me disse que eu seria professora para trabalhar como professora “substituta”, para cumprir a demanda de ausência dos professores regentes por motivos diversos, com cronograma de destino semanal. Eu aceitei este desafio.*

*De acordo com Oliveira (2019, p. 44) “a formação itinerante possibilita a continuidade da formação profissional docente que contribui para a remoção das barreiras da aprendizagem comunicacionais, atitudinais, de acessibilidade”. Nesse movimento de reflexão destaque, em narrativa, o que tem sido a Itinerância para mim.*

*Além de ser professora iniciante, estudante de mestrado, lá vou eu em novos ventos, trabalhar em mais um seletivo após ter passado. Motivos infundos me fizeram aceitar este outro cargo. A Itinerância, para mim, tem sido um divisor de águas para minha profissão docente. Tenho encontrado desafios infundos que não tive até então. Desafios de defasagem escolar e não ter proposta pedagógica para este aluno avançar; O não acolhimento do gestor em me direcionar à sala de aula para trabalhar; O não planejamento do professor para que eu possa estar trabalhando no lugar dele, em tempo deste profissional estar ausente; Sala de aula com ausência de ar condicionado, ou até mesmo um ventilador, em tempo de calor intenso, e ter que suportar tudo isso com as crianças e colaborando para a aprendizagem delas, com este desafio. Se eu não tivesse o acolhimento, os autores falando comigo, o acompanhamento dos participantes do grupo de pesquisa desde o meu início docente, me fortalecendo nas leituras, estudos, continuidade da pesquisa, eu teria desistido de ser professora.*

***Na Itinerância senti o amargo da expressão “um estranho no ninho”, senti o que os iniciantes falavam nos estudos do Obeduc enquanto eu era graduanda, e eu dizia não ter passado por isso, mas agora sim, eu compreendo, porque antes eu não compreendia os dilemas que eles falavam. A cada semana tenho desafios, calafrios, ansiedades, inseguranças e vivo os traumas. Há momentos que me sinto aflita, os sentimentos fervilham dentro de mim. Neste percurso da Itinerância, a Carol foi enfrentando um fogo cruzado de “não saberes”, não sei como é a turma; não sei o que planejar para ela, uma vez que o professor regente faltoso daquele dia não deixou o plano de aula para eu seguir com os alunos; coordenador pedagógico que não me detalha informações sobre onde é a sala, pedindo para eu ir procurar com os funcionários da escola a turma e o número da sala; a desmotivação do professor experiente, dentre outros. Não tenho apoio, o que me leva a este caminhar tenso.***

*Diante disso, me vejo transitando nesse terreno movediço, onde nada é seguro, tudo se dá no improviso. Tem momentos que preciso de socorro e eu procuro este coordenador: ora ajudam, ora não ajudam. Além disso, reflito que, no caminhar, os desafios ampliam nossa visão. Nos tiram da zona de conforto e permitem um olhar reflexivo sobre a nossa formação. Observar o que está sendo feito e que está dando certo e que práticas você não quer que faça parte do seu cotidiano nos movem nesse espaço de sentidos. **Nesse processo em que me movimento, ressalto que a formação no grupo de estudos e de pesquisas, tem sido meu alicerce para compreender melhor onde piso e o que faço diante dessa realidade imprevisível** (SOUZA, MEMORIAL-PROFESSORA INICIANTE, 2022, grifos meus).*



Refletindo sobre a escrita desse memorial de itinerância, percebo que o meu eu/Carolini está ali, porque os valores e sentimentos que perpassam também estão. Nesse processo de autoanálise, movida por mais esse desafio, posso dizer que teria sido menos traumático se houvesse as devidas condições de trabalho, acompanhamento e apoio das equipes pedagógicas das escolas. Como lembram Tardif e Lessard (2013, p. 258), “o trabalho docente, repousa sobre emoções, afetos, sobre a capacidade não só de pensar nos alunos, mas também de perceber e sentir suas emoções, seus temores, suas alegrias, seus próprios traumas”.

Escrever, portanto, é parte do processo de formação, amadurecimento e superação, pois, como afirma Hossein (2013, p. 39, grifo da autora), “A formação passa a se movimentar por entre esta maneira de ‘aprender a aprender’ a partir das escritas de si, a fim da busca e encontro com a totalidade da pessoa do professor, sem fragmentações e com sentido”.

Nessa direção, com o coletivo, no grupo de formação que integro desde a graduação, antes Obeduc, agora FormEduc, escrevendo memoriais e refletindo sobre eles, em minha trajetória docente, vou errando menos, porque a diversidade de enfoques, de discussões, de reflexões e de referenciais teóricos aumenta a possibilidade de me orientar sobre qual caminho trilhar, compreendendo que toda a experiência, seja ela frustrante ou bem sucedida, contribui para o desenvolvimento profissional docente.

## **5.9 Memorial de Professora Iniciante - 2022 - Segundo semestre**

O segundo semestre de 2022 foi caracterizado pela profunda instabilidade política e social causada pela eleição para presidente do Brasil. Apesar disso, experienciei momentos de realização profissional, como explicito no memorial a seguir:

*Estando eu no Segundo Semestre, vivenciava o período de tensão política de eleição. Nada é mais temido pelo presidente Jair Bolsonaro do que o retorno à democracia, com a disputa do projeto dele, e também a vigência demonstrada, com o resultado dos quatro anos de eleição em consequência do avanço das forças conservadoras, antidemocráticas em todos os setores sociais. De acordo com*



*Figueirêdo (2019, p. 1) "Assumindo predominantemente um posicionamento explícito em favor do fortalecimento do projeto de sociedade hegemônico, assentado na mercantilização da vida, das políticas públicas e do imaginário social e nas relações de colonialidade que marcam a formação histórica da sociedade brasileira e resultam, na exclusão social, racial, sexual, étnica, etária e territorial e na discriminação das classes trabalhadoras e de grupos em situações de subalternização, que vivem no campo e na cidade".*

*Dessa forma, com estratégia midiática, com ataques à democracia e com atitudes de violência, perdurou este período. Neste instante, o país estava passando por processo eleitoral em que o atual (Des)governo Jair Bolsonaro teria que enfrentar nas urnas o seu maior rival, Luiz Inácio Lula da Silva. Durante todo o período de seu mandato defendeu o ensino domiciliar, ampliação de colégios militares, reforma do Ensino Médio com ascensão de cursos profissionalizantes, descaracterizando a finalidade da Universidade Pública e fazendo cortes de verbas. Provocou um verdadeiro caos na educação brasileira, dentre outros feitos.*

*Com a candidatura ganha, finalizamos o ano em nova esperança. Luiz Inácio Lula da Silva, ganha a eleição no segundo turno e com propostas de organizações sociais e políticas traz uma nova esperança para o futuro de nossa nação. Foi nesse cenário que dei continuidade com foco na aprendizagem dos estudantes, trabalhando esta temática em sala de aula, com os conteúdos propostos.*

*Este memorial surgiu com a satisfação de estar realizada com o meu trabalho, apesar de tudo. Passado o Semestre anterior, pude perceber que o meu trabalho tem provocado resultados satisfatórios, isso não tem preço. Agora, no II Semestre/2022, com os alunos na escola, eu decidi iniciar com o Projeto Ler é uma Aventura, com os alunos, então alfabetizados, a partir do meu hercúleo trabalho com eles no primeiro semestre. O projeto consiste em que a cada semana a criança deve levar uma obra literária com uma ficha colada em seu caderno de leitura, como suplemento de investigação para explorar o que ele leu. Ao final, a criança receberá um certificado, ao participar com responsabilidade.*

*Este projeto foi apresentado na escola na Mostra de Semana da Leitura. Eu, instigada a ouvir o que os alunos tinham a dizer, lancei os seguintes questionamentos para que respondessem, no sentido de provocá-los à reflexão do que leram: **Como foi pra você a experiência de participar do Projeto ler é uma aventura? Das histórias que você leu, qual é a que você mais gostou? O que você pode aprender com este projeto? Conte-me agora!** Para a minha surpresa, houve relatos interessantíssimos, como: Este projeto foi importante porque eu aprendi a*

*respeitar os sinais de pontuação; este projeto foi importante porque aprendi a ler melhor; este projeto foi importante porque auxiliou no meu desenvolvimento. Eu fiquei realmente maravilhada, emocionada. Porque um bom trabalho, de responsabilidade, competência, compromisso, dever, o resultado é alcançado e, ainda por cima, ultrapassa a nossa expectativa.*

*Seguem, abaixo, as figuras que contextualizam esta escrita. Nisso, vou seguindo minha trajetória, aprendendo, transformando para que eu me torne um ser humano cada vez melhor e fazendo a diferença na vida das crianças mediante muitos estudos, muito trabalho e tendo sensibilidade humana ao adentrar a identidade do outro.*

Fotografia 1b - Apresentação da Mostra Literária



Fonte: a autora (2022).

Fotografia 2b - Textos dos alunos sobre a experiência de participar do Projeto Ler é uma Aventura



Fonte: a autora (2022).

(MEMORIAL-PROFESSORA INICIANTE, 2022, grifos meus).

O memorial do 2º semestre de 2022 me fez refletir sobre o que é um bom professor, o que me trouxe à memória o que preconiza Cunha (2012):

A produção do conhecimento é entendida como a atividade do professor que leva à ação, à reflexão crítica, à curiosidade, ao questionamento exigente, à inquietação e à incerteza. É o oposto da transmissão do conhecimento pronto, acabado. É a perspectiva de que ele possa ser criado e recriado pelos estudantes e pelos professores na sala de aula (CUNHA, 2012, p. 99).

No encontro com esta memória, fui até esta obra, cujo título é “O bom professor e sua prática”, um dos meus livros de cabeceira, e o li novamente. Neste ínterim, ao estar em consonância com o cotidiano da escola, são inegáveis a forma e o compromisso do ser e estar na profissão, por parte do educador. Sendo assim, Freire (1996) assevera que:

Nas condições de verdadeira aprendizagem os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinando, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo. Só assim podemos falar realmente de saber ensinando, em que o objeto ensinado é apreendido na sua razão de ser e, portanto, aprendido pelos educandos (FREIRE, 1996, p. 14).

Em cada ação, os significados podem ser diferentes para diversos educandos, ainda que seja o mesmo objeto de estudo. Isso constitui a subjetividade, a identidade e a construção do eu em múltiplas experiências. O objetivo do ensinar é a reflexão coerente, no sentido de provocar a aprendizagem.

#### **5.10 Memorial OBEDUC/UFMT - um processo de heteroformação**

O memorial que segue, datado de 2019, é referente à participação no Projeto Obeduc, iniciada em 2015. Foi escrito com a finalidade de trazer à tona as lembranças desse período – que foi contemplado nos memoriais reunidos no trabalho de conclusão da graduação – e recebeu o título de “Rememórias do TCC”.

*Iniciei meus estudos no Projeto Obeduc em 2015, como sendo uma formação a fundamentar meus estudos na Licenciatura em Pedagogia e que se constituiu em professor formativo nestes quatro anos de formação. O projeto Observatório da Educação, descrito por Rocha (2017, p. 125), “[...] trabalha com a formação de*

*professores iniciantes de diferentes escolas que têm em comum suas práticas permeadas por diversas dificuldades e desafios característicos dessa fase. Dessa forma, tais práticas são tratadas coletivamente em reuniões de formação, nas quais o foco central são os iniciantes e a autoria de sua agenda de necessidades formativas. Caracteriza-se, assim, como um grupo de pertença, posto que se trata de novos profissionais que se somam à formação com as mesmas características de serem professores iniciantes, compartilharem das mesmas dificuldades, dilemas e desafios e poderem contar (no caso deste projeto) com a gestão da escola nas discussões de seus problemas”.*

*Foi nesta política que eu adentrei, e em meio aos desafios, permaneci, e por entender que é uma formação permanente em minha carreira profissional. Foi um desafio, para mim, aceitar o provocativo convite feito pela pesquisadora da UFMT e graduandas bolsistas a participar do projeto de estudos e formação para a pesquisa, com apresentação e resultados em eventos científicos. Meus pensamentos fervilharam em meio à indecisão, considerando que: “isso não é para mim não, sou muito tímida, envergonhada”. Após ponderar entre o desejo e a insegurança, decidi enfrentar o desafio e foi uma experiência inicial inesquecível.*

*Diante disso, Passos (2016, p. 171-172) afirma que “Os motivos pelos quais os professores, os estudantes e os acadêmicos escolheram participar desse Grupo foram certamente diferentes ou, pelo menos tiveram suas particularidades. Alguns ingressaram a convite de alguém que já havia participado de um grupo semelhante, outros foram em busca de parceiros interessados em compartilhar experiências ou discutir problemas da própria prática [...]”.*

*Neste bojo, Rocha (2017, p. 126) ressalta que “Os graduandos produzem textos junto aos mestrandos, professores da escola básica e coordenadora do Projeto, apresentando-os em eventos. Observa-se, então que as redes de estudos entre os graduandos, escola e pós-graduação se efetivam nesta dimensão da formação. Assim, neste percurso de estudos e pesquisa, os graduandos vão perfazendo um dos objetivos do Obeduc, que é o de ‘incentivar a articulação entre pós-graduação, licenciaturas e escolas de educação básica”.*

*Como eu cresci com o Obeduc! Aprendi a fazer artigos científicos, a pesquisar, estudar, como apresentar. A memória aqui se torna muito ativa, ao lembrar que no Grupo é a interação, o crescimento coletivo que tínhamos com as discussões. Os graduandos conseguiam dialogar ao nível dos mestrandos, e estes respeitavam nosso conhecimento como graduandos e tentavam nos aproximar para perto deles. (SOUZA, MEMÓRIAS DO TCC, 2019).*

Analisando as narrativas, reconheço a importância de licenciandos participarem de projetos colaborativos com grupos de estudos e de pesquisas, pois as relações vivenciadas com mestrandos e professores da universidade propiciam redimensionar os estudos da formação. Conforme Rocha e Martins (2018),

É salutar ressaltar que suas atividades já provocaram a Secretaria Municipal de Educação/SEMED a implantar projeto de formação de professores iniciantes, tendo as líderes do grupo investigação como grandes incentivadoras dessa ação mobilizadora de possível política educacional no município de Rondonópolis, onde mantém suas atividades de pesquisa e formação (ROCHA; MARTINS, 2018, p. 98).

Acerca disso, aprendi que a formação é um processo que me permite estar em aprendizado e fortalecimento constante, como no Grupo Colaborativo do projeto Obeduc. Repensando aquele período, percebo, hoje, o quanto eu cresci com os enriquecimentos de teorias, discussões, vivências. Como futura professora, profissional, fui transpondo essas experiências para além dos estudos da academia.

### **5.11 Memorial Pibid/UFMT - Heteroformação em grupos de trabalho e interação**

O próximo memorial evidenciado trata da experiência como bolsista do programa Pibid, durante a graduação. Eis o meu relato, extraído das “Rememórias do TCC”:

*A memória agora lança luz em outro espaço da minha formação, o do Pibid. Um dos objetivos do Programa Pibid, criado sob Decreto de nº 7.219, de 24 de junho de 2010 no art. 3º inciso III e IV e o VI Brasil (2010), é de “II – elevar a qualidade da formação inicial de professores nos cursos de licenciatura, promovendo a integração entre educação superior e educação básica”. Como podemos observar, este Programa aponta objetivos claros e plausíveis quanto à formação do futuro professor, dando-lhe a oportunidade de associar os conteúdos ofertados pela licenciatura e fazendo com que este licenciando tenha vivências sobre o exercício docente, aproximando-o do seu ofício.*

*Como Pibidiana, me senti acolhida pela escola, crianças, professora que regia a sala, coordenação, inclusive, a escola em que eu estive participava da formação do Obeduc, e elas socializaram comigo como eram riquíssimas as aprendizagens.*

*Aprendi com esta experiência e com a Professora Vanusa, pois trabalhei com ela, que para ser professor tem que ter muitos saberes em sua formação, muito para além do social, pedagógico, experiencial, prático, profissional, gestão de sala.*

*A cada aula do programa Pibid eu saía com a seguinte reflexão: É meu dever e compromisso como professora em formação, de pensar com a Professora Vanusa (professora regente da sala) e pesquisar as atividades que adequassem e aprendermos juntas nas interações sociais, para que as crianças fossem beneficiadas? Logo, concluí que ela foi, sem dúvida, muito importante para mim, me fortalecia. Aprendíamos juntas, eu, com os conhecimentos da Academia, ela, com os conhecimentos de profissão na prática de como se fazer educação. Constato, aqui, a importância de uma regência a dois, o que justifica a heteroformação.*

*Eu levava as discussões para ela sobre o que eu aprendia na Academia e valorizava muito os estudos do Obeduc, ao ponto de as coordenadoras se interessarem em participar desta formação em rede, contribuindo, assim, para a sua formação, auxiliada pelos textos que eu lhes cedia.*

*Cheguei a compartilhar textos do Programa com as coordenadoras, para escreverem o artigo científico delas, o que para mim foi muito gratificante, aprender e retribuir o que aprendia.*

*A cada dia eu aprendia com as crianças, com a Professora e me reportava aos teóricos da graduação. Saía de cada encontro com a sensação de pertencimento ao grupo escolar e gratificada por cada contribuição e aprendizado. Era cansativo, mas aprendi que para se fazer um trabalho de qualidade e que os resultados sejam o que o professor espera, tem que trabalhar muito, estudar muito, porque um trabalho de qualidade é complexo.*

*Ademais, aprendi, na prática, que as teorias da Academia não dão conta de interrogar a educação de hoje, é preciso muitos estudos. E nos estudos de Arroyo (2014), ele mesmo aponta que é bom que as crianças interroguem esta Pedagogia do século XIX, para aguçar o pensar da prática reflexiva do professor. Como também os cursos de licenciatura em Pedagogia por si só não dão conta de explicar os fenômenos recorrentes das transformações sociais (SOUZA, REMEMÓRIAS DO TCC, 2019).*

Recordar essas vivências dos tempos de graduação, de formação, foi, para mim, revelador. Como eu ganhei, contribuí, aprendi! Hoje, em meu ofício, começo a colher os frutos de um bom trabalho e compromisso com a profissão. Compromisso



que nasceu lá atrás e que está se desenvolvendo em vivências na linha temporal. Aqui eu me amparo em Bosi (1979), que salienta:

A memória poderá ser conservação ou elaboração do passado, mesmo porque o seu lugar na vida do homem acha-se a meio caminho entre o instinto, que se repete sempre e a inteligência, que é capaz de inovar. De onde resulta uma concepção extremamente flexível da memória. A lembrança é a história da pessoa e seu mundo, enquanto vivenciada (BOSI, 1979, p. 28).

Mergulhar nessas recordações me fez reencontrar aquela Carol inexperiente e sedenta de conhecimentos, e ver como fui me constituindo no processo de ser professora pesquisadora, ainda desejosa de aprender.

### 5.12 Memorial do SIEX/OBEDUC/UFMT – uma vivência de Heteroformação

O memorial compartilhado abaixo é relativo à participação no projeto de extensão SIEX/Obeduc.

*O sistema de Extensão SIEX/Obeduc abriu edital em 2018, quando as professoras Simone e Rosana inscreveram o Projeto, indicando algumas bolsistas, entre as quais, eu fui selecionada. Tratava-se de uma atividade extensionista que propunha, de acordo com Souza e Rocha (2018), articular com os anseios dos profissionais da educação da cidade de Rondonópolis/MT, num movimento de interrelação entre os envolvidos, em diálogos, constituindo como ferramenta de formação continuada e permanente sobre os dilemas, desafios, como também propostas de possibilidades da profissão professor.*

*Atuei com estudos, construção de conhecimentos, ao elaborar textos científicos para participar de eventos, com produções que contribuíram para minha formação, enquanto, naquele tempo, eu era graduanda em formação. Participei, também, em auxiliar na preparação das reuniões de formação, na seleção e reprodução dos textos de estudos, assistir defesa de dissertação dos mestrados do Programa, reuniões de planejamento das atividades de produções científicas, acompanhar as atividades de itinerância do Projeto nas escolas da Semed, dentre outras atividades (SOUZA, REMEMÓRIAS DO TCC, 2019).*

Foi no convívio com este Grupo colaborativo, sem dúvida, desde minha formação inicial, que dei os primeiros passos para me tornar uma professora

pesquisadora. Em todas as possibilidades de formação que eu tive eu pude aprender um pouco com o outro e, ao mesmo tempo, deixar um pouco também de mim, à medida que eu alcançava novas interações com aqueles a quem ia reconhecendo como meus pares.

Acerca disso, Tavares e Alarcão (2001) argumentam que:

Aprende-se interagindo com os outros (professores, colegas, especialistas presentes ao vivo ou presentes virtualmente no documento livro tradicional ou multi-mídia atual), isto é, escutando, lendo, dialogando; aprende-se interagindo com os conhecimentos, com as idéias, com as tarefas, com os processos, com os contextos. Em suma, aprende-se agindo e interagindo com o mundo, com os outros e com nós mesmos, ou seja, conhecendo, pensando, investigando, refletindo. [...] (TAVARES; ALARCÃO, 2001, p. 107).

Ao recordar essas vivências eu pude descortinar minha história de vida e aprender que ela é entremeada por teorias científicas que repercutem em nossas vidas.

### 5.13 Memorial dos estudos no FormEduc/UFMT Heteroformação em processo

Por fim, trago ao leitor o memorial dedicado aos estudos desenvolvidos no contexto do FormEduc, já como mestranda – e ainda professora iniciante – do qual sou participante efetiva e assídua.

*Findo o Obeduc e a participação no SIEX, me envolvo novamente com os egressos do Obeduc, sendo eles mestrandos, professores da rede municipal, estadual, professores da universidade no projeto e estudos OBEDUC/FormEduc em 2021, participando até os dias atuais. Agora, como professora iniciante e mestranda.*

*Este grupo ainda continua ofertando formações com temáticas advindas das necessidades formativas dos participantes, tendo ainda como líder a professora Dra. Simone Albuquerque da Rocha e a vice-líder, professora Dra. Rosana Maria Martins. Ambas estão comigo nesta jornada formativa, desde os tempos de Formação inicial na Graduação. Sou imensamente grata a elas por todo cuidado, amparo formativo. Retornar como mestranda, sendo que um dia fui graduanda, foi mergulhar em todas as vivências, experiências que eu obtive durante todo o período de graduação. Haja memória para resgatar tudo isso, envolta em emoções., pois eu sonhava um dia ser*



*mestranda, quando estudávamos e partilhávamos dos conhecimentos juntos nos estudos.*

*De acordo com Martins et al. (2021, p. 127), o Grupo de pesquisa InvestigaçãO, a partir dos resultados dos dados coletados junto aos professores iniciantes, “desenvolveu um programa de formação contínua para esses docentes, o FormEduc, a fim de atendê-los em suas especificidades. Para tanto, parte-se da agenda por eles apontadas, contendo suas necessidades de formação”.*

*Nesse retorno, eu, como professora iniciante e mestranda, devido às demandas da escola, me vi em desafios desesperadores, e nos encontros com diálogos entre os pares eu ia me acalentando. Certo dia, num dos encontros do FormEduc, em reflexão sobre a temática narrativas de si, recordei-me das vivências que eu tive na aula de Estudos Temáticos – Narrativa autobiográfica e sua dupla vertente: ensino e pesquisa, com a professora Dra. Rosana Maria Martins. Nesta ponte, movida pela pesquisa narrativa, eu mergulhei nas minhas experiências e vivências enquanto graduanda, professora e agora mestranda, e refleti sobre a temática da minha dissertação. Logo, falei com a minha professora orientadora, professora Simone Albuquerque da Rocha, e começamos a pensar juntas, neste caminhar a duas, nesta pesquisa. Devido ao movimento da Pandemia, ainda, nossas aulas, nossos estudos do mestrado, como também aqui, foram por videoconferências, em plataformas digitais. Para uma professora iniciante em angústia, os encontros formativos permitiram solidificar minha prática pedagógica (SOUZA, MEMORIAL-MESTRADO, 2022).*

Rememorar esses encontros, nos quais se dava o fortalecimento das experiências, das teorias, as interações entre os pares – em uma perspectiva horizontal –, tem remexido intensamente meus pensamentos, fazendo emergir, novamente, a valorização das ricas trocas e potentes aprendizados que ali acontecem. Apesar de continuarmos os estudos no FormEduc de forma remota, foi possível perceber que houve interesse dos participantes, pois o iniciante tem sofrido com a falta de formação que seja proposta pelos sistemas de ensino. Conforme Fernandes (2022),

Este período de pandemia os estudos do OBEDUC/FormEDUC, foram mantidos justamente para auxiliar o iniciante que, diante das adversidades causadas pela pandemia e as aulas remotas, se viu desamparado e à mercê da própria sorte. Com isso, os encontros formativos passaram a acontecer pela plataforma digital Skype e os recados, lembretes, dúvidas foram sendo sanados com o auxílio do grupo de WhatsApp (FERNANDES, 2022, p. 75)

Mesmo em meio a esse processo formativo a distância, em que a comunicação ocorre por diferentes vias, às vezes, com dificuldades, reitero meu apreço ao envolvimento com o grupo de estudos e pesquisas, pois entendo que, nessa formação, estou construindo meus “eus” junto aos outros.

## 6 CONTINUANDO O VOO

Em minha experiência profissional e postura como profissional professora, venho percorrendo os caminhos e descaminhos da docência, dando os contornos da minha construção do ser professor.

Observando minha trajetória docente até o momento, posso dizer que tenho tido acolhimento, sobretudo, no grupo de pesquisa, e, eventualmente, nas instituições escolares por onde passo/passei. Com isso, não me sinto uma estranha no ninho. À medida que me vejo imersa nas formações da escola, também sigo acompanhando, simultaneamente, as do FormEduc, e vou me constituindo professora, profissional, pesquisadora. Fazer parte do grupo de pesquisa da universidade tem me preparado sobremaneira para os desafios da prática.

Dessa maneira, tenho a sensação de que recém iniciei minha trajetória de investigação. As reflexões sobre minha formação se dão em um *continuum*, e permaneço curiosa, criticamente reflexiva, tendo as vozes dos autores comigo, neste caminho.

Penso que a autonomia do professor envolve o processo de acompanhamento e investigação de nossa prática por parte dos gestores. São eles que nos orientam, que sinalizam quais caminhos devemos seguir.

Nesse sentido, ensejo que esta trajetória de autoformação em diálogo com o “Eu” não seja um amontoado de velhas histórias narrativas em memoriais de formação, mas que possa contribuir com a pesquisa investigativa e a reflexão que aflora, modifica e transforma a prática. Nesta mesma perspectiva, aos que estiverem dispostos a ouvir e atender aos anseios de suas necessidades formativas, que possam mergulhar nas leituras e refletir sobre quais os motivos que os levaram à docência.

Passeggi (2010, p. 1) ressalta que “a escrita de si é formadora, promovendo a aprendizagem biográfica: conhecimentos que emanam da reflexão sobre a experiência vivida, e a reinvenção de si: transformação das representações de si mesmo mediante a vida ressignificada”.

Medito, nesta pesquisa, que a narrativa de si é um processo que, a partir da memória, o cérebro silencia e organiza, com o intuito de reconstruir, ressignificar e discernir os pensamentos, suscitando memórias, acontecimentos e fatos. Deste

modo, se vão entrelaçando os fios da memória para, então, recontar sua história de vida com alinhavos coerentes, significados e possibilidades para rever e perceber, em processo de autoformação, a transformação de si.

Tendo em vista este projeto de autoanálise, por meio do percurso narrativo, sob a forma de memórias-memoriais reflexivos em narrativa de si, mantive um diálogo comigo mesma, pautado numa postura investigativa. Eu pude me rever em trajetória formativa, do eu pessoal, do eu profissional. Observei a bonita trajetória que tenho construído, desde a infância, quando o acompanhamento do cotidiano da avó professora semeou, mesmo que em silêncio, o desejo de ser professora, só admitido na idade adulta, frente à insatisfação com a profissão então exercida, e que me fez buscar a licenciatura.

Nesse remexer da memória, escrevendo este trabalho, especialmente nas análises dos memoriais de formação, percebi o quão é complexo, difícil e trabalhoso falar de si, não para fazer juízo de valor, mas no sentido de aguçar a reflexão para os diferentes modos de se ver. Compreendo que foi uma oportunidade ímpar, de rever a mim mesma num processo de formação tão semelhante ao de outras professoras e outros professores, que apontou evidências das marcas dessa professora em construção, cujo caminhar se fortalece à luz das teorias que embasaram seu ofício em sala de aula.

Nessas escritas autobiográficas, nesses reencontros entre meus outros sujeitos, na trajetória formativa em memoriais de formação como recurso da memória, a escrita narrativa de autoformação, heteroformação, percebo que todas essas teorias e experiências atravessam a minha/nossa vida profissional. Concordo com Magnani (1997, p. 30), quando explica que “mudar é também fazer história – sabendo/querendo ou não - como constituição dos sujeitos interativos, suas concepções de mundo e formas de ação”.

Eu me entreguei, me lancei neste desafio de mudança, aceitei ser transformada pelo processo educativo, pelas aprendizagens, pelos estudos, pelas reflexões, pelas vivências, experiências entre os pares, na compreensão do movimento das causas que interferem ou modificam a transformação de si na cultura e na sociedade.

Na escrita desta dissertação, percorri as galerias da memória, por meio dos memoriais reflexivos que se tornam testemunhas do vivido e fonte de pesquisa. Estar inserida em grupos colaborativos desde o início da minha graduação, em especial, o Obeduc, em diferentes roupagens, foi importante, primeiro, porque me proporcionou

um olhar fundamentado dos desafios da profissão, me preparando, de certa maneira, para o encontro com a realidade; e, ainda, porque sustenta e amplia a minha prática até aqui, num evidente crescimento acadêmico, como comprovam os memoriais cronologicamente apresentados.

De tudo o que vivi, rememorei, provoquei na memória dados, fatos, episódios narrativos de mim e por mim analisados, me encontro em Guimarães Rosa (2009, p. 102) quando afirma que: “Viver é um rasgar-se e remendar-se”, entendendo como um reconstruir-se constantemente. Os memoriais da Carolini tímida e insegura, da Carolini motivada e determinada, da Carolini amadurecida e consciente de seu papel, são o passaporte para o futuro.

Para Carolini, o voo continua.



## 7 MEMORIAL DE FORMAÇÃO NA PÓS-QUALIFICAÇÃO

Com a proximidade da defesa de minha dissertação, penso que eu deveria lhes narrar como foi o meu trabalho após a qualificação, que considere também uma formação, a partir das valiosas orientações e sugestões proporcionadas por vocês, a quem tenho profunda consideração e reconhecimento como pesquisadoras.

Assim, dedico a vocês este memorial, o último que faço nesta pesquisa, mostrando o quanto melhorei minha escrita a partir da leitura do outro (vocês). Continuo me formando, não só professora, mas também como a Carol, pesquisadora de si e de sua trajetória formativa.

Dessa forma, começo por narrar o passo a passo trilhado a fim de atender ao que me foi orientado por vocês, minha banca:

- Escrita do texto em primeira pessoa, já que falo de minha própria experiência formativa;*
- Retirada do termo apud das citações e referências;*
- Alteração no título da dissertação, de “Eu, professora? Memoriais de uma iniciante” para “Eu, professora? Memórias de uma iniciante”;*
- Substituição de “Considerações finais” por “Continuando o voo”;*
- Adequação dos objetivos gerais e específicos à pesquisa final;*
- Supressão do autor Ricouer, na dissertação, visto tratar-se de um aporte que necessita de maior aprofundamento (já tenho, portanto, uma referência para um futuro doutorado);*
- Alinhamento do objetivo do resumo ao texto;*
- Inserção de “Memorial pessoal de formação ou Memorial de si” às palavras-chave;*
- Uso de autobiográfico sem parênteses;*
- Definição da pesquisa como Estado da arte ou Estado do conhecimento;*
- Inclusão, na pesquisa, da reflexão dos estágios da graduação;*
- União das seções 3 e 4 em uma única seção;*
- Detalhamento do memorial do início docente e da Itinerância;*
- Compra e leitura dos livros indicados, para melhor aprofundamento da pesquisa, sendo eles:*
  - Metamémoria-Memórias: travessia de uma educadora, de Magda Becker Soares, cuja leitura me convidou a analisar minha trajetória formativa; através das*

*experiências, busquei observar as teorias que me formaram, acompanharam, subsidiaram minha ação docente, como estudante, como pesquisadora; possibilitou-me observar marcas de identidade das relações de poder existentes nos contextos históricos sociais que também nos formam.*

□ *Em sobressaltos, formação de professora, da autora Maria do Rosário Mortatti Magnani, leitura em que aprendi a importância de refletir sobre as experiências de formação. A autora aponta as reflexões e os textos que ela trabalhou em cada etapa de formação. Eu pude me ver nas leituras, rememorando como se deu meu processo formativo até agora e que transformações eu obtive neste percurso, provocando em mim outras novas necessidades de formação.*

□ *Memórias, memoriais: pesquisa e formação docente, de Maria da Conceição Passeggi e Tatyana Mabel Nobre Barbosa. Eu me interessei pelo capítulo “Memórias, memoriais: rememorados/narrados/refletidos em Seminário de Investigação-formação”, da autora Maria Helena Menna Barreto Abrahão, e aprendi que a memória é reconstrutiva por natureza e seletiva. Para a autora, a memória pode ser entendida em tríplice dimensão: como fenômeno, método de investigação, processo de ressignificação do vivido. A proposta de trabalho com memórias em Seminário de Investigação-formação no programa de pós-graduação, com a professora Rosana, me motivou a trabalhar com os professores cursistas da rede municipal de Rondonópolis, num projeto de formação continuada elaborado por mim com característica do grupo de formação InvestigaçãO, do qual eu participo desde o início de minha graduação.*

□ *Leitura da dissertação de Tatiana Espíndola Hossein, como sugerido pela banca. Conheci a interessante proposta da autora em refletir sobre sua trajetória formativa com teatro de sombras e luz. O tríplice iconográfico das escritas de si, elaborado pela autora, chamou muito minha atenção, pois se identifica com a escrita do meu trabalho. Ela afirma que: “A interação das narrativas orais e escritas no processo (auto)biográfico, no processo de (auto)formação em prol das escritas de si, as quais não são descoladas, de maneira alguma da cultura do eu, do outro e do contexto sócio histórico, que atravessam a construção identitária do sujeito que se escreve e inscreve, em tempo integral” (HOSSEIN, 2013, p. 35). Este trabalho provocou as memórias de formação, tendo o Grupo InvestigaçãO atravessando minha trajetória, desde o início da graduação, como também os memoriais de formação inscritos no meu TCC e os memoriais de professora iniciante.*

*Sendo estas as recomendações atendidas, devo ressaltar que foram muito proveitosas as indicações de leitura, bem como as orientações para melhor delinear*

*o trabalho em diálogo crítico e reflexivo com minha orientadora, procurando contemplar o que foi apontado por ocasião da qualificação.*

A pós-qualificação, portanto, contribuiu para ampliar a formação da Carol professora.



## 8 MEMORIAL DE FORMAÇÃO NA PÓS-DEFESA

Para melhor refletir sobre o reencontro com o eu Carolini, na compreensão de minhas experiências e com os vividos, respaldo-me em Chené (2014 p. 128) ao afirmar que

O antes e o depois, o fora e o dentro da experiência, presente, com o distanciamento próprio da escrita. Para mais, os percursos narrativo e discursivo tecem no texto a dinâmica da relação com o saber, a relação com os outros e também da relação com os diferentes aspectos do eu (CHENÉ, 2014, p. 128).

Neste percurso formativo, pude compreender a mim mesma, minhas ações, meus vários eus, o quanto me preparei e o meu processo de formação permanente, fomentado pela inquietude que me move.

Narro aqui, portanto, as etapas que percorri a fim de atender as orientações por parte da banca dentre elas, a de antecipar uma seção na ordem do trabalho, buscar definições para termos encontrados em pesquisas trabalhadas, redimensionar o resumo e a mais importante: ressignificar o *Eu Carolini* após a defesa. Então, assim me coloco:

*Nessa experiência profunda, intensa, de um percurso formativo marcado por diálogos com vários eus, sendo eu autora e personagem de minha própria história de vida, tive sensações que constituíram a minha identidade pessoal e profissional. Elas estavam lá comigo o tempo todo, me fortalecendo para que eu conseguisse chegar até aqui, principalmente com a partida dos meus amados avós, conscientizando-me que as sensações do outro também me formaram, mediante análise e observações do outro e de mim.*

*Vivenciando toda a trajetória do mestrado, aprofundamento teórico dos estudos e pesquisas, orientação com diálogo a duas: entre minha orientadora, professora Dra. Simone Albuquerque da Rocha, e eu. Outras vivências se somaram nesse percurso de meu desenvolvimento profissional, com os pares do grupo colaborando com a minha formação profissional, naquele tempo de estudos, e no agora, outros novos que eu conheci – e eles estavam juntos comigo.*

*Apresentação dos trabalhos científicos em âmbito local, regional, nacional, processo de apresentação do projeto de pesquisa, Pós-Qualificação e a escrita agora,*

*da Pós-Defesa, ter a oportunidade aqui, nesta escrita, de reviver todas essas construções, etapas, em meu processo formativo, me reencontrando com meus outros eus em uma narrativa autobiográfica no processo de reflexão, o que permitiu essas construções formativas e pessoais, estando eu em autoformação, ecoformação, heteroformação.*

*Posso afirmar que, na Pós-Defesa, continuo em processo de formação permanente, refletindo criticamente, aguçada a continuar os novos voos em uma segunda Licenciatura em Letras-Português, para compreender melhor o sistema da escrita, língua, a estrutura, para que eu possa escrever melhor e ensinar melhor os meus educandos, projetando, nestes caminhos formativos, o rumo ao doutorado.*

## REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (org.). **A Aventura (Auto)Biográfica: teoria e empiria**. Porto Alegre, RS: EDIPUCRS, 2004.

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. Profissionalização docente e identidade – a invenção de si. **Rev. Educ.** Porto Alegre/RS, ano XXX, n. especial, p. 163-185, out. 2007.

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. Metamemória-memórias: memoriais rememorados/narrados/refletidos em Seminário de Investigação-Formação. *In*: PASSEGGI, Maria da Conceição; BARBOSA, Tatyana Mabel Nobre (org.). **Memórias, memoriais: pesquisa e formação docente**. São Paulo: Paulus, 2008, p. 153-180.

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto; ROSA, Miriam Suzéte de Oliveira. Apresentação Cuidado Humano e Educação. **Educ. Real.** Porto Alegre, v. 37, n. 1, p. 11-18, jan./abr. 2012. Disponível em: [http://www.ufrgs.br/edu\\_realidade](http://www.ufrgs.br/edu_realidade). Acesso em: 10 nov. 2022.

ALARCÃO, Isabel. **Professores reflexivos em uma escola reflexiva**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

ANDRADE, Mário de. A Escrava que não era Isaura. *In*: **Obras imaturas**. Rio de Janeiro: Agir, 2009, 235-243.

ARROYO, Miguel G. **Imagens quebradas: trajetórias e tempos de alunos e mestres**. 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

BENCOSTTA, Marcus Levy. História da Educação: ego-documento de um pesquisador em terras paranaenses. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, v. 34 n. 70, p. 329-345, jul./ago.2018.

BOGDAN, Robert C.; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação Qualitativa em Educação: Uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto, Portugal: Porto Editora, 1994.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 15. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

BOURDIE, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução**. Elementos para uma teoria do sistema de ensino. Lisboa, Portugal: Editora Veja, 1970.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é Educação**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2002.

BRANDÃO, Gonzaga Wellington. **Matemática na educação do campo**. 2020.108f. Dissertação. (Mestrado em Ensino e Processos Formativos) – Faculdade de engenharia, Universidade Estadual Paulista, Ilha Solteira, 2020.

BRIÃO, Gabriela Félix. **Eu, uma professora de Matemática em jornada narrativa em busca de meus eus-professores em autoformação**. 2017. 322 f. Tese (Doutorado em Ciências Exatas) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2017.

CAMPOS, Casemiro de Medeiros. **Gestão escolar e docência**. 4. ed. São Paulo: Paulinas, 2014.

CANCHERINI, Angela. A socialização do professor iniciante: Um difícil começo. **II Congresso Internacional sobre professorado principiante e inserción profesional a la docência**. 2010 p. 1-10. Disponível em: <https://docplayer.com.br/36268899-li-congreso-internacional-sobre-profesorado-principiante-e-insercion-profesional-a-la-docencia.html>. Acesso em: 21 maio 2022.

CAVACO, Maria Helena. Ofício do professor: o tempo e as mudanças. *In*: NÓVOA, António (coord.). **Profissão professor**. 2. ed. Porto, Portugal: Porto Editora, 1995. p. 155-191.

CHENÉ, Adéle. A narrativa de formação e a formação de formadores. *In*: NÓVOA, António; FINGER, Matthias. **O método (auto)biográfico e a formação**. 2. ed. Natal, RN: EdUFRN, 2014. p. 121-132.

CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. **Pesquisa narrativa: experiências e história em pesquisa qualitativa**. 2. ed. rev. Uberlândia: EdUFU, 2015.

CUNHA, Maria Isabel da. Conta-me agora! As narrativas como alternativas pedagógicas na pesquisa e no ensino. **Rev. Fac. Educ**, São Paulo, v. 23. n. 1-2, jan./dez.1997.

CUNHA, Maria Isabel da. **O bom professor e sua prática**. 2. ed. São Paulo: Papirus, 2012.

DALMAZZO, André Krusser. **Almanach da aventura da formação de um desenhista professor**. 2016. 144f. Tese (Doutorado em Educação) - Centro de Educação, Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria. 2016.

DOMINICÉ, Pierre. O processo de formação e alguns dos seus componentes relacionais. *In*: NÓVOA, António; FINGER; Mathias. (org.). **O método (auto) biográfico e a formação**. 2. ed. Natal, RN: EDUFRN, 2014, p. 77-90.

FEIL, Cleide Terezinha Neumann. **(Entre)laços da docência: escrita de si, autoapoiese e aprendizagem na docência**. 2019. 154f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Comunitária da Região de Chapecó, Chapecó. 2019.

FERNANDES, Jucelma Lima Pereira. **Professoras iniciantes e os efeitos da Pandemia em suas práticas em Mato Grosso**. 2022. 139f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Rondonópolis, Rondonópolis, 2022.

FERREIRA, Beatriz Vito Vieira. **Narrativas do cotidiano, formação e trabalho docente**: reflexões sobre perejivanie. 2021. 124f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 2021.

FIGUEIRÊDO, Arthame Menezes. **Práticas docentes nos anos iniciais do Ensino Fundamental e o curso de Pedagogia**: o ensino de conceitos científicos. Uberlândia, MG: Navegando Publicações, 2019.

FONSECA, Elizabete Martins da. **Imaginário e formação de educadores**: a narrativa de si. 2016. 183f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Carlos, São Paulo. 2016.

FURTADO, Daniele Barros Vargas. **Cartas a Paulo Freire**: narrativas de uma professora iniciante. 2019. 85f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2019.

FRAUENDORF, Renata Barroso de Siqueira. **A voz de uma professora-formadora que se inventa e reinventa a partir da/com/na escola**. 2016. 170f. Dissertação. (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. São Paulo. 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREITAS, Bruno Miranda; BARGUIL, Paulo Meireles. Histórias de vida e pesquisa (auto)biográfica: contribuições para a formação da identidade docente. **Revista Educar Mais**, [S. l.], v. 5, n. 2, p. 280–293, 2021. DOI: 10.15536/reducarmais.5.2021.2242. Disponível em: <https://periodicos.ifsul.edu.br/index.php/educarmais/article/view/2242>. Acesso em: 20 maio 2022.

GASPAR, Mônica Maria Gadêlha de Souza. **Acompanhamento de memorial de formação**: entre formar e formar-se. 2014. 241f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2014.

GIROUX, Henry. **Teoria crítica e resistência em educação**: para além das teorias de reprodução. Petrópolis, RJ: Vozes, 1986.

GOHN, Maria da Glória. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. *In: Ensaio*: aval. pol. Públ. Educ., Rio de Janeiro. v. 14, n. 50, 2006, p. 27-38.

GONÇALVES, Jadson Fernando Garcia. **Biografemática e formação**: fragmentos de escrita de uma vida. 2013. 130f. Tese (Doutorado em Educação) - Instituto de Ciências da Educação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2013.

HUBERMAN, Michaël. O ciclo de vida profissional dos professores. *In: NÓVOA, A.* (org.). **Vidas de professores**. 2. ed. Porto/Portugal: Porto Editora, 1992. p. 33-62.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

HOSSEIN, Tatiana Spíndola. **A formação docente inicial e o teatro de sombras e luz-eu: Reflexão da vida e formação a partir das escritas de si**. 2013. 92f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2013.

JOSSO, Marie-Christine. Da formação do sujeito... Ao sujeito da formação. *In*: NÓVOA, António; FINGER, Mathias (org.). **O método (auto) biográfico e a formação**. 2. ed. Natal, RN: EDUFRN, 2014. p. 57-76.

JOVCHELOVITCH, Sandra; BAUER, Martin W. Entrevista narrativa. *In*: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som: um manual prático**. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p. 90-113.

LARROSA, Jorge. **Tremores: escritos sobre experiência**. Trad. Cristina Antunes e João Wanderley Geraldi. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2014.

LECHNER, Elsa. Oficinas de trabalho biográfico: pesquisa, Pedagogia e ecologia de saberes. **Educ. Real**. Porto Alegre, v. 37, n. 1, jan./abr. 2012, p. 71-85. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/21807/16032>. Acesso em: 10 maio 2022.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 7. ed. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 2013.

LIMA, Maria Socorro Lucena. O estágio nos cursos de licenciatura e a metáfora da árvore. rev. **Pesquiseduca**, Santos, v. 1, n. 1, p. 45-48, jan. 2009. Disponível em: <https://periodicos.unisantos.br/pesquiseduca/article/view/44> Acesso em: 18 jul. 2022.

LOPES, Mariana Fonseca. **As dores e amores de tonar-se professora: minhas memórias de professora iniciante**. 2014. 104f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

LOPES, Rodrigo Alberto. **Semear-se (em) um campo de dilemas: uma autoetnografia de um professor de educação física principiante na zona rural de Ivoti/RS**. 2012. 311f. Dissertação. (Mestrado em Educação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2012.

LOPES, Rodrigo Alberto. MOLINA, Rosane Maria Kreuzburg. A reinvenção da docência pela autoformação: a educação do campo e a educação física escolar ante um horizonte cosmopolita. **Anais Anped**. 2012. Disponível em: [https://www.anped.org.br/sites/default/files/gt08-2432\\_int.pdf](https://www.anped.org.br/sites/default/files/gt08-2432_int.pdf) Acesso em: 18.08.2022.

MACHADO, Patricia Lopes Pimenta. Educação em tempos de pandemia: O ensinar através de tecnologias e mídias digitais. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo**

**do Conhecimento.** Ano 05, Ed. 06, v. 08, p. 58-68, junho de 2020. ISSN: 2448-0959. Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/tempo-de-pandemia>. Acesso em: 20 maio 2022.

MAGDA SOARES. **Metamemória- memórias:** travessia de uma educadora. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1990.

MAGNANI, Maria do Rosário M. **Em sobressaltos:** formação de professora. Campinas, São Paulo: Unicamp, 1997.

MARCELO GARCÍA, Carlos. **Formação de professores:** para uma mudança educativa. Porto, Portugal: Ed. Porto: 1999.

MARIANO, O. início da docência e o espetáculo da vida na escola: abrem-se as cortinas. *In:* LIMA, Emília de (org.). **Sobrevivências no início da docência.** Brasília: Editora Liber Livro 2006, p. 17-25.

MARTINS, Rosana Maria *et al.* O Grupo Investigação/UFR e os movimentos que entrelaçam pesquisas em rede. *In:* Simpósio de Grupos de Pesquisa sobre Formação de Professores do Brasil. **Anais...** Brasília, DF: Universidade de Brasília, 2021. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/IVSIMPOSIODEGRUPOSDEPESQUISADEFORMACAODEPROFESSORES/341863-O-GRUPO-INVESTIGACAOUFR-E-OS-MOVIMENTOS-QUE--ENTRELACAM-PESQUISAS-EM-REDE> Acesso em: 18 jan. 2023.

MOROSINI, Marilia Costa; FERNANDES, Cleoni Maria Barbosa. Estado de conhecimento: conceitos, finalidades e interlocuções. **Educação por escrito.** Porto Alegre, v. 5, n. 2, p. 154-164, jul./dez. 2014. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/poescrito/article/view/18875/12399>. Acesso em: 20 maio 2022.

MOROSINI, Marilia Costa; KOHLS-SANTOS, Priscila; BITTENCOURT, Zoraia. **Estado do Conhecimento:** teoria e prática. Curitiba, PR: Editora CRV, 2021.

NÓVOA, António. Os professores e as histórias da sua vida. *In:* NÓVOA, A. (Org.). **Vida de Professores.** 2. ed. Lisboa: Porto, 1992, p. 5-29.

NÓVOA, António; FINGER; Mathias (org.). **O método (auto) biográfico e a formação.** 2. ed. Natal, RN: EDUFRRN, 2014. p. 57-76.

OLIVEIRA, Elizabete Gaspar de. **A Formação do Professor Experiente no Projeto OBEDUC e os reflexos em suas práticas a partir das percepções dos Professores Iniciantes.** 2019. 104f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Rondonópolis, Rondonópolis, 2019.

OLIVEIRA, Lidiane Martins de. **(Des)caminhos de um devir-professora.** 2018. 110f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2018.



OLIVEIRA, Rosa Maria Moraes Anunciato de. Narrativas: contribuições para a formação de professores, para as práticas pedagógicas e para a pesquisa em educação. **R. Educ. Públ.** Cuiabá, v. 20 n. 43 p. 289-305, maio/ago. 2011.

PASSEGGI, Maria da Conceição. A formação do formador na abordagem autobiográfica. A experiência dos memoriais de formação. *In*: SOUZA, Elizeu Clementino; ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (org.). **Tempos, narrativas e ficções**: a invenção de si. Porto Alegre, RS: EDIPUCRS, 2006. p. 203-218.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Memorial de formação. *In*: OLIVEIRA, D. A.; DUARTE, A. M.C.; VIEIRA, L. M. F. **Dicionário**: trabalho, profissão e condição docente. Belo Horizonte: UFMG / Faculdade de Educação, 2010. CDROM.

PASSEGGI, Maria da Conceição. A experiência em formação. **Educação**. Porto Alegre, v. 34, n. 2, maio/ago. 2011, p. 147-156.

PASSEGGI, Maria da Conceição; SOUZA, Elizeu Clementino de; VICENTINI, Paula Perin. Entre a Vida e a Formação: pesquisa (auto)biográfica, docência e profissionalização. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 27, n. 1, abr. 2011, p. 369-386. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/edur/v27n1/v27n1a17.pdf>. Acesso em: 5 abr. 2022.

PASSEGGI, Maria da Conceição; SOUZA, Elizeu Clementino de. O Movimento (Auto)Biográfico no Brasil: Esboço de suas Configurações no Campo Educacional. **Rev. Inv. Cual**, 2017, p. 5-26.

PASSOS, Laurizete Ferragut. Práticas formativas em grupos colaborativos: das ações compartilhadas à construção de novas profissionalidades. *In*: ANDRÉ, Marli. (org.). **Práticas inovadoras na formação de professores**. Campinas, SP: Papyrus, 2016, p. 165-188.

PERRENOUD. Philippe. **A prática reflexiva no ofício de professor**: profissionalização e razão pedagógica. Porto Alegre, RS: Artmed, 2002.

PINEAU, Gaston. A autoformação no decurso da vida: entre a hétero e a ecoformação. *In*: NÓVOA, António; FINGER, Matthias. **O método (auto)biográfico e a formação**. 2. ed. Natal, RN: EdUFRN, 2014. p. 91-109.

PRADO, Guilherme do Val Toledo; SOLIGO, Rosaura. A. Memorial de formação: quando as memórias narram a história da formação. *In*: PRADO, G. V. T; SOLIGO, R. (Org.). **Porque escrever é fazer história**: revelações, subversões, superações. 2. ed. Campinas, SP: Alínea, 2007. v.1, p. 45-60.

RIOS, Terezinha Azerêdo. **Ética e competência**. 20. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

ROCHA, Simone Albuquerque da. O projeto colaborativo OBEDUC/UFMT/ e seus desdobramentos em redes de estudos e pesquisa. **Form. Doc.**, Belo Horizonte, v. 09, n. 16, jan./jun 2017. p. 123-142.

ROCHA Simone Albuquerque da; ANDRÉ, Marli E. A. D. Os memoriais na



licenciatura: narrativas dos entre-espaços da formação docente. *In*: ROCHA, Simone Albuquerque da (org.). **Licenciaturas em discussão**. Cuiabá, MT: EdUFMT, 2010. p. 77-91. ISBN: 978.85-327-0368-2.

ROCHA, Simone Albuquerque da; MARTINS, Rosana Maria. O grupo Investigação/PPGEdu/UFTM e sua trajetória de pesquisa em Mato Grosso. **Rev. Formação Docente**, Belo Horizonte, v. 10, n. 19, p. 85-100, jun./dez., 2018.

ROSA, João Guimarães 1908-1967. **Tutameia** (Terceiras estórias). 9. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

SCABAROSSO, Francisca Edjane Marcelino Magalhães. **Reflexões e práticas no ensino de Ciências e Matemática nos anos iniciais**: Estudo de caso de uma professora em início da docência. 2019. 155f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Juíz de Fora, Juíz de Fora, 2019.

SILVA, Lais Agnes da Silva. **A Universidade Pública e a formação de uma professora surda**. Narrativas autobiográficas sobre surdez e a língua brasileira de sinais. 2020. 150f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2020.

SILVA, Marilda da. **Complexidade da formação de profissionais**: saberes teóricos e saberes práticos. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

SIMAS, Vanessa França. Narrativas compartilhadas na formação de professora iniciante. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 37, e75677, 2021.

SOUZA, Carolini Rodrigues Groto; ROCHA, Simone Albuquerque da. Graduandas em grupo colaborativo SIEX OBEDUC/UFMT: inserção à pesquisa. *In*: Semiedu, Cuiabá, **Anais...**, 2018.

SOUZA, Carolini Rodrigues Groto. **Memorial-Didática**, 2017.

SOUZA, Carolini Rodrigues Groto. **Memorial-Estágio Educação Não Formal**, 2016

SOUZA, Carolini Rodrigues Groto. **Memorial-Estágio Educação Infantil**, 2017.

SOUZA, Carolini Rodrigues Groto. **Memorial-Estágio Ensino Fundamental**, 2018.

SOUZA, Carolini Rodrigues Groto. **Memorial-Professora Iniciante**, 2019.

SOUZA, Carolini Rodrigues Groto. 128f. **Os diferentes olhares de uma licencianda sobre sua formação**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia). Universidade Federal de Mato Grosso/Universidade Federal de Rondonópolis, 2019.

SOUZA, Carolini Rodrigues Groto. **Rememórias do TCC**, 2019.

SOUZA, Carolini Rodrigues Groto. **Memorial-Professora Iniciante**, 2020.

SOUZA, Carolini Rodrigues Grotto. **Memorial-Professora Iniciante**, 2021.

SOUZA, Carolini Rodrigues Grotto. **Memorial-Professora Iniciante**, 2022.

SOUZA, Carolini Rodrigues Grotto. **Memorial-Mestrado**, 2022.

SOUZA, Elizeu Clementino de. Memórias e trajetórias de escolarização: abordagem experiencial e formação de professores para as séries iniciais do Ensino Fundamental. 2004. **Anped**. Acesso em: 19 nov. 2022. Disponível em: <https://www.anped.org.br/biblioteca/item/memorias-e-trajetorias-de-escolarizacao-abordagem-experiencial-e-formacao-de>

SOUZA, Elizeu Clementino de. (Auto)biografia, histórias de vida e práticas de formação. *In*: NASCIMENTO, A. D.; HETKOWSKI, T. M. (org.). **Memória e formação de professores** [online]. Salvador, BA: EDUFBA, 2007. 310 p. ISBN 978-85-232-0484-6. Available from SciELO Books.

SOUZA, Elizeu Clementino de. História de vida, escritas de si e abordagem experiencial. *In*: SOUZA, E. C de. MIGNOT; VENÂNCIO, Ana Chrystina (org.). **História de vida e formação de professores**. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2008. p. 89-97.

SPINELLI, Patricia Mangili Juliani. **O bordado-devir nos processos formativos**. 2021. 176f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de São Carlos, Sorocaba, 2021.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

TARDIF, Maurice; LESSARD, Claude. **O trabalho docente: Elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

TAVARES, José; ALARCÃO, Isabel. Paradigmas de formação e investigação no Ensino Superior para o Terceiro Milênio. *In*: \_\_\_\_\_. **Escola reflexiva e nova racionalidade**. Porto Alegre, RS: Artmed, 2001.

VAILLANT, Denise; MARCELO, Carlos. **Ensinando a ensinar: as quatro etapas de uma aprendizagem**. Curitiba, PR: Ed. UTFPR, 2012.

VELLOSO, Luciana Mendes. **O ofício das asas é a procura do voo: Tornar-se professora artista**. 2021. 158f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 2019.

VIANA, Cleide Maria Quevedo Quixadá; VEIGA, Ilma Passos Alencastro. O diálogo acadêmico entre orientadores e orientandos. **Educação**, Porto Alegre, v. 33, n. 3, set./dez. 2010, p. 222-226. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/8079>  
Acesso em: 10 maio 2022.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. Quarta aula. O problema do meio na pedologia. *In*: PRESTES, Z.; TUNES, E. (org.) **7 Aulas de L. S. Vigotski sobre os fundamentos da pedologia**. Rio de Janeiro: E-Papers, 1935/2018, p. 73-92. Recebido em julho de 2019. Aprovado em outubro de 2019.

WESTBROOK, Robert B. *et al.* **John Dewey**. Recife, PE: Fundação Joaquim Nabuco, Massangana, 2010.